



Grazielle Dias Frota

**“Tecnoferência”: interferências do uso de
smartphones na relação entre pais e filhos**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, do departamento de Educação da PUC-Rio.

Orientadora: Prof^a Zena Eisenberg

Rio de Janeiro,
Fevereiro de 2021



Grazielle Dias Frota

“Tecnoferência”: interferências do uso de smartphones na relação entre pais e filhos”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Educação do Departamento de Educação do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Zena Winona Eisenberg

Orientadora

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof^a. Rosália Maria Duarte

Departamento de Educação - PUC-Rio

Prof. Cesar Augusto Piccinini

UFRGS

Prof^a. Monah Winograd

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia e Ciências Humanas

PUC-Rio

Rio de Janeiro, 23/02/2021.

Todos os direitos reservados. A reprodução, total ou parcial, do trabalho é proibida sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Grazielle Dias Frota

Graduou-se em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2016. Atua na área de Educação, com interesse nas áreas de: Tecnologias, Mídia e Educação; Formação de professores e; Desenvolvimento Humano.

Ficha Catalográfica

Frota, Grazielle Dias

“Tecnoferência” : interferências do uso de smartphones na relação entre pais e filhos / Grazielle Dias Frota ; orientadora: Zena Eisenberg. – 2021.

176 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação, 2021.

Inclui bibliografia

1. Educação – Teses. 2. Smartphone. 3. Contexto familiar. 4. Parentalidade. 5. Tecnoferência.
I. Eisenberg, Zena. II. Pontifícia
2. Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Educação. III. Título.

CDD: 370

Agradecimentos

Ao meu Senhor Jesus que me capacitou e ensinou em cada etapa. Ele tem sido um amigo fiel e inseparável.

Aos meus pais, agradeço por nunca pouparem esforços para me ajudar desde o princípio. Vocês sempre foram meus maiores exemplos de temor ao Senhor, fé, perseverança, garra e sinceridade. Esta conquista é para vocês também.

À minha mãe, por cada gesto de carinho, preocupação e oração por mim nesta etapa. Você sabia o quanto desejei viver isso e sonhou comigo. Você sempre esteve presente nas situações difíceis durante o percurso. Aprendi o verdadeiro significado de companheirismo. É uma honra viver ao seu lado, te amar e te admirar cada dia mais!

Ao meu irmão, por me ensinar sobre determinação, principalmente diante de condições desfavoráveis.

À minha querida orientadora Zena Eisenberg, por acreditar que eu poderia chegar até aqui quando nem sempre tinha certeza disso. Obrigada por ter me acompanhado desde o início da graduação, principalmente pela sua paciência e carinho! Realmente, professores podem mudar a trajetória de seus alunos. Você me marcou!

Às parceiras Anna Clara e Jully, vocês foram meus braços no processo da pesquisa! Nunca pouparam esforços para cooperar. Sou muito grata a vocês!

A todas as famílias participantes da pesquisa, obrigada por confiar no nosso trabalho e seriedade.

Ao querido grupo de pesquisa Grudhe - Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação -, cada um dos integrantes me ensinou tanto! Nossas discussões, momentos e conversas foram essenciais para minha trajetória.

À querida Cátia, pelas indicações de leitura. Obrigada pelo incentivo e pelos conselhos.

Às minhas queridas companheiras de vida: Cássia, Marane, Jaci, Erika, mesmo na graduação vocês já compartilhavam comigo esse sonho e sempre me incentivaram. Obrigada por acreditarem em mim, meninas! Vocês são especiais na minha vida.

Às queridas: Tatiane, Alda e Francielen, nossos momentos ficarão guardados. Vocês foram fundamentais.

À minha parceira Clara, sou grata pela alegria de ter dividido essa etapa com você. Obrigada por cada conversa e troca!

À PUC-Rio, ao CNPq - pelo incentivo financeiro e auxílios. Gratidão.

A todos os professores do Programa de Pós Graduação de Educação da PUC-Rio, por todos os ensinamentos e discussões.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Os dispositivos móveis estão amplamente presentes no cotidiano das pessoas. Com a difusão dos smartphones, surgem conflitos e incômodos por conta das interrupções e intrusões dos aparelhos durante interações sociais, fenômeno denominado como tecnoferência. Esta pesquisa buscou investigar a influência do uso de smartphones na relação entre pais e filhos e entender de que forma a presença da tecnologia interfere no contexto familiar. Participaram do estudo 30 responsáveis de crianças de 8 e 9 anos de idade provindos dos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Curitiba e Goiás, de diferentes faixas econômicas. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os participantes por vídeo chamada via WhatsApp durante o período da pandemia de Covid-19. Os dados foram analisados com o software ATLAS.ti, sendo adotada a abordagem quali-quantitativa. Dentre os principais resultados, destacam-se diferentes impactos da utilização do smartphone pelos pais nas interações com seus filhos. Foram percebidas associações entre tecnoferência – invasões do celular durante interações de pais com seus filhos – e conflitos no convívio familiar. As entrevistas apontam para incômodos dos responsáveis sobre seu próprio uso e sobre o uso dos outros membros da família gerando insatisfação e descontentamento. Em contraste, os responsáveis destacaram a utilização compartilhada da tecnologia touch screen como recurso aliado nas interações com os filhos. O presente trabalho traz indicações sobre a necessidade de discussões futuras dos benefícios e malefícios do uso de smartphones por pais e crianças no ambiente familiar.

Palavras-chaves

Smartphone; contexto familiar; parentalidade; *tecnoferência*.

Abstract

This research sought to investigate the influence of the use of smartphones on the relationship between parents and children and, thus, to understand how the presence of technology interferes in the family context. Thirty caregivers of 8 and 9 year old children from the states of Rio de Janeiro, Minas Gerais, Curitiba and Goiás, from different economic backgrounds participated in the study. Semi-structured interviews were conducted with participants via video calling using WhatsApp during the Covid-19 pandemic period. The data were analyzed using the ATLAS.ti software, within a qualitative and quantitative approach. Among the main results, different impacts stand out, such as the use of parents' smartphone during interactions with their children. Associations were noticed between technoferece - cell phone invasions during interactions between parents and their children - and conflicts in family life. The interviews point to parents; worrying about their own use of the technology, and about the use of other family members, generating dissatisfaction. On the other hand, parents also highlighted the shared use of touch screen technology as an ally resource in interactions with their children. The present research provides indications about the need for future discussions regarding the benefits and harms of the use of smartphones by parents and children in the family environment.

Keywords

Smartphone; family context; parenting; technoferece.

Sumário

1. Introdução	13
2. Revisão de Literatura	16
2.1. Difusão do <i>smartphone</i>	16
2.2. Uso das crianças	18
2.3. Uso dos adultos.....	23
2.3. A presença do <i>smartphone</i> na relação entre pais e filhos.....	28
2.4. Tecnoferência.....	45
3. Infância e suas diferentes idades	48
4. Família, Parentalidade e Coparentalidade	56
5. Justificativa.....	63
6. Questões de pesquisa.....	64
7. Piloto da pesquisa	65
7.1. Metodologia.....	65
7.2. Perfil dos participantes	65
7.3. Procedimento do estudo piloto	67
7.4. Instrumento do Piloto	67
7.5. Análise.....	68
7.6. Resultados	68
8. Metodologia.....	81
8.1. Pandemia e a pesquisa	81
8.2. Participantes.....	82
8.3. Procedimentos de pesquisa	83

8.4. Questões éticas.....	83
8.5. Produção de dados e instrumentos de pesquisa.....	83
8.6. Questionário socioeconômico	84
8.7. Análise dos dados	84
9. Resultados e Discussão.....	86
9.1. Família e parentalidade pela perspectiva dos pais.....	90
9.2. Benefícios e malefícios dos smartphones no cotidiano.....	95
9.3. <i>Smartphones</i> na vida dos responsáveis: experiências de uso.	98
9.4. Presença dos <i>smartphones</i> no contexto familiar.....	105
9.5. Características da tecnoferência na relação dos entrevistados com seus filhos.	121
9.6. Regras e compartilhamento do uso na família	137
9.7. O que os pais pensam sobre o uso dos filhos.....	144
10. Conclusão	149
11. Referências bibliográficas:	153
12. Apêndice	162
12.1. Roteiro de Entrevista Semiestruturada.....	162
12.2. Termo de Consentimento livre e esclarecido– Responsáveis.....	164
12.3. Termo de Assentimento.	167
12.4. Manual de Códigos por família.....	169
13. Anexos	176
13.1. Parecer da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio.....	176

Lista de Quadros

Quadro 1: Informações gerais dos responsáveis participantes	66
Quadro 2 – Respostas dos pais sobre os elementos importantes no papel de responsável	69
Quadro 3 – Respostas dos pais e das crianças sobre o que pensam do uso de <i>smartphones</i> dos adultos.....	70
Quadro 4 – Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do <i>smartphone</i> na Relação 1.	72
Quadro 5 - Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do <i>smartphone</i> na Relação 2.	73
Quadro 6 - Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do <i>smartphone</i> na Relação 3.	75
Quadro 7 - Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do <i>smartphone</i> na Relação 4.	76
Quadro 8 - Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do <i>smartphone</i> na Relação 5.	79
Quadro 9: Informações gerais das famílias participantes.....	86
Quadro 10 - Respostas dos entrevistados sobre os benefícios e malefícios da presença do <i>smartphone</i> na vida do homem	96
Quadro 11 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código <i>dependência/vício</i>	101
Quadro 12 - Utilidades dos <i>smartphones</i> dos responsáveis	103
Quadro 13 – Respostas dos responsáveis sobre o que as crianças acreditam que eles fazem no <i>smartphone</i>	104
Quadro 14 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código <i>interação familiar afetada</i>	108
Quadro 15 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com os códigos <i>insatisfação com o uso da família e conflitos entre os membros</i>	111
Quadro 16 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código <i>insatisfação com próprio uso</i>	115
Quadro 17 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código <i>causa distanciamento familiar</i>	117
Quadro 18 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código <i>perda de momentos familiares</i>	119

Quadro 19 - Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com os códigos <i>sente frustração</i> e <i>sente vergonha/culpa</i>	127
Quadro 20 - Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código <i>babá eletrônica</i>	145

Lista de Gráficos

Gráfico 1. Respostas dos entrevistados sobre os elementos importantes no papel de responsável	91
Gráfico 2. Respostas dos entrevistados sobre o significado de tempo de qualidade em família	93
Gráfico 3 – Respostas dos entrevistados de suas percepções sobre o tempo de qualidade na quarentena.....	94
Gráfico 4 - Respostas dos entrevistados sobre suas experiências de uso	99
Gráfico 5 – Respostas dos responsáveis sobre a presença do <i>smartphone</i> no cotidiano da família	106
Gráfico 6 – Respostas dos responsáveis sobre a frequência da tecnoferência do uso dos <i>smartphones</i> deles enquanto estão com os filhos.....	121
Gráfico 7 - Respostas dos responsáveis sobre os motivos da <i>tecnoferência</i> de seu uso nas ocasiões com as crianças.....	123
Gráfico 8 - Respostas dos responsáveis sobre como se sentem quando seus <i>smartphones</i> interferem na relação com as crianças	125
Gráfico 9 - Respostas dos responsáveis sobre como percebem seus filhos quando não dão atenção por conta dos <i>smartphones</i>	130
Gráfico 10 - Respostas dos responsáveis sobre os tipos de comentários feitos pelas crianças.....	132
Gráfico 11 - Respostas dos responsáveis sobre o período dos comentários feitos pelas crianças.	134
Gráfico 12 - Respostas dos entrevistados sobre como se sentem ou reagem diante das interrupções dos filhos quando usam os <i>smartphones</i>	135
Gráfico 13 – Respostas dos responsáveis sobre as distrações dos outros na presença dos filhos.	136
Gráfico 14 - Respostas dos responsáveis sobre as regras durante o período da quarentena	138
Gráfico 15 - Respostas dos responsáveis sobre quais membros da casa estão sujeitos às regras	138
Gráfico 16 - Respostas dos entrevistados sobre possíveis regras que as crianças criariam.	141

Gráfico 17 - Respostas dos entrevistados sobre experiência de uso compartilhado com os filhos..... 142

1

Introdução

A família é a primeira instituição em que a criança cria laços de afeto, aprende sobre o mundo. Os pais se esforçam para proporcionar os meios e instrumentos para que elas cresçam e se tornem adultos responsáveis e capacitados para viverem na sociedade. Nesse contexto de novas exigências, as relações familiares e a criação dos filhos vêm mudando. Em conversas informais é possível perceber preocupações sobre a maneira como os pais têm se envolvido com seus filhos e construído laços de afetividade e sobre o tempo gasto nessa relação.

Se a família pode ser vista como a base da sociedade, é justamente ela que tem sido apresentada como instituição em crise em um contexto de mudanças e rupturas de padrão. Isso aparece diante de muitos questionamentos sobre as obrigações e os papéis dos pais dentro da família, como a de promover não somente o sustento básico, mas, principalmente, a importância das formas como constroem os vínculos de amor, carinho, atenção e envolvimento com seus filhos.

Os questionamentos, alguns deles presentes nas falas das pessoas, surgem a partir de comparações baseadas em experiências vividas pelas gerações anteriores de pais e avós. Muitas preocupações refletem concepções e crenças formadas sobre família, bem como os pilares que a sustentam; o papel dos pais e responsáveis; a infância e as maneiras como os filhos se relacionam com seus pais.

Essas discussões perpassam o advento das tecnologias *touch screen* e o quanto estão inseridas no dia a dia, já que não é raro que sejam culpabilizadas pela interferência nas relações de trabalho e família. Mas, por outro lado, os dispositivos móveis também são reconhecidos como recursos que viabilizam novas experiências tecnológicas, por exemplo a reaproximação entre amigos que vivem em dois extremos do planeta. A internet com sua capacidade de permitir a

interação virtual em tempo real, pode aproximar os que estão longe e oferecer outra forma de comunicação entre os que estão perto.

A inserção principalmente dos *smartphones* no cotidiano, sobretudo das famílias, encontra-se em um cenário em que os impactos serão defendidos por opiniões opostas: a de exaltar ou a de demonizar. Essas concepções estão de alguma forma atreladas à grande quantidade de informações que são publicadas nas mídias impressas e digitais sobre os desdobramentos do uso das tecnologias móveis nos tempos atuais.

A título de exemplo, posso citar as seguintes matérias: “Crianças protestam contra uso excessivo do celular pelos pais”, publicada pela revista *Crescer* (2018); “Bebê se afoga enquanto mãe se distrai com celular” (2018), da revista *Istoé*; e “Os executivos do vale do silício criam seus filhos sem telas. Por quê?” (2019), divulgado pelo site *Virtual Na Real*. Diante disso, é importante também entender como o celular tem estado presente no cotidiano da família, pois os impactos desse uso nas relações parentais podem estar associados com as formas em que os dispositivos são usados pelos adultos na presença de seus filhos.

Agora, pretendo apresentar uma breve contextualização do campo por meio de pesquisas que já se debruçaram sobre a interferência da tecnologia *touch screen* no contexto familiar e suas principais conclusões. Dessa forma, será possível mostrar algumas lacunas que restam diante do que já tem sido investigado pelos pesquisadores.

Foram usados diferentes descritores para fazer buscas em português no google acadêmico e na base de dados do Scielo desde 2015 até junho de 2019. Nessa fase, utilizamos os seguintes descritores: *família, tecnologia, distração parental, celular, infância*. Embora tenha encontrado um número relativamente expressivo (cerca de 450) de trabalhos, os resultados não tratavam especificamente do uso de celular dos pais, bem como o impacto disso na relação com seus filhos.

A partir de revisão realizada por McDaniel (2019), usamos os seguintes descritores em inglês: *technoference, parenting, child, rules, relationship*. Dos artigos encontrados de 2015 até junho de 2019 (cerca de 160), aproximadamente 35 abordavam: a distração dos pais com o uso de celular na presença dos filhos; o uso de *smartphone* relacionado ao descontentamento no contexto da família;

interrupção dessa tecnologia nos momentos de interação entre pais e filhos e os impactos no bem estar da relação parental.

Revisão de Literatura

2.1.

Difusão do *smartphone*

A presente pesquisa se iniciou pela busca por estudos que tratassem dos desdobramentos da ampla utilização da tecnologia *touch screen* para a relação familiar. Diante disso, foi realizado um levantamento de publicações nacionais e internacionais dos últimos cinco anos nas seguintes plataformas: Scielo, Google Acadêmico, Academia.edu e banco de periódicos da Capes. Os descritores usados inicialmente foram: *relacionamento, celular, tecnologia, pais e filhos, conflitos*. No entanto, destacamos a dificuldade em encontrar trabalhos publicados no Brasil, já que somente 10 estavam em diálogo com nosso interesse. Isto nos levou à expandir a busca para descritores em inglês: *distracted parenting, smartphone, parentes, family conflict*. Tendo em vista nosso interesse específico na área que trata da distração dos pais nos dispositivos móveis e a escassez dos trabalhos publicados em português, ressaltamos que alguns artigos de revisão internacionais foram de importante ajuda para elucidar a temática. Por conseguinte, a revisão de literatura apresenta principalmente estudos de países como Estados Unidos, Reino Unido e Espanha, entre outros.

A revolução das tecnologias ao longo da história da humanidade proporcionou grandes conquistas com o intuito de auxiliar o ser humano em diferentes tarefas. Os *smartphones*, como aparelhos inteligentes, possuem muitas funcionalidades. Isso se deve principalmente pelas muitas funcionalidades e variedade de aplicativos pensados para essa tecnologia. Com a internet, os aparelhos telefônicos dão acesso a um mundo de informações, jogos, mídias sociais, transações bancárias, e uma vasta possibilidade de ações que anteriormente eram feitas pessoalmente ou por meio de um computador, além de

outros veículos. Os *smartphones* conferiram uma mobilidade no acesso à informação nunca antes experimentada e, por isso, entraram de maneira irreversível no cotidiano das pessoas, causando uma verdadeira revolução no nosso cotidiano e, por conseguinte, naquele das nossas crianças.

No Brasil, os celulares com acesso à internet são mais consumidos do que outras tecnologias. O site da *Época Negócios* publicou uma pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas (2019) mostrando que o número de *smartphones* usados no país é de 230 milhões, superando a quantidade de outros dispositivos móveis, como o *tablet* e o *notebook*. Os celulares tornaram-se parte do cotidiano e estão presentes em ambientes públicos - em idas ao parque, à praia, ao *shopping*; além dos ambientes privados - nos momentos em família.

Diante desse cenário, Harmon e Mazmanian (2013) entendem que a inserção dos celulares na vida das pessoas fez com que distintos discursos surgissem. Foram analisadas reportagens, comerciais e discursos que circulam no cotidiano para entender as diferentes concepções que sustentam, ora a visão de benefício, ora a visão de malefício do uso dos *smartphones*. Essas discussões são cada vez mais frequentes e têm levado os pesquisadores a se debruçarem sobre os efeitos do amplo acesso às tecnologias *touch screen* tanto na vida das crianças, como na vida dos adultos.

Nos achados dos autores, detectou-se a distinção de duas visões que divergem sobre as consequências advindas da forma com que o ser humano está usufruindo dos *smartphones* e como ele permite que o uso desses dispositivos móveis intervenha em suas relações pessoais. A primeira visão estava pautada na ideia de que os *smartphones* permitem muito mais do que uma integração, já que foi com o advento dessas tecnologias que o ser humano teve um salto na otimização de seu tempo e, assim, ampliar sua produtividade. A integração, o aumento da produtividade e a otimização do tempo estão relacionados com o indivíduo poder romper as barreiras entre o trabalho e sua execução em outros ambientes, de permitir que várias tarefas sejam feitas simultaneamente. Ainda nessa visão, o homem pode desempenhar melhor seu papel de pai, mãe, marido, amigo; e, assim, estreitar os laços relacionais por meio da melhoria na comunicação (HARMON & MAZMANIAN, 2013).

Por outro lado, a visão que divergiu desta linha de pensamento defendeu a ideia de desintegração como consequência do uso exacerbado após a difusão dos

celulares *touch screen* no dia a dia da sociedade. Harmon e Mazmaniean (2013) apontaram que esse discurso considera que a presença desses dispositivos tem gerado barreiras nos relacionamentos interpessoais e por isso são perigosas ferramentas que minam a união e a comunicação entre pessoas. Essas barreiras são construídas a partir do momento em que o ser humano se torna refém e viciado no uso do celular, pois já não consegue mais viver seu cotidiano desvinculado desse aparelho. Mediante as discussões de Harmon e Mazmaniean (2013), percebe-se que os veículos de comunicação, discursos e experiências relatadas apontam para fortes impactos dos *smartphones* principalmente nos relacionamentos pessoais, seja para integrar ou desintegrá-los.

2.2.

Uso das crianças

Muitas pesquisas têm surgido com diferentes enfoques para entender os desdobramentos do uso do *smartphone* em diferentes contextos. Sobral (2018) realizou sua pesquisa de observação e entrevista da rotina de pais e filhos de 10 famílias. Seu objetivo era compreender a relação das crianças com as mídias, além da interferência desse uso nas relações familiares.

Estudos nacionais e internacionais apontam para discussões sobre a ampla difusão do acesso aos *smartphones* pelas crianças, a influência dos pais no contato com a tecnologia e as características desse uso, como conteúdos consumidos, tempo e tipos de mediação (SOBRAL, 2018). Além disso, ainda na sua revisão, Sobral (2018) fez alusão a trabalhos que indicam elementos que influenciam o uso dos dispositivos pelas crianças, sobre a presença das mídias na rotina das famílias envolvendo também seus filhos e a preocupação dos pais diante de possíveis riscos nessa interação.

Diante das observações e entrevistas coletadas, Sobral (2018) apresentou um quadro de forte presença do *smartphone* nas atividades diárias das famílias e as possíveis interferências do uso, em alguma medida, nas relações familiares. Na fala dos pais apareceram preocupações sobre como deveriam intermediar o uso das tecnologias pelos filhos e o que de fato conseguiriam fazer. Problemas

relacionados à tecnologia *touch screen* foram associados à utilização excessiva dos aparelhos. Se, de um lado, os pais em alguns relatos apontaram para uma inquietação para que esse uso não se torne viciante, por outro lado, eles relataram que as tecnologias *touch screen* em muitas situações servem para acalmar e distrair seus filhos - como “babás eletrônicas” (SOBRAL, 2018).

Galera e Poveda (2016) fizeram entrevistas com 9 famílias de crianças de 3 a 7 anos de idade na região metropolitana de Madri, observaram suas rotinas e realizaram visitas domiciliares. Em diálogo com o que Sobral (2018) aponta, os pais relataram que utilizam os celulares para entreter principalmente seus filhos menores enquanto estão ocupados (GALERA & POVEDA, 2016). Segundo eles, a rotina da casa foi fortemente articulada com a presença das tecnologias *touch screen* no dia a dia das famílias. Somado a isto, ressalta-se que a idade da criança impacta fortemente na utilização desses dispositivos móveis – as mais velhas mostraram usar menos do que as mais novas. Isso pode estar relacionado com o fato dos meninos e meninas de mais idade frequentarem outros espaços e, assim, ter menos tempo para usar tais dispositivos.

A preocupação com relação ao uso das crianças tem sido tema de muitos debates em estudos na área da psicologia, saúde e educação. Embora ainda não se tenha muitos dados sobre possíveis impactos a médio e longo prazo, muitos pais se preocupam e têm se preocupado sobre como a interação entre seus filhos e dispositivos tecnológicos - como computador, televisão e *smartphones*, acontecem e o que podem causar.

No entanto, é necessário adotarmos um olhar crítico com relação a o que se tem apresentado tanto nas grandes mídias quanto nas manifestações de profissionais da saúde sobre a inserção das tecnologias móveis na vida do ser humano, principalmente quando o assunto é o uso das crianças. Buckingham (2007) diz que o campo de discussões da relação entre as crianças e as mídias se apresenta com uma polarização entre ser contra ou a favor do uso desses recursos. Não existe um consenso no que diz respeito aos possíveis benefícios ou malefícios, mas associações internacionais - como a Academia Americana de Pediatria, e organizações não governamentais formadas por pais e pesquisadores - Common Sense Media - discutem recomendações de uso dado aos responsáveis como tempo e adequação de conteúdo de consumo para as crianças.

A tecnologia *touch screen*, no entanto, pode ser vista também como aliada no processo de ensino de crianças e adultos. Muitas instituições têm se movimentado no sentido de avançar no seu sistema de ensino por meio de ofertas de novas experiências para seus alunos. Isso se concretiza, entre muitas outras propostas, através do uso de instrumentos que simulam novos ambientes de aprendizagem, como é o caso do Projeto Geração Móvel (MOURA, 2009). A interação dos alunos com os *smartphones* e o acesso à internet em sala de aula, como recursos pedagógicos, são exemplos dessa proposta. Segundo Moura (2009), os alunos puderam incorporar os dispositivos móveis como recursos de aprendizagem tanto no nível individual, quanto no nível colaborativo.

É por meio do contato com as tecnologias móveis que crianças e jovens agem no mundo e criam novas maneiras de representar e construir relações sociais. É inegável, portanto, a necessidade de se pensar sobre as formas em que o *smartphone* tem sido apropriado por seus usuários. Portanto, deve ser considerado seu impacto na dimensão cultural e social desse contexto de inserção.

A organização Common Sense Media e a Escola de Comunicação e Jornalismo do Sul da Califórnia - USC Annenberg - mapearam a utilização de adolescentes e adultos no Reino Unido no ano de 2018. A pesquisa contou com a participação de 1.200 pais e filhos com idades entre 13 e 17 anos para entender os impactos das mídias em suas vidas por meio da aplicação de um questionário. De acordo com os dados, 2 em cada 3 respondentes acreditaram que a utilização faz com que habilidades tecnológicas sejam aprendidas. No entanto, 72% dos pais e 54% dos adolescentes afirmaram que o *smartphone* é um recurso de distração pelo menos uma vez durante o dia. No tocante aos motivos de conflitos familiares, os pais destacaram o “tempo de tela” como terceiro elemento, perdendo somente para “tarefas diárias”.

Outra pesquisa feita pela organização Common Sense Media nos Estados Unidos em 2019 com 1.000 entrevistados – pais e filhos de 12 a 18 anos – descobriu um aumento do tempo gasto com dispositivos móveis saindo de 29% em 2016 para 52% em 2018 entre os respondentes. Apesar de 45% dos pais se sentirem viciados com o uso do celular – destacam-se as mulheres nesse cenário - 65% dos responsáveis apresentaram preocupação com seus filhos. Ainda sobre a utilização dos adolescentes, de acordo com os resultados, muitas famílias ainda disseram adotar regras na inserção das tecnologias *touch screen* na vida de seus

filhos. Os adolescentes relataram também que são acordados pelas notificações de seus aparelhos durante a noite.

Os pesquisadores de diversos países estão procurando entender as características do uso de *smartphones* por crianças e adolescentes e, assim, conhecer mais sobre as distintas formas em que esses aparelhos estão presentes em suas vidas. No entanto, o papel da família e o contato dos pais com esses dispositivos vão corroborar com a construção de diferentes contextos em que as crianças e adolescentes vão interagir com eles. Isto é, o contexto familiar e cultural em que crianças e adolescentes crescem podem trazer importantes impactos sobre sua relação não somente com os *smartphones*, mas também com as tecnologias em geral.

Foi feito na Holanda um estudo por meio da aplicação de questionários com cerca de 1.300 pais de crianças de 0 a 7 anos de idade. Seu objetivo era compreender a presença das mídias no ambiente familiar com relação às características das famílias e o consumo de celulares, TVs, computadores, entre outros. Os resultados indicaram que os pais são importantes modelos para seus filhos quando o assunto é a interação entre eles e as mídias (NIKKER, 2017). Isso acontece por conta dos hábitos construídos em torno das mídias pelas pessoas que frequentam o ambiente próximo de convívio das crianças e adolescentes. Além disso, os filhos acabam adquirindo e consumindo as mídias no próprio ambiente doméstico.

Nikker (2017) aponta que existe uma grande diferença entre as famílias com menor e maior consumo de mídias com relação a renda, nível de escolaridade, número de dispositivos em casa. As famílias com maior utilização das tecnologias são apresentadas como aquelas que possuem menor nível de escolaridade e renda anual e, em contra partida, possuem o maior número de dispositivos em casa. Portanto, a interação dos filhos com as tecnologias vai depender do contexto doméstico em que estão inseridas, como tempo de tela, proficiência das crianças e dos pais. A percepção dos pais sobre a presença das mídias no cotidiano, juntamente com o grau de instrução e nível socioeconômico, também exercem impactos sobre o uso dos filhos.

Algumas linhas de estudo se debruçam sobre a relação entre o uso dos adultos e de seus filhos. Sabendo que na maioria das vezes o primeiro contato provém do contexto doméstico, a interação construída entre a criança e a

tecnologia *touch screen* pode ser diretamente ou indiretamente afetada pela forma com que seus pais a utilizam no cotidiano. Nas entrevistas com os filhos de famílias turcas, Cizmecci (2016) destacou que, pelo fato de o uso dos *smartphones* pelos pais serem fonte de alívio de estresse após a rotina de trabalho, isso fez com que as crianças também usem os dispositivos porque se sentem ignorados.

A Academia Americana de Pediatria (AAP, 2016) faz recomendações para que o uso pelas crianças tenha regras e seja experienciado também juntamente com os pais. Essas recomendações dizem respeito à idade recomendada para o uso inicial, bem como o tempo de tela e a mediação durante esse momento. Para discutir essa temática, foi realizado um estudo em que questionários foram aplicados junto a 50 pais de crianças de 7 a 12 anos. Constatou-se que a mediação feita por eles pode variar de acordo com elementos como carga de trabalho, concepção sobre a tecnologia e crenças parentais nessa utilização (MAIDEL & VIEIRA, 2015). Além disso, os autores mostram que os responsáveis são aqueles que oferecem oportunidades do contato com as mídias pelos seus filhos, ao mesmo tempo em que elaboram as normas, regras, restrições e orientações no contexto familiar.

As regras de utilização e a maneira como elas são aplicadas também têm sido tema de debate no campo acadêmico. Hiniker et al. (2016) buscaram entender o que 498 pais e seus filhos (de 10 a 17 anos) estão pensando sobre a utilização dos dispositivos móveis no contexto familiar por meio de entrevistas. De acordo com os participantes, a tecnologia se configurou como elemento que desloca a atenção nos momentos familiares e eles sentiram a necessidade de compartilhar mais momentos uns com os outros (HINIKER et al., 2016). Os filhos relataram sobre a falta de cumprimento das regras que seus pais mesmos estipulam.

Marsh et al. (2018) procuraram entender a relação das crianças do Reino Unido com a tecnologia *touch screen* e como os aplicativos são utilizados por elas. A pesquisa foi dividida em etapas e utilizou métodos variados em cada uma delas: aplicação de questionário junto aos pais, estudo de casos de algumas famílias e análise de aplicativos usados pelas crianças. Em concordância com as recomendações da Academia Americana de Pediatria, 57% dos pais participantes afirmaram acompanhar o uso de seus filhos. Os autores expuseram a preocupação dos pais com os riscos de conteúdos inadequados. As crianças participantes do

estudo tinham menos do que cinco anos; os aplicativos mais usados por elas foram analisados. Segundo Marsh et al. (2018), foi observado que as meninas exploram mais aplicativos para colorir e montagens de roupas e, em contrapartida, os meninos se interessam mais por jogos de estratégia e de realidades virtuais. Os autores apontaram que as crianças utilizaram aplicativos não indicados para sua faixa etária devido à ampla gama de possibilidades disponível.

A mediação necessária durante a interação entre a criança e a tecnologia *touch screen* está relacionada também com o interesse e a desenvoltura do adulto com a plataforma. Para Chiong e Shuler (2010), os aplicativos precisam ter enredo e instrução que engaje os pais a usarem os aplicativos com seus filhos. O envolvimento deles, bem como sua orientação, com as crianças no momento de interação com a tecnologia pode ajudar na aquisição de conteúdos educativos propostos por alguns jogos.

Uma família israelense foi acompanhada por pesquisadores por dois anos e foi observado especificamente a desenvoltura ao longo do tempo de uma criança com uma segunda língua a partir da interação com a tecnologia (BAR-LEV et al., 2019). Uns dos principais apontamentos estão nas limitações da criança em explorar a tecnologia, principalmente quando não acompanhada pela mãe. Além disso, a criança não conseguiu adquirir certos conhecimentos propostos pela plataforma porque faltou instrução e acompanhamento. As conclusões reforçam a importância da mediação dos responsáveis, principalmente para uma alfabetização midiática (BAR-LEV et al., 2019).

2.3.

Uso dos adultos

Não é difícil de observar o quanto os adultos utilizam essas tecnologias em diferentes contextos e com diferentes propósitos. Independente da idade - se é jovem, adulto ou idoso - o acesso aos *smartphones* tem aumentado e gerado debates de naturezas distintas sobre sua apropriação e adequação de uso nos ambientes.

É perceptível a presença da tecnologia em situações e contextos variados; no entanto, nem sempre trazem boas repercussões. Já existem questionamentos e apontamentos em debates sobre a interferência dos dispositivos móveis, principalmente dos *smartphones* em situações como conversas entre amigos, jantar entre um casal e o lazer entre pais e filhos - por exemplo (McDaniel & Coyne, 2016; Hiniker et al., 2016; Cizmeci, 2016).

A discussão voltada para a inserção dos adultos no universo das mídias se torna tão importante quanto qualquer outra investigação ligada à utilização desses recursos. O uso dos adultos, contudo, está imbricado com outras questões que ajudam a entender os motivos que levam pais, mães, avós, jovens a se apropriarem da tecnologia *touch screen* de maneira tão intensa.

Marcas de aparelhos no mundo inteiro estão na corrida para construir - através da tecnologia *touch screen* - os denominados celulares inteligentes (*smartphones*), cada vez mais capazes de atender às necessidades do ser humano moderno. A difusão dos dispositivos móveis tem sido acompanhada por empresas que estudam e investem em tecnologia para lançar no mercado *smartphones* com preços, modelos e design de acordo com a procura do usuário. A variedade de opções desses dispositivos móveis permite que as crianças, mas principalmente os adultos, os adotem em sua rotina.

O *smartphone* é compatível e permite o funcionamento de uma gama de aplicativos que vão fornecer para a pessoa praticidade e entretenimento através de seus muitos recursos. Os adultos imersos no mundo dos dispositivos móveis podem usar essa ferramenta e, assim, otimizar seu tempo em atividades simples do dia a dia. A otimização do tempo está associada à facilidade permitida pelos celulares com acesso à internet em desempenhar tarefas distintas em qualquer lugar que se esteja. Hoje em dia, é possível fazer uma compra por um aplicativo e, ao mesmo tempo, pagar um boleto sem sair de casa. Em outros anos, seria necessário ir a uma agência física e gastar tempo em filas para realizar a mesma tarefa. A otimização do tempo está nesse exemplo e em muitos outros que cooperaram para que cada vez mais pessoas em diferentes contextos socioeconômicos façam uso dessa tecnologia.

Os pais vislumbram oferecer melhores condições para seus filhos e construir um conforto para a família. Teykal et al. (2007) discutiram sobre a mudança da posição da mulher no mercado e apontaram para a presença do

discurso de valorização do trabalho remunerado para o gênero. Com essa mudança, as mulheres puderam participar ativamente do orçamento familiar com os ganhos de salário e assim contribuir para a busca por melhores condições de vida através de uma oferta maior de possibilidades de lazer, acesso à planos de saúde, ingresso em escolas privadas e até na terceirização do trabalho doméstico.

Esse contexto de transformações na vida familiar cooperou para a construção de rotinas intensas para os adultos. É inevitável não usar tecnologias que possam cooperar nos fazeres diários. Existem aplicativos desenvolvidos para *smartphones* que possuem a proposta de garantir a eficiência, otimização de tempo e segurança dos dados na tarefa executada - como pagar mensalidade da escola com um simples toque - e assim agilizar as atividades da rotina dos pais no cotidiano.

Os desenvolvedores de aplicativos dedicam-se a criar e proliferar novos softwares com funções e propriedades distintas e então garantir maior facilidade no uso. No entanto, nos últimos anos, têm surgido pesquisas que associam certas características, principalmente dos *smartphones*, ao elevado uso dos adultos e às interrupções nas relações familiares.

McDaniel & Coyne (2016a) investigaram a interrupção pelo celular nos relacionamentos amorosos e mostraram que os sons, luzes e alertas fazem com que os usuários queiram verificar as notificações e informações nos dispositivos independente do momento e da companhia. Na pesquisa, participaram 143 mulheres que responderam questionários sobre sua percepção do relacionamento com os parceiros diante da interferência da tecnologia *touch screen*. Os resultados apontaram para a insatisfação da relação nos momentos em que os parceiros checam seus *smartphones* ao receberem notificações. Os sinais e sons emitidos no aparelho atraem a atenção de seus donos e geram impulsos incontroláveis para que sejam verificados.

Os adultos têm sua atenção atraída cada vez que um alerta ou notificação aparece ou soa na tela. Essas notificações fazem parte de alguns aplicativos de *smartphone* instalados e têm diferentes funções como avisar, atrair, informar, alertar. Com toda a atração e eficiência da tecnologia *touch screen*, os usuários podem realizar tarefas em qualquer lugar e horário. No mesmo dispositivo, é possível usar o despertador ou a calculadora, ligar para um amigo, verificar as redes sociais e enviar e-mail para o trabalho; essa concentração das necessidades e

obrigações agregam maior importância ao *smartphone* tornando-o uma extensão do ser humano (BELK, 2013)

Entretanto, grande parte dos estudos se voltam para os possíveis impactos do uso das crianças e recomendações para os responsáveis sobre a forma como seus filhos têm se apropriado, especialmente, dos *smartphones* (CIZMECI, 2016). Por outro lado, algumas pesquisas têm começado a se atentar para o consumo das mídias pelos adultos e seu impacto no seio familiar por conta da forte influência da tecnologia nas atividades em que os pais desviam a atenção de seus filhos para os dispositivos móveis (BOLES et al., 2008; DANIEL & RADESKY, 2018; DANIEL & COYNE, 2016).

Essas pesquisas surgiram a partir de questionamentos e debates sobre a forma com que os pais estão lidando com a tecnologia *touch screen* e como esta tem estado presente e atuante na rotina familiar. A presença do celular na vida dos pais está, por exemplo, na necessidade de responder aos alertas e de verificar as notificações emitidas pelo *smartphone* em qualquer contexto, podendo assim interromper momentos das atividades diárias entre os pais e os filhos. Assim sendo, o uso dos adultos está despertando estudos que buscam entender o equilíbrio e a ordem do uso, por um lado, e o desequilíbrio e seus possíveis desdobramentos dessa interação na era dos *smartphones*, de outro.

Dentro de um contexto da tecnologia *touch screen*, os usuários podem estar se apropriando dessa ferramenta de maneira questionável. Isso se dá por conta de consequências e desdobramentos acarretados pela presença dos aparelhos móveis nos contextos sociais. Trazendo para o ambiente familiar, dependendo das características de uso dos adultos, a presença dos dispositivos nas interações com as crianças faz com que os pais tenham dificuldade para entender as necessidades delas (BLACKMAN, 2015). O consumo das mídias pelos adultos está envolvido com questões que podem impactar a vida daqueles que estão ao redor.

O desenvolvimento da tecnologia *touch screen*, que oferece contribuições para a comunicação e informação, permite que as pessoas enxerguem uma série de vantagens e, portanto, colaborem com a prática de incorporar os dispositivos em seus hábitos. Os impactos na comunicação - por exemplo, ligações feitas via internet - são um dos principais elementos que fez com que esses dispositivos se difundissem. O advento desses recursos, especialmente para comunicação, foi drástico; se antes as correspondências e as ligações ocasionais eram o comum,

atualmente, a internet e os dispositivos móveis puderam transpor as barreiras do tempo e da distância.

Para os pais que se preocupam em acompanhar de perto seus filhos, a utilização do *smartphone* pode ajudar nessa tarefa de lidar com as crianças, os adolescentes e jovens. Palen e Hughes (2006) contaram com a participação de cinco famílias para que elas registrassem relatos, por meio de correio de voz, sobre sua relação com os celulares. Os pais disseram que a proximidade com seus filhos é um fator determinante sobre o uso do *smartphone* na rotina familiar. Nas situações em que os filhos não estavam com eles, os celulares precisavam estar disponíveis.

O celular faz com que os responsáveis sintam controle sobre sua preocupação com o bem estar de seus filhos, já que conseguem acompanhá-los minimamente durante o dia (PALEN & HUGHES, 2006). Para eles, a simples ação de poder entrar em contato, seja por uma ligação ou mensagem, com o adolescente e jovem em algum momento do cotidiano, gera uma sensação de conforto e alívio diante das tantas preocupações presentes na sociedade de hoje.

Destaca-se também nesta pesquisa o relato dos pais de que o advento da tecnologia *touch screen* permitiu que o trabalho pudesse ser feito em outros ambientes - como em casa (PALEN & HUGHES, 2006). Muitas mães que se dedicam às tarefas domésticas almejam carreiras profissionais, mas sem deixar de lado sua vida doméstica; essa volta ao mercado é facilitada com o acesso à internet e a dispositivos móveis. Nesse contexto, a mulher pode se envolver com seu trabalho na hora mais adequada, dividindo sua rotina entre os cuidados do lar e os afazeres externos.

Palen e Hughes (2006) trazem ainda o relato de uma das participantes em que conta sobre o benefício do uso do celular na divisão entre o trabalho e o cuidado com os filhos, adequando suas atividades extras no período em que as crianças estão longe. Houve então uma transformação das divisões entre o lugar físico do trabalho e o lar - local normalmente considerado como de descanso - pois não são mais tão rígidas. Isto posto, poder trabalhar em outros locais ou até mesmo executar as tarefas de algum cargo em um ambiente mais flexível, como o lar, fazem parte de desdobramentos sobre a vida dos adultos a partir da inserção das novas tecnologias de comunicação e informação.

Se para muitos isso é visto como vantajoso, para outros, trazer tarefas do trabalho para casa pode ser motivo de interrupções nos momentos familiares. Sobre isso, Palen e Hughes (2006) apontam que, das ligações atendidas pelos pais, 55% foram relacionadas a trabalho. Além disso, as mães contam que nem sempre conseguem equilibrar a rotina do trabalho com a criação dos filhos (PALEN & HUGHES, 2006). Diante disso, a entrada do *smartphone* no cotidiano dos adultos traz repercussões para o próprio convívio familiar e para as relações que se desenvolvem.

2.4.

A presença do *smartphone* na relação entre pais e filhos

A seguir, serão apresentadas pesquisas que ajudam a aprofundar a compreensão sobre os desdobramentos da presença do celular na rotina da família e na interação entre cuidadores e crianças.

McDaniel (2019) realizou uma revisão da literatura buscando reunir e apresentar as principais discussões quando se trata do tema sobre uso de celular dos pais ao redor das crianças, e as possíveis interferências desse uso na relação com seus filhos. Para tanto, McDaniel encontrou 33 trabalhos (capítulos, artigos, entre outros) em inglês em bancos de dados acadêmicos - como o PsycInfo e ERIC, e Google Acadêmico até fevereiro de 2019, embora não esteja claro no artigo o ano de início escolhido para as buscas. As publicações foram organizadas em 4 eixos que valem ser pontuados de maneira minuciosa devido à relevância para os impactos do uso das tecnologias móveis na relação entre pais e filhos. Os quatro eixos são:

- 1) Por que os pais usam telefones enquanto estão com as crianças?
- 2) Como isso afeta os pais e a qualidade dos pais?
- 3) Por que o uso do telefone afeta a qualidade dos pais?
- 4) Como o uso do telefone dos pais afeta as crianças?

O primeiro item diz respeito às razões pelas quais os pais usam seus *smartphones* durante a interação com seus filhos, principalmente das atividades domésticas. Para McDaniel (2019), é necessário entender como os pais estão usando os dispositivos móveis e quais são as principais finalidades nesse uso. Segundo sua revisão, os adultos acessam seus *smartphones* para atividades como ouvir música, trabalhar, ler ou se informar sobre algum tema específico.

Esse uso não só está relacionado com a necessidade de acessar o telefone em um dado momento. Isso significa que, em muitas ocasiões, entre uma atividade e outra, os adultos acabam usando o dispositivo por uma simples curiosidade de verificar as notificações ou até mesmo pelo hábito de tê-lo disponível nas mãos. O apego ao telefone desencadeado pela sua completa integração na rotina do usuário contribui para a formação de um forte hábito e até mesmo um vício na tecnologia (McDANIEL, 2019).

Como é possível observar, o uso dos *smartphones* não só está amplamente presente no cotidiano dos adultos, como também é usado em tarefas com finalidades diferentes. Em parte, essa diversidade se deve ao fato de os aplicativos serem pensados para atender às necessidades e diferentes demandas para o ser humano, como já foi dito anteriormente.

McDaniel (2019) ressaltou que os desenvolvedores de software programam aplicativos que impulsionam, através dos sinais e sons, seus usuários a constantemente verificarem seus celulares de forma que se sintam recompensados a cada vez que mexem no dispositivo. Com isso, eles tendem a conferir o celular com maior frequência durante o dia. Esse hábito criado faz com que muitos adultos enfrentem problemas para se desconectar e até mesmo se sentem ansiosos como consequência do uso.

Ainda sobre o primeiro eixo, o uso dos dispositivos móveis esteve ligado ao elevado nível de estresse no caso dos pais sobre a criação de seus filhos, pois estes ajudam a escapar e aliviar suas emoções. Em muitas situações, os pais se sentem pressionados ou não têm interesse na atividade em que estão envolvidos com as crianças. Em tal caso, verificar o celular pode ser um caminho de escape e de distração para aquele momento.

Muitas mães enfrentam problemas com a alimentação de seus filhos e com os cuidados diários no cotidiano da família. Para McDaniel (2019), o uso do *smartphone* por elas está associado ao comportamento de seus filhos durante essas

atividades, pois são causas de estresse. Além disso, os trabalhos encontrados pelo pesquisador sugeriram que o tédio, enfrentado pelos pais e mães durante as ocasiões de lazer e alimentação, também se apresenta como elemento impulsionador do uso das mídias (McDANIEL, 2019).

Nas atividades do dia a dia, o uso dos *smartphones* aliviam as tensões - tanto de meninos e meninas, quanto dos adultos e servem como válvula de escape na busca por tranquilidade. Os pais ficam envolvidos com os cuidados dos filhos e se sentem sobrecarregados; conseqüentemente, tendem a buscar formas de contornar possíveis sensações de cansaço, estresse e incômodo. No estudo de Ventura e Teitelbaum (2017) com 75 mães no período da amamentação, descobriu-se que as participantes cujos bebês tinham maior apetite e, conseqüentemente, exigiam maior dedicação delas, se envolviam com mais distrações durante a alimentação. Essas distrações, sendo tecnológicas ou não, foram consideradas como tudo aquilo que não fosse o envolvimento com o bebê na hora da alimentação.

No entanto, a interação com os aparelhos podem ser fontes de preocupação, mesmo sendo ferramentas de alívio de estresse (McDANIEL, 2019). Isso pode ser observado na pesquisa feita por Sobral (2018), a partir das entrevistas e observações, em que alguns pais, quando perguntados sobre a presença da tecnologia na rotina familiar, se referiram ao seu próprio uso como demasiado e até viciante.

Um estudo feito na Jordânia com 114 mães com bebês pequenos se debruçou sobre a relação entre o uso excessivo da tecnologia *touch screen* e a relação delas com seus filhos no funcionamento familiar. Elas responderam a um questionário *online* e foram entrevistadas. Os resultados apontaram para uma auto sensação de vício e são apresentados casos de mães que desenvolvem um uso de 4 até 14 horas diárias (16% dos participantes). Isso mostra que a presença dos dispositivos móveis pode trazer desdobramentos de ordens diferentes para o usuário, como, por exemplo, incômodo por sentir-se viciado (ALI et al., 2020).

No segundo eixo, as publicações encontradas por McDaniel (2019) estiveram entorno dos desdobramentos desse uso na presença dos filhos e em como a relação parental acabou sendo afetada por essa interferência. Os pais parecem enfrentar conflitos sobre o dilema entre os benefícios e malefícios do contato com as tecnologias móveis enquanto estão interagindo com seus

familiares. Por um lado, os benefícios convergem para o maior acesso à informação, às redes sociais, à oportunidade de resolver questões do trabalho e até mesmo diminuir conflitos familiares, por exemplo, quando as crianças estão quietas mexendo no celular (McDANIEL, 2019). Por outro lado, o pesquisador encontrou também, em sua revisão, trabalhos com relatos de pais que mostraram que esse acesso pode ser ruim na medida em que eles deixam de passar momentos com sua família e se veem obrigados a responder à vasta quantidade de notificações do celular.

Nas contribuições de Melo et al. (2018) sobre benefícios e malefícios do uso da tecnologia pelo ser humano, os autores fizeram apontamentos interessantes para a discussão em questão. As ferramentas que o ser humano desenvolveu até os dias atuais são canais e elementos que estão a seu serviço. Para Melo et al. (2018), as formas de uso ditam as consequências para a pessoa que está usufruindo da tecnologia, quer para bem, quer para mal. Os tipos de relação que o adulto, e até mesmo a criança, cria com os *smartphones* estão envolvidos com a intenção, frequência, quantidade e formas de uso. A busca por controle e o equilíbrio podem ser o início para entender os desdobramentos da presença da tecnologia *touch screen* na vida do ser humano.

O bem estar familiar tem a ver com a forma em que os integrantes que ali estão se sentem um com relação ao outro. Qualquer situação que é um motivo de incômodo entre os integrantes da família poderá, em maior ou menor dose, trazer desconforto para a relação construída. A presença da tecnologia se configura como um grande desafio nos tempos atuais para o bem estar das relações familiares pois faz parte de seu cotidiano (MELO et al., 2018).

Quando os pais estão usando o celular no momento em que interagem com sua família, tendem a sentir-se menos afetuosos com seus filhos, ao passo que se concentram mais neles nas situações em que o dispositivo não está presente (MCDANIEL, 2019). Ainda sobre a temática, para o pesquisador, os estudos em locais como restaurantes, consultórios, *playground* (parquinho), revelaram que os pais interagem menos com seus filhos e diminuem sua responsividade parental enquanto usam seus *smartphones*. Todavia, esse sentimento também é compartilhado pelas crianças e jovens, já que relataram perceber seus responsáveis menos atentos a eles (MCDANIEL, 2019).

Em sua revisão de estudos, McDaniel (2019) levantou outros apontamentos para possíveis consequências mediante o uso do *smartphone* na presença das crianças. Os impactos vão em direção a interferências na relação parental. A frequência e a forma com que os pais lidam com a tecnologia na presença das crianças podem gerar menor capacidade verbal e até mesmo perda da sensação de conexão e apreciação da qualidade daquele momento vivido.

Lemish et al. (2019) observaram cuidadores que estavam com crianças de idade aparentemente entre 2 e 6 anos em playgrounds (parquinhos) de bairros diferentes em Nova Jersey. O estudo qualitativo contou com categorias de observação para classificar a interação da relação entre os adultos e as crianças. Em suma, os resultados apontaram para a desatenção no envolvimento com as crianças nos *playgrounds*; entre os motivos estão conversa com outros adultos, mas, principalmente, o uso do celular. No entanto, de acordo com Lemish et al. (2019), o dispositivo também foi usado junto com as crianças - para tirar foto, por exemplo - contribuindo para uma outra forma de experiência entre pais e filhos.

Em outro estudo de revisão feito com base em 26 fontes de 2000 a 2016, cuja temática também era a relação entre a parentalidade e a interferência da tecnologia, o celular também foi associado a fontes de conflitos familiares e tensões emocionais e parentais. Os pais experimentaram sentimento de culpa e sensação de julgamento de outros diante de sua interação com as tecnologias (KILDARE et al., 2017).

O penúltimo eixo abordado na revisão de McDaniel (2019) retratou as consequências das interferências do uso do dispositivo móvel na qualidade do papel dos pais. Os trabalhos encontrados apontaram para um deslocamento de prioridade no contexto familiar, pois os momentos que os pais poderiam compartilhar com seus filhos deixam de ser aproveitados em troca do tempo gasto nos celulares (MCDANIEL, 2019). Além disso, essas interferências tecnológicas também fizeram com que a atenção seja dividida entre o cuidado com os filhos e a interação com os *smartphones*, como já foi dito anteriormente.

A preocupação dos pesquisadores está no fato de que a interferência dos dispositivos durante os cuidados com as crianças vai muito além dos prejuízos na atenção e no tempo que não está sendo destinado a elas. McDaniel (2019) tratou de interferências na responsividade dos pais e na forma com que eles se envolvem

emocionalmente com seus filhos uma vez que estão atraídos por outras tarefas no dispositivo.

Por fim, mas não menos importante, para McDaniel (2019), as crianças e jovens estão sentindo seus responsáveis mais distantes e distraídos durante suas vivências. Suas percepções vêm acompanhadas da vontade de passar mais tempo em família e usufruir da presença um do outro. Em estudo apresentado pelo autor (*apud* Rideout & Robb, 2018) com adolescentes, para ouvi-los sobre sua percepção da relação entre a tecnologia *touch screen* e seus pais, mostrou que eles observam a distração durante as conversas e até mesmo o vício no uso. Quando os adolescentes percebem a distração dos pais, isso pode fazer com que crie frustração sobre a expectativa nesse relacionamento.

Os filhos esperam que seus pais sejam referências de modelo de comportamento e hábitos principalmente durante a alimentação (MCDANIEL, 2019). Moser et al. (2016) fizeram uma pesquisa para entender as atitudes e percepções do uso do celular nas refeições. O estudo mostra que 1.163 participantes foram recrutados em redes sociais para responder um questionário sobre a temática. Os resultados indicam que a percepção do uso de *smartphone* nesse momento dependeria de alguns fatores. Por exemplo, atender chamadas de ligação gerou menor incômodo do que o uso de redes sociais; outro fator foi a presença de crianças, pois fez com que os adultos reprovassem o uso do aparelho quando elas estavam no local.

Os pais também demonstraram perceber diferenças nos comportamentos das crianças quando estavam usando os *smartphones*; além disso, o maior nível de tecnofêria esteve ligado ao uso problemático dos dispositivos (MCDANIEL & RADESKY, 2018).

Pesquisas têm complementado os achados no campo da interferência tecnológica na relação parental e procurado entender os fatores que envolvem a temática. Ramírez et al. (2018) fizeram um levantamento de publicações nacionais e internacionais até o ano de 2017 voltados para o uso de *smartphones* dos pais relacionado à vulnerabilidade infantil. De acordo com a revisão, os primeiros estudos encontrados investigavam acidentes no trânsito envolvendo crianças por conta da utilização de celular pelos seus cuidadores. Nessa linha, a intenção dos pesquisadores estava em apontar a presença dos *smartphones* na vida dos adultos

como elemento de risco para meninos e meninas, quando usado em momentos inadequados - como dirigir.

Não é raro a participação dos dispositivos móveis nas situações em que os cuidadores estão interagindo com as crianças e isso não tem sido enxergado como benéfico para elas. Surgiu então uma gama de pesquisas que se debruça sobre a interferência da tecnologia *touch screen* - sobretudo pelos adultos - durante as refeições compartilhadas (VENTURA & TEITELBAUM, 2017; RADESKY, KISTIN et al., 2014; HINIKER et al., 2016; MOSER et al., 2016).

Sobre a interferência dos *smartphones* no cotidiano das famílias, Hiniker et al. (2016) apresentaram uma preocupação sobre os contextos sociais em que a tecnologia é usada. As entrevistas feitas em sua pesquisa, com 498 pais e 248 filhos (pares), trouxeram indícios de que existem situações na rotina familiar - como na mesa de jantar e nas refeições em geral - em que o uso dos dispositivos móveis foi considerado inadequado e que seu uso comprometeu a qualidade daquele tempo.

No contexto desta discussão, outros estudos surgiram para averiguar e entender a presença da tecnologia durante as refeições como elemento que agrega e enriquece aquela experiência. Nove famílias participaram de um experimento em que tiveram que instalar um aplicativo e usá-lo na mesa de jantar e depois passaram por entrevistas. O aplicativo possibilitava o compartilhamento da tela dos dispositivos móveis de quem estava na mesa (FERDOUS et al., 2016).

Para os participantes, a experiência permitiu o envolvimento em conjunto dos membros da família na alimentação e também no uso da tecnologia *touch screen*, colaborando para a união de todos naquele momento. A presença dos dispositivos móveis trouxe a possibilidade de compartilhar fotos, vídeos e músicas causando discussão sobre o que as pessoas estavam vendo e lembrando. Com isso, Ferdous et al. (2016) concluíram que a onipresença dos dispositivos móveis na rotina das famílias pode contribuir com vivências positivas através da interação e compartilhamento de conteúdos e experiências.

Muitas vezes, o incômodo sobre a presença do celular na refeição durante a rotina da família está no fato de as pessoas terem ideais sobre regras e normas desse momento que deveriam ser seguidas, ou de que o uso é individual e não pode ser compartilhado. No entanto, é comum as pessoas se juntarem para almoçar ou jantar e compartilhar estas ocasiões com outros tipos de tecnologia. A

televisão, no momento das refeições, por exemplo, pode oferecer as condições para que todos estejam compartilhando o mesmo foco de atenção. No entanto, a ampla difusão dos celulares com acesso à internet proporcionou novos debates sobre tensões em torno do uso dessa tecnologia nas refeições, assim como discussões sobre sua apropriação e adequação. As tensões que surgem por conta dos dispositivos móveis nas refeições são resultantes da insatisfação pela falta de atenção e envolvimento do usuário com os outros. Diferentemente da televisão, que todas as pessoas podem dividir o mesmo assunto e compartilhar aquele momento entorno do aparelho, os dispositivos móveis são recursos usados normalmente de maneira individual e aqueles que estão de fora se sentem excluídos ou isolados, gerando conflitos.

O estudo de Moser et al. (2016) se voltou para a aceitabilidade sobre a interferência dos dispositivos móveis durante os momentos de refeição. Foi feita uma pesquisa *online* para entender as atitudes do uso do celular na mesa e outros lugares em que as pessoas compartilham a alimentação. A percepção do uso de *smartphone* nesse momento dependerá de alguns fatores. Eles serão apresentados a seguir.

Os resultados dos autores apontaram para certas atividades feitas no celular que são vistas como mais apropriadas do que outras. Os participantes responderam que acessar as mídias sociais é menos adequado do que ler ou enviar alguma mensagem; por outro lado, atender chamadas não é tão ruim quando comparado a mexer nas redes sociais. Com relação aos usuários, percebe-se que quanto mais idade eles têm, mais o uso do celular nas refeições é enxergado como inadequado. É interessante destacar que a presença das crianças durante esses momentos foi considerada como elemento crucial para a aceitabilidade da tecnologia *touch screen*. Quando as crianças estão interagindo e participando das refeições, não é adequado que *smartphone* seja usado pelos adultos (MOSER et al., 2016). Pode ser que isto esteja relacionado com o fato de os pequenos sempre estarem observando o que acontece ao redor; existe uma preocupação dos adultos em serem bons exemplos para seus filhos (HINIKER et al., 2015).

Observar a inserção da tecnologia *touch screen* na vida dos membros da família pode nos levar a entender as situações que surgem em torno de seu uso. Na linha dos estudos sobre a temática, Blackwell et al. (2016) se debruçaram sobre a presença de regras para o uso da tecnologia e as tensões geradas pelo

descumprimento delas na casa. Portanto, a discussão sobre os impactos da interferência dos *smartphones* na relação parental torna importante analisar tanto essas tensões e inquietações por conta do uso, quanto o que faz com que elas ocorram.

As regras surgem, em algumas situações como fruto de descontentamento ou até mesmo para organizar certas práticas e evitar conflitos. Por outro lado, se essa busca pela normatização não for seguida por aqueles que implementam, podem ser fonte de conflitos e insatisfações. Em entrevista com famílias americanas com filhos de idade entre 10 e 17 anos, segundo Blackwell et al. (2016) ocorreram reclamações por parte dos adolescentes sobre a presença do celular nos momentos da família e em situações como o jantar. Os entrevistados falaram sobre a violação das normas por parte dos pais (BLACKWELL et al., 2016).

É interessante ressaltar que, se de um lado, Blackwell et al. (2016) descrevem um descontentamento por conta da violação das regras feitas para a família, por outro lado, em situações específicas, os adolescentes afirmaram entender o fato de seus pais burlarem as normas sobre o uso de celular na interação com a família. As características do acesso dos adultos aos conteúdos estão associadas à aceitação mediante a família.

É o que se percebe na discussão dos autores, já que na fala dos filhos foi perceptível o consentimento sobre a interferência da tecnologia nos episódios em que os pais precisam recorrer aos dispositivos móveis para executar tarefas do trabalho. Em suma, para Blackwell et al. (2016), houve dificuldades em aderir e cumprir as regras sobre o acesso à tecnologia no contexto doméstico tanto para os pais, quanto para os filhos, principalmente nas refeições, porém as violações eram aceitas caso fossem relacionadas ao trabalho.

Surgiram também pesquisas que buscam entender como a tecnologia *touch screen* pode atravessar a relação entre mães e seus filhos recém-nascimento. Foi possível encontrar isso nos estudos de Radesky et al. (2015). Eles analisaram a interação materna com bebês de seis meses – 225 díades - em momentos em que algum alimento novo estava sendo apresentado. Entre os resultados, destacaram-se as situações de mães que durante a interação com seus filhos usaram os dispositivos móveis, o que ocasionou em significativamente menos interações verbais do que entre as mães que não utilizaram seus celulares nesse momento. As

contribuições apresentadas pela pesquisa apontam para a necessidade de entender as maneiras pelas quais os pais buscam equilibrar a atenção nos *smartphones* nos momentos em que estão interagindo e cuidando de seus filhos.

É possível observar em diferentes ambientes as crianças interagindo com seus cuidadores nos momentos das refeições, das brincadeiras, nas idas ao shopping, parques e praias. Os celulares presentes no cotidiano atravessam as atividades diárias em que os pais estão voltados para seus filhos. No entanto, a atenção dada pelos adultos pode estar sendo desvirtuada pelo uso do celular o que pode dificultar o entendimento das necessidades da criança nos momentos de interação. Isso, por conseguinte, traz possíveis empecilhos para o envolvimento dos pais com seus filhos.

Stockdale et al. (2018) desenvolveram um questionário e o aplicaram junto a 1.072 pais e adolescentes de 10 a 20 anos de idade, nos Estados Unidos. O instrumento buscou captar as percepções de tecnoferência na relação entre eles. Entre os respondentes, 77% dos adolescentes afirmaram que já viveram momentos em que a tecnologia interferiu na relação com seus pais e 88% deles também afirmaram que já foram agentes de tecnoferência com seus familiares (STOCKDALE et al., 2018).

Com o intuito de entender de que forma o uso do celular pode atravessar essas atividades diárias entre pais e filhos, surgiram estudos cuja metodologia está em observar o *playground* (parquinho). Isso foi feito nos Estados Unidos durante três meses e em 7 parquinhos, no norte de Seattle (HINIKER et al., 2015). Após as observações, foram feitas entrevistas semiestruturadas com os adultos que supervisionavam as crianças nos parques. Dos 32 responsáveis observados usando o celular, 18 não atenderam a criança quando esta os solicitava. Nas entrevistas, dos 25 participantes, 22 disseram que não prestam atenção no ambiente quando estão envolvidos com seu *smartphone* e que, assim, se torna difícil observar os filhos (HINIKER et al., 2015).

Por outro lado, entre os motivos que mais levavam os adultos a quererem desligar seus celulares durante esse momento, destacam-se a dificuldade de cuidar de seus filhos (65%) e a preocupação com a segurança da criança (57%). Hiniker et al. (2015) indicaram também que, apesar do sentimento de culpa ter sido observado na fala dos entrevistados – por conta dessa falta de atenção sobre as

crianças –, alguns ainda acreditaram que o uso do celular não os impedia de estarem disponíveis para elas.

Outra pesquisa ainda sobre o cuidado de adultos em parques trouxe também dados sobre a temática. Foram realizadas observações e entrevistas em 3 parques infantis na Austrália, que tiveram por objetivo analisar o uso de celular entre cuidadores enquanto supervisionavam suas crianças (MANGAN et al., 2017). As análises apontaram que 69,6% dos cuidadores utilizaram seu *smartphone* para digitar; 23,7% usaram para falar e 6,7% ocuparam-se com a câmera. Dentre os 25 entrevistados, 19 pais acreditaram ser possível cuidar das crianças enquanto estão com seu celular; no entanto, afirmaram sentir-se mal quando não atendem a elas durante este uso (MANGAN et al., 2017)

Como apontam alguns estudos de revisão - por exemplo García, Fernández & Talledo (2018) - a discussão sobre o uso distraído da tecnologia *touch screen* pelos pais trouxe apontamentos para riscos sobre a vida da criança. Quando os pais estão supervisionando seus filhos, existe a preocupação com o que pode acontecer com eles (riscos a que estão expostos) por conta de sua distração, principalmente com os celulares móveis (HINIKER et al., 2015).

Os riscos sobre o uso distraído dos pais podem não estar somente enquanto supervisionam os pequenos no *playground*. Palsson (2017) analisou a expansão da rede 3G associada ao aumento de lesões em crianças com a idade inferior a cinco anos. O autor partiu do pressuposto de que a disponibilização da rede 3G fez com que os *smartphones* tenham sua procura aumentada, pois sem ela, nem todos os recursos do aparelho podem ser explorados. Para isso, o pesquisador coletou informações sobre a entrada de crianças nos setores de emergência de hospitais por diferentes regiões dos Estados Unidos entre o ano de 2005 a 2012 – como locais dos acidentes, período, supervisão. Palsson (2017) afirma que houve um aumento de cerca de 10% do atendimento às crianças em caráter emergencial nesse período após a chegada da rede 3G.

Palsson (2017) defende a ideia de que nas regiões de expansão da internet 3G existe uma tendência de aumento da utilização dos *smartphones*, pois estes aparelhos viabilizam o uso da rede móvel. Nesse sentido, embora afirme não ser possível estabelecer uma relação direta entre as lesões das crianças ao uso dos dispositivos móveis, seus estudos apontaram para uma relação entre a entrada das crianças menores de cinco anos com a instalação da rede 3G.

Palsson (2017) desenvolve estudos onde argumenta que um dos principais motivos que levam o *smartphone* a representar riscos para a criança está no fato de distrair aqueles que zelam e cuidam dela. Além disso, o autor reconhece que a falta de atenção dos pais não é algo novo, pois sempre existiram elementos que desviassem a atenção dos cuidados com seus filhos - como a leitura de jornal e até mesmo a própria televisão. Contudo, o desenvolvimento da tecnologia *touch screen* permite uma variedade de opções para o adulto se distrair por mais tempo; a facilidade de levar e acessar os dispositivos móveis em qualquer lugar pode aumentar a frequência das distrações (PALSSON, 2017).

Esses dados trouxeram indícios do quanto o uso das tecnologias móveis está intervindo na relação entre pais/cuidadores e as crianças. Existe uma necessidade de entender como isso tem acontecido e quais são os sentimentos e percepções dos pais e filhos sobre a temática. As vivências da família interrompidas pelos dispositivos móveis estão ligadas à diminuição da qualidade e satisfação com os relacionamentos, e também da interação face a face (STOCKDALE et al., 2018).

Um estudo realizado pela Universidade de Yalova na Turquia (CIZMECI, 2018) com 10 famílias de características diferentes (estrutura familiar, origem socioeconômica e demográficas) debruçou-se sobre o papel desempenhado pelos pais no contato com seus filhos e sua família dentro do contexto da tecnologia. Quando perguntados sobre o tempo de lazer, alguns se referiram ao tempo gasto individualmente com as tecnologias.

Diante do que Cizmeci (2016) apresenta, as entrevistas revelaram que, embora haja uma insatisfação com o tempo excessivo que as famílias gastam, principalmente nos *smartphones*, houve uma troca de culpabilização entre os filhos e pais. O pesquisador mostra também que os celulares foram entregues nas mãos dos filhos para que se acalmem e assim deixem seus responsáveis mais tranquilos (CIZMECI, 2018), o que corrobora com o que Sobral (2018) defende sobre a utilização das tecnologias móveis como “babás eletrônicas”. Por fim, mediante os relatos, Cizmeci (2016) traz também indícios sobre a relação entre o uso dos pais e dos filhos, além da interferência nas interações familiares.

García, Fernández & Talledo (2018) em seu trabalho de revisão ressaltam que, em alguns estudos que se debruçaram sobre a relação dos pais com a tecnologia, tem ocorrido relatos de culpabilização e frustração por conta do uso

excessivo ou inadequado. Além dos sentimentos de culpa, a discussão da temática atravessa possíveis questões associadas ao uso de demasiado de *smartphones* como vício, estresse, sintomas depressivos e sensação ruim depois desse contato com a tecnologia (GARCÍA, FERNÁNDEZ & TALLEDO, 2018; MCDANIEL, 2019)

Existem ainda estudos que se dedicam a entender de que forma o tempo gasto em aplicativos de redes sociais podem afetar a sensação de bem estar após essa interação. Foi feita uma investigação com 123 usuários de língua alemã de uma das redes sociais mais populares no mundo e levantada a hipótese de que o acesso poderia estar afetando o estado de humor (SAGIOGLOU & GREITEMEYER, 2014). Os participantes tinham que responder perguntas *online* sobre como costuma ser esse uso no cotidiano e como se sentem após se desconectarem do aplicativo. A discussão apresentada por Sagioglou e Greitemeyer, (2014), de acordo com os resultados, vai de encontro à ideia de que tempo excessivo gasto em atividades de aplicativos de rede social causa afeta o humor. Sendo assim, os usuários após utilizarem as redes sociais acabam tendo a sensação de perda de tempo pois faz com que se sintam mal, mesmo antes acreditando que traria um efeito de relaxamento e de bem estar. Dentro da temática do uso de *smartphones* e sua implicação para a relação familiar, surgem, portanto, alguns trabalhos que vão em uma linha de discussão associando a presença dos dispositivos ao vício, culpabilidade, estresse e sensação de mal estar.

No entanto, indo na direção contrária do que alguns trabalhos têm mostrado, Melo et al. (2018) traz uma outra forma de enxergar os impactos do contato com a tecnologia *touch screen* tanto para os adultos, quanto para a relação parental. Para isso, foram ouvidos pais e filhos para conhecer mais sobre as características de uso (tempo, momentos de consumo das mídias, conteúdo) e os autores encontraram relatos de que as mídias não afetam a relação parental e de que o diálogo existe na rotina da casa. Muitos dos responsáveis afirmaram ainda que conseguem manter o equilíbrio de utilização das tecnologias e que esse uso - sendo muitas vezes em tarefas de trabalho - não ultrapassa as 2 horas de duração (MELO et al., 2018).

Na revisão de Knitter e Zemp (2020), foram pensados certos critérios para a escolha de textos que abrangessem o uso de *smartphones* parental durante uma interação pai-filho. Os autores definiram interação pai e filho como qualquer

atividade que ambos estivessem compartilhando o tempo durante a rotina. Foram encontrados um total de 21 trabalhos entre o ano de 2007 e 2019 publicados entre revistas; dissertações e teses; e congressos e conferências. Os estudos eram principalmente dos Estados Unidos, Canadá, China e Austrália.

É interessante nos atermos à revisão de Knitter e Zemp (2020) pois os autores fazem importantes apontamentos sobre os estudos publicados no campo em discussão. Segundo eles, dentro da área existe um corpo de pesquisas que apresenta cada vez mais resultados que reforçam os efeitos negativos, contribuindo assim para indícios que alertam sobre os malefícios da interferência da tecnologia *touch screen* para a relação familiar e para a criança. Alguns desses trabalhos já foram citados anteriormente (MCDANIEL, 2019; RADESKY, 2018; HINIKER et al., 2015; GARCÍA, FERNÁNDEZ & TALLEDO, 2018; MELO et al., 2018; STOCKDALE et al., 2018). Os resultados eram voltados principalmente para o tempo de tela e características dos pais - como formação e renda.

Uma das conclusões da revisão foi que existem poucos trabalhos que abordam os possíveis impactos positivos do uso da tecnologia *touch screen* para a relação entre os pais e os filhos. Diante disso, os estudos, e muitas vezes até a mídia, enfatizam os impactos negativos mediante o relacionamento entre o ser humano e a tecnologia e, mais especificamente, entre a família e *smartphones*. Isso pode estar envolvido com o fato de existir uma preocupação geral - das pessoas, dos cientistas, dos profissionais da saúde - com a forma em que as novas tecnologias entraram na vida do ser humano e passaram a ser mediadoras de muitas atividades realizadas na rotina.

Quando as discussões estão focadas em entender a presença das novas tecnologias na vida familiar como aliadas das relações daquele ambiente, alguns pesquisadores abordam uma perspectiva diferente do que o campo tem apresentado. Para aprofundar nessa linha, serão abordados a seguir alguns estudos que se detêm em analisar o uso da tecnologia por pais e filhos.

Coyne et al. (2014) voltaram sua atenção para o uso da mídia ligado às famílias e aos pais e, para tanto, coletaram dados de 663 famílias com adolescentes de idade entre 13 e 16 anos. Em direção contrária da que tem sido apresentada no campo, a presença das mídias em casa faz com que a família tenha um melhor funcionamento na rotina e também na interação. Quando os pais foram questionados sobre o motivo que os levam a mexer nos aparelhos tecnológicos,

30% deles citou o entretenimento em família. Eles citaram itens distintos como assistir filmes, ver vídeos em aplicativos ou até mesmo acessar a internet em conjunto (COYNE et al., 2014).

Em alguns momentos da rotina das famílias, a internet pode ser usada para tarefas de interesse de todos que estão ali. No caso de assuntos que surjam em momentos do jantar, por exemplo, a internet pode estar disponível como fonte de consulta e de acesso a um mundo de informações. Nos apontamentos de Coyne et al. (2014), as diferentes mídias e recursos tecnológicos atuam também como ferramentas que mantêm todos seus usuários informados e têm o potencial de desencadear discussões sobre as informações a que eles acabam tendo acesso por esses meios.

Esta pesquisa constrói uma visão mais ampla sobre a presença das mídias na relação entre pais e adolescentes. É interessante acentuar que a interação das famílias com as mídias trouxeram indícios de um uso considerado positivo por elas. Segundo Coyne et al. (2014), a presença de diferentes recursos tecnológicos está intimamente ligada não só ao bom funcionamento da família, mas também a uma melhora na comunicação entre pais e adolescentes.

Em estudo feito na China com 400 pais e filhos (CHANG, 2015) os resultados corroboram com aqueles de Coyne et al. (2014), ao investigar o papel das mídias sociais como aliada na relação familiar. Por meio de questionários *online*, Chang (2015) buscou investigar de que forma as mídias recentes podem atuar na comunicação e trazer repercussões para a interação dos pais com os adolescentes. Por isso, foi levada em consideração também a percepção dos filhos sobre as interações *online* com os pais por aplicativos de comunicação e redes sociais.

Chang (2015) mostra que 55,5% dos pais enviam mensagens para interagirem com seus filhos e 36% fazem isso pelas redes sociais. Segundo os respondentes, as novas mídias ajudaram na interação e a manter o relacionamento ativo, pois os pais utilizam a comunicação *online* para complementar a comunicação *offline*. Diante disso, para Chang, o uso da tecnologia e as trocas de experiências virtuais entre os pais e os adolescentes, de forma geral, podem ser concebidos como positivas.

Tanto Coyne et al. (2014), quanto Chang (2015) se distanciam da linha de estudos sobre as consequências negativas dos usos da tecnologia *touch screen* na

interação entre as famílias. Esse distanciamento é evidenciado na medida em que seus resultados e, posteriormente, seus apontamentos vão em direção aos benefícios para a comunicação entre os pais e os filhos, podendo contribuir com o desenvolvimento da relação e dos laços afetivos.

No mesmo viés de investigação dos autores citados anteriormente, Devitt e Roker (2009) realizaram um levantamento de informações em entrevistas com adolescentes com 11 a 17 anos de idade e seus responsáveis para entender como os celulares são usados na comunicação entre eles. Os pesquisadores também se preocuparam em investigar as concepções dos usuários sobre benefícios e malefícios. A maioria das famílias eram britânicas e o restante se descreveu como negro, asiático e latino-americano.

Os resultados indicam que o celular foi usado para os adolescentes manterem contato e se comunicarem com a família quando necessário, em situações, por exemplo, de algum imprevisto na rotina. Para os pais, a tecnologia foi considerada uma ferramenta interessante, já que auxilia a monitorar e a zelar pela segurança dos adolescentes. No entanto, é importante destacar que os celulares não foram citados pelos adolescentes como meio de socialização com seus responsáveis. De forma sucinta, o uso do celular foi tido como positivo para todos, pois se relacionou à sensação de segurança diante de situações perigosas e facilita na comunicação (DEVITT & ROKER, 2009).

Essas últimas pesquisas contribuem com um outro ponto de vista para o debate sobre a presença da tecnologia na relação familiar. Os autores, em seus achados, logo evidenciam os benefícios. No entanto, o campo está longe de ter um consenso sobre o tema e a maioria dos estudos convergem para enfatizar os malefícios dessas tecnologias para a parentalidade.

De forma geral, esses estudos encontram resultados que os levam a defender a ideia de que a relação entre pais e seus filhos está, no mínimo, sofrendo diferentes tipos de interferências. Existe uma preocupação com o envolvimento das famílias com a tecnologia *touch screen* e a forma com que (principalmente) os pais têm usufruído delas em sua rotina. Os impactos negativos por conta da utilização dos pais estão associados aos prejuízos sobre a qualidade da atenção nos momentos com os filhos (KUSHLEV et al., 2018) e diminuição do afeto na relação parental (ROTHSTEIN, 2018). É importante salientar que, se de um lado, alguns pais consideram que seu uso afeta seus filhos (ANTE-CONTRERAS,

2016), por outro lado, alguns responsáveis não acreditam nos efeitos negativos sobre a família (NADIYA ADTANI, 2019; HINIKER et al., 2015).

Pesquisas têm mostrado os impactos na vida familiar depois que os adultos passaram a utilizar os *smartphones* como recurso de trabalho no ambiente doméstico. Oduor et al. (2016) se debruçaram sobre as frustrações e benefícios do uso do dispositivo móvel no lar. Os 20 participantes residentes nos Estados Unidos e Canadá foram submetidos a três etapas da pesquisa. Na primeira, eles tinham que passar por uma entrevista em que contaram como eles e os outros membros da família usavam seus dispositivos móveis enquanto estavam com suas famílias. A segunda etapa consistiu na aplicação de questionário sobre características de uso de seus próprios dispositivos móveis. Em último lugar, os participantes tinham que escrever em um diário *online* por duas semanas sobre as atividades de seus dispositivos móveis em casa e também de seus familiares.

Os resultados mostraram que existe um grande desafio para o equilíbrio entre a casa e o trabalho (ODUOR et al., 2016). No entanto, os respondentes mostraram ter divergências sobre as atribuições dadas às tecnologias. Se, por um lado, consideraram que, através desses recursos, se torna possível a busca de informações rápida e a oportunidade de trabalhar e passar mais tempo em casa, por outro lado, eram perceptíveis os sentimentos de frustração quando a atenção estava em torno do celular (ODUOR et al., 2016). Nos diários foram encontrados relatos de incômodo quando os dispositivos móveis interrompiam as atividades compartilhadas, o que fez com que houvesse relatos de participantes sentindo sua parentalidade afetada. Entretanto, é importante salientar que nem todos consideraram o uso como ruim, Oduor et al. (2016) ressaltaram que houve pessoas caracterizando o uso como adequado, e não problemático.

Ainda sobre o estudo de Oduor et al. (2016), os respondentes falaram sobre estratégias usadas para evitar os conflitos durante os momentos compartilhados pela família. Uma dessas estratégias era a de deixar o celular longe do alcance e, assim, evitar usá-lo em situações inadequadas, como no jantar.

Em suma, o campo aponta para duas direções quando o assunto é a presença da tecnologia no contexto familiar. De um lado, alguns estudos sugerem possíveis benefícios para a dinâmica, organização e comunicação entre pais e filhos; além do uso de *smartphones* também ter sido proporcionador de momentos de interação entre os membros da casa. No entanto, por outro lado, a maioria dos

estudos até aqui apresentados salientam os malefícios para a parentalidade e fazem apontamentos sobre os possíveis prejuízos na qualidade dessa relação.

É inegável que as tecnologias digitais, sobretudo aquelas de telas sensíveis ao toque, entraram no contexto do lar de forma definitiva e cada vez mais presente e, por isso, a inserção desses recursos e seus impactos devem estar em pauta em pesquisas. Como já foi dito anteriormente, essa presença da tecnologia no dia a dia se deu por conta da multifuncionalidade principalmente dos *smartphones* (MCDANIEL, 2019). Os adultos passaram a utilizar os dispositivos como mediadores de muitas atividades comuns da rotina, como fazer transações bancárias ou compras de supermercado. No entanto, é importante considerar que as famílias possuem perspectivas, estilos e rotinas de vida que podem influenciar as relações afetivas nesse contexto de uso da tecnologia *touch screen* e que as mídias estão situadas ali sendo utilizadas e olhadas de maneiras distintas em diferentes lares.

A discussão proposta perpassa o olhar sensível sobre as perspectivas práticas e relações no contexto que está posto: os *smartphones* inseridos no cotidiano dos filhos e dos pais. Essa temática está associada a pressupostos teóricos que versam sobre os significados do que é relação parental, família, afeto, tecnoferência, além de transitar também pelos impactos do advento das mídias no próprio cotidiano do ser humano. Novas pesquisas na área têm grande potencial para ajudar a compor esse quadro atual que tem sido montado de uns anos para cá. A presente pesquisa está situada nesse ambiente em que o uso das tecnologias *touch screen* por pais e filhos está posto; e que as relações, sendo continuamente construídas com seus impasses, conflitos e exigências ganham um novo ângulo de análise.

2.5.

Tecnoferência

A presença dos *smartphones* no cotidiano das pessoas tem gerado muitos motivos para discussão. Por essa forte presença em atividade e situações diferentes, essa tecnologia também se encontra no contexto das relações sociais.

É pela onipresença dos *smartphones* nos espaços pessoais, sociais e privados que McDaniel e Coyne (2016a) encontram um potencial de interrupção pelas tecnologias *touch screen* nos momentos em que as pessoas estão interagindo.

Não é difícil de notar um namorado conversando com sua parceira no restaurante e o celular ser puxado do bolso e acabar interrompendo a conversa entre os dois; ou até mesmo um pai brincando com sua filha na praça do bairro e ao mesmo tempo estar envolvido com o celular, administrando a atenção entre as duas tarefas. McDaniel (2014), em sua experiência de vida, passa a observar como as interrupções de *smartphones* e outras tecnologias são comuns nos diferentes ambientes e situações em que as pessoas se relacionam.

Diante disto, McDaniel e Coyne (2016a) voltaram sua atenção inicialmente para os impactos das interrupções de dispositivos tecnológicos - tais como o *tablet*, o computador, a televisão e o *smartphone*, nos relacionamentos amorosos e familiares. Nesse primeiro estudo, os pesquisadores construíram um questionário exploratório e distribuíram para 143 mães que viviam com seus parceiros. Este questionário analisou os diferentes tipos de interferência das tecnologias no cotidiano das interações entre os casais e nas situações de coparentalidade - em que os pais estivessem envolvidos em funções de cuidado com seus filhos, como na hora da refeição e nos momentos do sono (MCDANIEL & COYNE, 2016a). As interferências das tecnologias aconteciam com maior recorrência através dos *smartphones* e foram associadas a conflitos e insatisfação no relacionamento. Os autores também propuseram investigar, de maneira mais específica, como as interferências poderiam impactar a qualidade do relacionamento familiar e dos momentos de cuidado entre pais e filhos (MCDANIEL & COYNE, 2016b).

O termo *tecnofêrência* é atribuído, então, a situações em que a tecnologia interfere, interrompe ou atrapalha de alguma forma o cotidiano de famílias e casais em sua comunicação e interação (MCDANIEL, 2013; MCDANIEL & COYNE, 2016a). As interferências podem ocorrer durante momentos de conversa ou até ocasionar sentimentos de insatisfação quando o outro usa a tecnologia na rotina, mesmo que naquele momento não estivesse acontecendo necessariamente um diálogo ou interação entre os envolvidos. As interrupções podem ser curtas ou longas; podem ocorrer também porque o usuário decide mexer na tecnologia tentando dividir sua atenção entre a pessoa e o aparelho; ou porque o celular emite

algum som ou notificação invadindo o tempo em que as pessoas estão juntas (MCDANIEL, 2013)

É interessante ressaltar que McDaniel atribui à *tecnoferência* um sentido negativo pois compreende e estuda o potencial da tecnologia de invadir diariamente as interações interpessoais e consequentemente ser fonte de conflitos e insatisfação nos relacionamentos.

Infância e suas diferentes idades

Criança é um ser que sempre esteve no mundo, circulando por diferentes ambientes, seja nas ruas, no comércio, nos hospitais, nos transportes ou nos lugares de lazer. Elas sempre estão observando com um olhar de quem está especialmente interessada em alguma situação ao seu redor que, por muitas vezes, passa despercebida por aqueles que em estatura são maiores que elas: os adultos. É como se fosse uma capacidade delas desde o primeiro instante do nascimento e que conforme vão crescendo esse interesse de entender o mundo que a cerca cresce também.

A criança nem sempre foi vista e tratada como sujeito que precisa de especial atenção e que suas etapas de vida possuem especificidades. Philippe Ariès (1985) se debruçou sobre as diferentes manifestações da infância ao longo da história no contexto europeu. Ariès (1985) apresenta a concepção da criança como adulto em miniatura na idade média. Na maioria das vezes não existia distinção na vestimenta, nas atividades diárias e na própria forma de tratamento comparado aos adultos.

Ariès (1985) também vai abordar a ideia de criança apresentada nas obras de arte da Europa da idade média, estando associada à figura de anjos ou até mesmo à imagem do menino Jesus - séculos XIII e XIV. Nesta fase, meninos e meninas quando retratados, representavam certa pureza e santidade, sem mácula e sem pecado. Mesmo que com a concepção de sujeito representante do divino e do angelical, a criança passa a ser enxergada como ser que existe e está presente no mundo (ARIÈS, 1985). Posteriormente nas obras é possível perceber a presença das crianças em atividades do cotidiano como “crianças no colo das mães” ou até mesmo “crianças urinando” (ARIÈS, 1985). No entanto o autor destaca que a intenção ainda não era a de retratar momentos ou práticas específicas da infância, mas sim de mostrar como era o cotidiano das crianças no ambiente dos adultos.

Somado a isso, muitos artistas da época escolhiam trazê-las em suas obras por conta de sua graciosidade.

Somente no século XVII, as crianças passam a estar presentes como protagonistas nos retratos dos pintores. Algumas dessas obras passam a estar nas casas das famílias com a intenção de representar sua prole (ARIÈS, 1985). Diante desse novo lugar que os pequenos ocupam, torna-se possível perceber indícios do surgimento de uma especial atenção à infância e à criança. No entanto, apenas a partir do século XVIII, surge o reconhecimento por certas especificidades da infância, como a necessidade da escolarização e a importância de práticas de higienização no cotidiano, além da conscientização da vacinação no combate à mortalidade infantil.

De acordo com Kohan (2017), a origem da palavra “criança” no grego está associada à “escravo jovem” e na própria língua não existia termo para se referir à palavra “infância”. Para o autor, Platão não tinha uma preocupação expressa com a necessidade do reconhecimento da infância na vida do ser humano. Em seus trabalhos, são levantados problemas filosóficos que esbarram nessa temática - como a instrução da criança e do jovem através da educação. Kohan (2017) mostra também que, embora Platão tivesse uma preocupação com a preparação dos jovens visando o futuro da nação, as crianças não tinham um lugar de escuta e atenção no contexto da Grécia antiga. Isso aponta para um silenciamento daqueles que nem eram tidos como adultos e nem tidos como sujeitos detentores de direitos.

Nesse contexto de diferentes representações da infância, meninos e meninas são tidos como sujeitos que ainda iriam se tornam alguém: ser adultos. As crianças eram como seres inexistentes, visto que sua infância estava completamente encoberta pelas concepções e visões dos adultos sobre elas, mesmo estando presentes no cotidiano das famílias e dos diferentes ambientes da sociedade. A inexistência da infância também está relacionada com o fato de que aquele contexto tinha um alto índice de mortalidade infantil, muitas das crianças não chegavam aos cinco anos de idade.

Segundo Ariès (1985), muitas delas tinham responsabilidades e enfrentavam jornadas duras de trabalho debaixo deste regimento. O cenário brasileiro das primeiras décadas não estava tão distante do que crianças e jovens vivenciavam em seus bairros e cidades, principalmente das classes pobres, na

Europa. O período de escravidão durante o Império faz também perceber uma infância inexistente e frágil.

Del Priore (2001) mostra que os filhos de escravos, nascidos ou recém chegados dos países Africanos, passavam por uma forma de adestramento aos 12 anos e já lidavam com funções e responsabilidades de trabalho. A prestação de serviços e o envolvimento com diferentes afazeres eram comuns para muitos meninos e meninas de famílias escravas e pobres no Brasil; a profissão deles começou a estar presente em seus próprios sobrenomes - “(...) Chico Roça, João Pastor, Ana Mucama” (GÓES; FLORENTINO, 2002, p.41).

Quanto mais hábeis e experientes as crianças escravas eram nas tarefas, mais tornavam-se valiosas no mercado entre os senhores de engenho e donos de terras. Góes e Florentino (2002) ressaltam que o tempo dos pequenos ia sendo ocupado pelas árduas tarefas e funções nas terras e fazendas. Esses exemplos ilustram um período em que as crianças eram vistas como adultos em miniatura e que deveriam ser capazes de executar atividades braçais e complexas, devendo ser úteis naquele contexto econômico.

Na história, Kohan (2017, p.16) apresenta também a concepção de infância como pura possibilidade. Essa visão está relacionada ao período da vida do ser humano em que a sociedade com suas instituições e as famílias precisam fazer bons investimentos em seus filhos para futuramente tornarem-se pessoas com virtude e bons preceitos. Nesse sentido, para Kohan (2017) a ideia expressa nessa visão é de criança como pedra bruta em que precisam ser deixadas marcas “imodificáveis” e “incorrigíveis”. Kohan (2017) vai dizer que a infância, nesta perspectiva, é “incompleta” e “inacabada”. Pinto e Sarmiento (1997) afirmam que, dentre as visões sobre infância, existe aquela em que os adultos se preocupam com o que ainda falta no desenvolvimento da criança visando seu futuro.

O período do Renascimento desencadeia profundas transformações na cultura, na sociedade e na política, sendo resultantes da concepção de ser humano e de mundo naquele contexto. Não distante disso, infância também é atingida nesse contexto de reformas na Europa. Com as melhorias na condição de vida e a busca por novas formas de enxergar a sociedade, passa a existir abertura para uma outra maneira de viver das crianças. Mas é importante considerar o contexto político e histórico desse período em que se vislumbrava a formação de um novo

projeto de sociedade através da liberdade de pensamento, do desenvolvimento da ciência e da razão.

As transformações da sociedade geraram mudanças nas maneiras em que as instituições sociais e a família lidavam e cuidavam de sua prole. Ao mesmo tempo, movimentos da Europa no período do século XIX culminam no desenvolvimento da consciência pública em prol da defesa dos direitos - acarretando a aprovação dos direitos infantis (PINTO & SARMENTO, 1997).

A criança deixa de ocupar um lugar de excluído e de desprezado para aquele em que possui direitos que devem ser garantidos pelas instituições sociais e por toda a sociedade. A concepção de infância é atravessada pelas transformações nesse período e assume moldes na medida em que a sociedade tem seus pilares repensados. Surge a preocupação com a fase inicial da formação e do desenvolvimento humano, acompanhada pela presença de sentimentos ambíguos: ora de ternura, ora de severidade (PINTO & SARMENTO, 1997).

No século XX surgem movimentos sociais em prol da defesa e garantia de diversos direitos de meninos e meninas perante a sociedade. Dourado et al. (2001) traz exemplos de um período em que o significado de infância começava a ter seus moldes definidos através da aprovação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990. Nesse período, o Ministério do Trabalho passa a investigar e a denunciar o que Dourado et al. (2001, p.85) chama de “exploração de trabalhadores-mirins”.

Diferentemente do contexto brasileiro atual, pode-se notar que crianças e jovens, principalmente das classes baixas e de imigrantes, eram muitas vezes usadas como força de trabalho braçal. Romper com essa prática significava era ir contra o que a sociedade da época considerava como, segundo Dourado et al. (2001), comum e até mesmo saudável na época para meninos e meninas. Para muitos, não havia espaço para o tempo do ócio, do lazer, da estimulação de seus sentidos pois o que importava era o quanto e o que as crianças poderiam fazer nas atividades rurais, domésticas.

Sob influência de movimentos que surgem no contexto internacional, o Brasil começa a se voltar para as discussões em torno das especificidades da infância. De acordo com Kuhlmann Jr (2000), países como os EUA e o Brasil vivenciaram essa influência da mudança da concepção de infância da Europa. Em 1922, no Rio de Janeiro, ocorreu o I Congresso Brasileiro de Proteção à Infância

(CBPI), em conjunto com o 3º Congresso Americano da Criança (CAC), eventos estes que apontavam para um contexto de tensões e luta pela defesa dos direitos, necessidades na educação e desenvolvimento das crianças.

O CBPI tinha como pauta de debate assuntos inerente à educação e desenvolvimento da criança como cidadã em seus aspectos social, médico, pedagógico e higiênico (KUHLMANN JR, 2000). Embora o aspecto da educação tenha ganhado destaque nos temas tratados, havia um movimento de ressignificação e reconhecimento da infância como etapa essencial da vida do ser humano em sociedade, diferente da forma com que era tratada até então no Brasil.

A visão da indústria e do comércio sobre as crianças também passou por transformações. De acordo com Mendes (1998), os mercadólogos voltaram sua atenção e esforços para essa fase investindo no *marketing* e no desenvolvimento de produtos específicos para o público infantil principalmente. O reconhecimento das crianças como consumidoras em potencial está relacionado também com a ideia de que elas são autônomas em suas escolhas e bem capazes tanto de decidir, quanto de influenciar as decisões de seus pais.

Buckingham (2012) também discute sobre o interesse dos mercadólogos no público infantil. Os criadores de marketing comercial partem da concepção de crianças como sujeitos críticos, com opiniões sofisticadas e exigentes. Essa posição se distancia daquela ocupada pelas crianças de excluídas e marginalizadas de séculos antes. A criança consumidora, dotada de interesses e desejos, assume uma posição de autonomia e discernimento diante dos produtos e propagandas pensadas para ela. Por outro lado, é possível identificar a existência de uma outra corrente, aderida pelos críticos, cujos argumentos estão fundamentados na ideia de que as crianças se tornaram vítima da cultura de consumo. Nesse sentido, os mercadólogos são culpabilizados por destruir a experiência saudável e inocente de uma infância que seria como uma “era dourada” (BUCKINGHAM, 2012).

As áreas da Psicologia, Educação, Sociologia e Saúde cooperam com o esforço para afirmar e reafirmar a importância das relações, vínculos e experiências construídas na família para que a criança se desenvolva fisicamente e psicologicamente da melhor forma possível. Os novos contornos da infância apontam também para outras funções assumidas pelos pais e pela

instituição familiar, indo além da transmissão do sobrenome e do legado familiar para outras gerações (ARIÈS, 1985).

As novas ciências que surgem para se debruçar sobre as diferentes etapas da infância e suas especificidades - como a Pediatria e Psicologia - contribuíram para que os responsáveis pelos cuidados e proteção da criança se atentassem para questões antes completamente desconsideradas (ARIÈS, 1985, p.276). A popularização e circulação de informações sobre o desenvolvimento infantil faz com que sociedade de forma geral criasse preocupações sobre o ambiente em que as crianças e os adolescentes crescem na atualidade, bem como suas vivências. Ariès ressalta que essas preocupações se voltam para “problemas físicos, morais e sexuais da infância” (1985, p.276). Diante disso, o ambiente familiar e as relações construídas através e ao entorno dos filhos passam a assumir outra importância quando o foco é o desenvolvimento saudável nos anos iniciais.

O crescimento do campo da infância e a dedicação de especialistas para estudar a temática nos fazem perceber mais uma vez uma mudança profunda na concepção e visão da representação da criança no mundo. A infância é vista então como oportunidade de experiência, de vivência, de abertura para novas formas de enxergar o mundo através da imaginação e criação. A infância, como mais uma etapa da vida ou como período de preparação e investimento para a formação da sociedade, começa a ser questionada (KOHAN, 2004).

Com o avanço de estudos, as concepções e discussões dão lugar a um novo momento na história da infância. Embora tragam divergências de linhas de pensamento, apresentam também importantes influências na construção de políticas públicas e na visão das instituições sociais responsáveis pelas crianças, como escola e a família.

No tocante às experiências que se desenrolam na família, elas podem trazer diferentes repercussões para seus membros, principalmente para a criança que age, ao passo que sofre os efeitos desse ambiente. Pais, educadores, médicos e profissionais que atuam nas múltiplas fases de crescimento nos anos iniciais se atentam para o que os pequenos estão vendo, ouvindo e sentindo. Com as preocupações morais, físicas, psicológicas e educacionais das instituições sociais, começam a atribuir a devida atenção aos pensamentos, opiniões e sensações expressas pelas crianças e jovens. A descoberta das especificidades e necessidades da infância - como discute Ariès (1985) - cooperam para a construção de um

cenário em que elas podem e devem expressar suas opiniões, principalmente no ambiente familiar em que nascem e crescem. Consequentemente, parece haver uma abertura para a compreensão e o acolhimento ao direito à voz e expressão de meninos e meninas. É um novo cenário onde eles possuem espaço e peso com relação ao que sentem, veem e falam; ou seja, é um novo cenário para a infância que se afasta das preocupações percebidas nos contextos históricos e sociais anteriores.

Ao longo da história da humanidade, os pais e seus filhos desenvolveram vínculos com características diferentes segundo a época e o período de desenrolar da infância (Ariès, 1985). Se anteriormente, a distância posta entre adultos e crianças era rígida e imutável - a autoridade de seus tutores era afirmada e reafirmada pelas instituições sociais - agora, houve a diminuição dessa distância a partir da abertura ao diálogo e escuta das percepções dos pequenos. Esse vínculo então é inspirado e construído por outras formas de afetividade e de sentimentos.

A forma com que os pais lidam e criam seus filhos incorpora novas formas de relacionamento e compreensão sobre a parentalidade. Meurer (2001) defende que essas transformações transcorrem um novo referencial de vínculo de relação entre pais e filhos. A amizade, afetividade, escuta e respeito à opinião dos filhos no contexto da família são elevados a outro nível de importância. A relação parental, principalmente das novas gerações, expressa outro ideal no tocante aos papéis das crianças e dos seus pais.

A autoridade dos adultos na família é ressignificada na medida em que as crianças encontram abertura para a escuta e a expressão de seus pensamentos diante de diversos assuntos do cotidiano, de sua criação, de seus interesses individuais. As novas gerações de pais se permitem ouvir conselho de seus filhos e considerá-los em suas decisões. A presença das crianças em assuntos do cotidiano - que antes eram tidos como de responsabilidade única e exclusiva dos adultos - podem ser percebidas em questões de menor impacto, como a escolha à ida em restaurantes, e também de maior impacto, como a escolha de casa e de escola.

Os pais ganham então novas responsabilidades, de acordo com Meurer (2001). Os papéis dos responsáveis e das crianças no lar perpassam a necessidade de se construir um vínculo relacional de qualidade e um ambiente familiar saudável desde o nascimento. O respeito à autoridade dos adultos na família não

se trata mais de um comprometimento com padrões transferidos desde gerações anteriores sobre o comportamento dos filhos, mas passa a ser fruto de negociação e discussões familiares (Maurer, 2001). A forma de criação dos filhos das famílias de hoje expressam uma ruptura com a forma em que as gerações anteriores lidavam com as crianças. Isso significa também que o lugar da infância, historicamente construído, na sociedade atual gerou impactos profundos em diferentes patamares, tanto no cenário de políticas públicas, quanto no desempenho dos papéis nos pais e dos filhos.

Família, Parentalidade e Coparentalidade

Os pais, de maneira geral, sempre vão visar a garantia do bem-estar de seus filhos e, portanto, agem e lidam com eles de acordo com sua interpretação do que representa o papel de mãe e de pai. Nessa linha, as discussões de parentalidade e coparentalidade ajudam a entender os desdobramentos da prática de cuidar no desenvolvimento infantil. O termo parentalidade tem seus primeiros usos em 1961 com o psicanalista francês Paul-Claude Recamier em seus estudos sobre psicose materna (Taperman, 2012). Os termos parentalidades, paternidade e maternidade, segundo a autora, eram usados para se referir a patologias acometidas pelos pais.

O termo parentalidade abarca as funções designadas tanto pelas mães, quanto pelos pais, conseqüentemente, não distinguindo a maternidade da paternidade (TAPERMAN, 2012; PESSÔA e ROSA, 2018). Segundo as autoras, este conceito é um neologismo porque é uma forma de substituição de família.

Considera-se então que o termo parentalidade é designado para a fase em que os pais engatam nesta nova etapa de suas vidas e, assim, experienciam o processo de se tornarem pais, envolvendo aspectos da consciência e da inconsciência (p.142). Por conseguinte, o conceito de parentalidade está inserido no contexto em que se discute comportamentos, emoções, crenças e valores dos pais em suas práticas de educação com seus filhos (FIGUEIREDO e LAMELA, 2014).

Frizzo et al. (2005) fizeram uma investigação sobre a utilização do termo coparentalidade por meio de revisão de trabalhos na área. Os autores apontam que o termo diz respeito aos contextos familiares em que os pais e mães cooperam na autoridade e responsabilidade. Contudo, a literatura não deixa clara como o termo surgiu. No levantamento de estudo, encontrou-se que o termo aparece recentemente nas publicações e tem estado presente nas discussões sobre conceito

de parentalidade, conjugalidade, divórcio e disputa de guarda (FRIZZO et al., 2005).

Entender as práticas de cuidados dos pais requer também considerar as relações construídas no lar, bem como as transformações ocorridas na instituição familiar. Tinoco e Féres-Carneiro (2003) discutem sobre as transformações acarretadas por mudanças socioculturais e históricas e como causaram impactos no viver familiar.

Na modernidade, o Estado em conjunto com outros especialistas passou a intervir nas relações familiares. Com base em Pessôa e Rosa (2018), o Código Civil Brasileiro de 1916 deixava explícito o que representava família para a sociedade e para o Estado. Através do casamento, o ser humano teria a liberdade e o direito de constituí-la. Ou seja, qualquer fruto de relação extraconjugal ou fora dos padrões do matrimônio não era considerado como família.

Os papéis dos membros da família tinham contornos específicos no Código Civil Brasileiro de 1916. O homem da casa deveria arcar com determinadas responsabilidades ao passo que sua esposa assumiria também tarefas em prol do funcionamento do lar. Cabia ao marido dar direções aos membros, bem como sustentá-los e administrar seus bens e patrimônios (PESSÔA & ROSA, 2018). Tinoco e Féres-Carneiro (2003) pontuam que o respeito e a obediência principalmente ao marido era de suma importância já que através do seu papel de “chefe da família”, os filhos e a esposa tinham proteção e sustento. Cabia à mulher a função de adjutora do marido, sendo responsável principalmente pela organização da casa e o cuidado dos filhos.

As mudanças sociais trouxeram rupturas para a forma organizacional da família. A hierarquia vertical que existia na família a partir da autoridade do homem passou a dar lugar a relações mais igualitárias entre seus membros. Essas transformações no contexto brasileiro são consequências de fatores estruturais que mexeram com o viver da família. É possível destacar, entre outros fatores, a industrialização, a expansão do mercado e do comércio, além da abertura à possibilidade de a mulher poder trabalhar e ser remunerada (Pessôa e Rosa, 2018).

A família se constitui enquanto instituição e base da sociedade e do Estado. As pessoas passam a considerar esse ambiente como lugar de refúgio, de intimidade; e é a ela que a sociedade designa a incumbência de transmitir a cultura

(TINOCO e FÉRES-CARNEIRO, 2003 *apud* LASCH, 1991). Tal pano de fundo será fomentado também pelo novo lugar assumido pela mulher, bem como as transformações da infância que acabam por gerar outras responsabilidades principalmente para as mães.

Se, por um lado, as mulheres começam a ter suas aspirações atendidas e o reconhecimento de seus direitos perante o Estado e a sociedade, por outro, elas precisavam agora ter instrução para criar seus filhos. Elas ainda assumem a tarefa de administrar suas responsabilidades por zelar pela educação e criação dos filhos. Além disso, as mulheres continuam cuidando dos afazeres domésticos e de dar suporte para seu cônjuge (TINOCO e FÉRES-CARNEIRO, 2003). Como consequência, houve um acúmulo de funções e exigências que recaíram sobre as mães. Embora os pais estejam mais atuantes na função de cuidado de seus filhos, as mulheres ainda continuam sendo as principais responsáveis por essa tarefa. Com base em Sena (2020), esse acúmulo de papéis está relacionado com a dupla jornada de trabalho desempenhada pelas mulheres: cuidar de seus filhos e sustentar sua carreira profissional. Houve um aumento das exigências atribuídas a elas pois passaram a precisar serem capazes de conciliar sua vida doméstica e profissional, cooperando também com o sustento econômico da família (OLIVEIRA, 2009). A mulher se encontra muitas vezes na encruzilhada entre o exercício de seus diferentes papéis - mãe, dona de casa e trabalhadora – dando lugar ao surgimento de sentimentos conflituosos e de culpa.

O papel do homem na família se tornou tema de discussão e de pesquisas na área da Infância e da Psicologia do Desenvolvimento. Lamb (1985) propõe o termo *envolvimento paterno*, pois busca entender os desdobramentos do engajamento do pai no desenvolvimento da criança. Os estudos do autor trazem três dimensões para a atuação do pai em seu relacionamento com os filhos. São elas: a) interação - tempo em que os pais se envolvem plenamente com as crianças, como nas brincadeiras; b) acessibilidade - está relacionado com a presença e disponibilidade do pai com elas; e c) responsabilidade - estar atento às necessidades delas e proporcionar os cuidados básicos em prol do seu bem-estar (LAMB, 1992).

Historicamente, o homem assume a responsabilidade primeira de provedor da casa, portanto suas atividades acabam sendo fora do centro das interações familiares. A ausência dos pais no envolvimento familiar e parental pode ser

explicado pela carga de trabalho e por negociações sutis com o cônjuge sobre as funções destinadas a cada um na relação (HENN e PICCININI, 2010).

Segundo Silva e Piccinini (2007), embora o envolvimento paterno esteja ganhando novos rumos, no Brasil, as poucas pesquisas na área apontam para discrepância na divisão de responsabilidades comparada as mulheres (*apud* PLECK, 1997). As famílias, de forma geral, ainda apresentam relacionamentos coparentais em que as mães assumem as responsabilidades do cuidado e educação das crianças uma vez que. É possível que pais continuem afastados destas funções porque consideram que na divisão de tarefas nas famílias, a provisão financeira tenha maior relevância no conjunto de obrigações paternas.

Os estudos no campo vão tratar não só da importância do envolvimento do pai com seus filhos, mas também da qualidade desse tempo gasto durante os cuidados e momentos familiares. Sobre isso, Schmitz (2020) argumenta que a participação duradoura na parentalidade se mostra crucial para o desenvolvimento do bem-estar físico e psicológico da criança em suas múltiplas fases na infância.

Na contemporaneidade, os pais cada vez mais são levados a estarem presentes na vida de seus filhos, transmitindo confiança e segurança para eles e estreitando os laços com sua família. A atuação do pai nas tarefas do lar e nos cuidados das crianças cria um ambiente de gratificação ao passo que aproxima e reforça o vínculo com a família (SENA, 2020).

No contexto da família moderna, a vivência de seus membros se torna cada vez mais particular e íntimo; existe um movimento de estreitamento do laço entre pais e filhos. Houve uma busca para proporcionar a melhor forma de criação e sustento da prole. A valorização da infância coopera para o surgimento do sentimento dos pais de reunir seus esforços na construção de um ambiente saudável visando o desenvolvimento futuro de seus filhos

De acordo com Oliveira (2009), boa parte da energia, financeira principalmente, é canalizada no objetivo de proporcionar as condições possíveis e impossíveis para a promoção do sustento dos filhos e garantia a longo prazo. Para Sena (2020), a família do século XXI não tem um modelo único, mas representa diferentes formatos, dando lugar a uma relação mais igualitária e harmônica. Nesse contexto, a importância deixa de estar no legado dos bens, do sobrenome e do patrimônio para a qualidade da relação parental que se constrói no ambiente

familiar. A ênfase está no vínculo, na relação, no bem estar e nas experiências do dia a dia entre pais e filhos.

Nas transformações sociais vivenciadas pela família nessa nova conjuntura, os adultos e as crianças começam a ter seus papéis revistos, alinhando-os à possibilidade de igualdade nas relações tanto conjugal, quanto parental. Diante disso, nas palavras de Tinoco e Féres-Carneiro (2003, p.62) as relações familiares que se moldam nesse cenário atual têm suas bases nos conceitos da “(...) intimidade, da comunicação livre e aberta, pautando-se no diálogo e na democracia”.

As relações familiares têm por tradição uma hierarquia de autoridade estabelecida entre seus membros. Essa hierarquia confere aos adultos responsáveis na casa, autonomia, autoridade e poder de decisão e escolha no lar. No entanto, o contexto sociocultural e histórico da relação entre pais e filhos vem passando por mudanças e, conseqüentemente, assumindo outros contornos.

Para Henriques, Féres-Carneiro e Ramos (2011), na atualidade, as interações no lar estão sendo constituídas de maneira mais suave e igualitária. Se, anteriormente, as gerações de filhos lidavam com a autoridade de seus pais de forma mais rígida e cautelosa, agora, a relação parental entre adultos e crianças está cada vez menos hierarquizada. Todavia, como afirma Frizzo et al. (2005), a parentalidade sempre estará intimamente ligada ao uso da autoridade.

Entender de que forma as interações e experiências da parentalidade se constituem significa olhar para fatores que fazem parte do convívio familiar. A relação entre os membros desse contexto é atravessada por situações cotidianas que, por sua vez, elucidam dimensões como autoridade, afetividade, crenças, valores. Uma das questões fundamentais nesse contexto é a lealdade e a confiança construídas entre os membros. Henriques, Féres-Carneiro e Ramos (2011) tratam da lealdade como fonte de apoio não só no ambiente familiar, mas principalmente entre aqueles que convivem e se envolvem.

A confiança e a lealdade em qualquer forma de relação se conquistam ao longo do tempo; na parentalidade não é diferente. Por conseguinte, a confiança é construída na medida em que atitudes e compromissos assumidos são cumpridos entre pais e seus filhos e vice-versa. Muitas situações podem ser fonte de conflitos e insatisfações. A confiança e a lealdade entre pais e filhos podem sofrer rupturas e, dependendo do nível de transgressão e ofensa, serem irreversíveis. Com isso,

certas situações conflitantes trazem incômodos e impasses pois favorecem uma abertura para desconfiança e ambiguidade, principalmente na comunicação (HENRIQUES ET AL., 2011). Os filhos podem ter o vínculo com seus pais abalados e o horizonte da lealdade e confiança, como citam os autores, se perder no cotidiano.

A qualidade do vínculo construído entre crianças e seus pais é essencial para as experiências nas diferentes etapas de seu crescimento. Sena (2020) argumenta que os cuidadores precisam investir nessa relação para que todas as necessidades das crianças sejam reconhecidas e atendidas. O investimento e dedicação dos pais à criação de seus filhos acontecem alinhados às concepções sobre o que consideram necessário tanto para o desenvolvimento deles, quanto para a construção do vínculo e ambiente familiar. Portanto, essas crenças parentais ajudam a entender as práticas de cuidado e envolvimento parental, já que revela os elementos cruciais para o desenvolvimento da criança (Sena, 2020).

Ao mesmo tempo, as práticas, crenças e compreensões sobre a função de pai e mãe também estão inseridas em determinado contexto cultural e, portanto, são mediadas pela interferência desse ambiente. O entendimento deles sobre as etapas de desenvolvimento da criança, sobre os elementos necessários para educá-la e as características fundamentais para o desempenho da função de cuidadores partem de sua interpretação da realidade, ao passo que sofrem interferências de contextos históricos, culturais e temporais específicos.

O campo de pesquisas e estudos sobre crenças é permeado por divergências entre os autores, pois não existe um consenso sobre a definição do termo (SENA, 2020; KOBARG et al, 2006). No entanto, de maneira geral, os autores concordam que os comportamentos dos cuidadores estão entranhados em suas ideias e crenças sobre as maneiras pelas quais elas devem ser criadas. Portanto, as escolhas dos pais em ter determinado comportamento em detrimento de outro são mediadas tanto por suas concepções, visão e experiências, quanto pelo contexto em que estão situadas.

Kobarg et al. (2006) afirmam quem “(...) valores, ideias, crenças e o comportamento não podem ser compreendidos de forma isolada, mas somente como aspectos inseparáveis (...)” (p.97). Porém, ainda que o comportamento e as práticas de parentalidade estejam alinhados com esse sistema de valores e crenças, nem sempre esses campos estarão em sintonia. O comportamento do ser humano

está sujeito a contradições e divergências entre sua interpretação de visão de mundo e suas ações e atitudes.

A complexidade do ser humano enquanto sujeito que age, vive e pensa sobre o mundo, se transforma muitas vezes em conflitos internos. Não é diferente na relação entre pais e filhos. É necessário então olhar para as interações e os discursos sobre relação familiar e relação parental considerando, de um lado, os ideais e valores que sustentam o comportamento e, de outro, o que de fato se concretiza no cotidiano.

Justificativa

A difusão da tecnologia *touch screen* trouxe mudanças para a vida do indivíduo e para a forma com que ele se relaciona com o mundo. Os dispositivos móveis fazem parte do cotidiano dos grandes centros urbanos e estão presentes nos momentos de troca e interação entre as pessoas. Diante desse cenário, pesquisadores principalmente do contexto internacional, estão desenvolvendo estudos sobre as razões de uso dos dispositivos móveis dos pais enquanto cuidam das crianças e os motivos e repercussões das distrações deles no cotidiano.

Os estudos de McDaniel e Coyne (2016a, 2016b) sobre a *tecnofênia* mostram que pouca atenção tem sido dada às interferências do uso principalmente dos *smartphones* dos pais na relação com seus filhos. De acordo com os autores, as distrações dos adultos em seus aparelhos têm sido motivo de preocupação, pois podem representar desde riscos até insatisfações para as crianças.

Tais discussões colocam em pauta a importância de se atentar para a temática com o intuito de entender como a presença da do *smartphone* pode interferir no contexto familiar. Partindo da constatação de que entre os dispositivos móveis, o consumo dos *smartphones* é o que se destaca – conforme pesquisa feita pela Fundação Getúlio Vargas (2019) -, consideramos a importância de aprofundar o olhar, sobretudo, nestes dispositivos e o impacto que tem seu uso nos relacionamentos entre pais e filhos.

Nesse sentido, compreendemos a necessidade do levantamento de dados sobre a presença dos dispositivos móveis no cotidiano da família e os impactos do uso dos *smartphones* dos pais para a relação com os filhos.

Questões de pesquisa

Pretendemos investigar o uso dos *smartphones* no contexto familiar com as seguintes questões de pesquisa:

1. Como o uso de *smartphone* tem interferido na relação entre os pais e os filhos?

2. Como os pais usam esses dispositivos móveis enquanto estão com seus filhos?

3. Como o uso dos pais é percebido na relação parental?
 - Quais são as percepções dos pais sobre seu próprio uso?
 - Como os pais acreditam que os filhos percebem esse uso?

7

Piloto da pesquisa

7.1.

Metodologia

Nosso trabalho tem o intuito de investigar como os *smartphones* estão sendo usados no cotidiano das famílias. Poucas pesquisas no Brasil debruçaram-se sobre os impactos do uso dos pais na relação com seus filhos. Realizamos então um piloto em uma escola privada de uma comunidade da Zona Sul do Rio de Janeiro para auxiliar na construção, testagem e refinamento do roteiro de entrevista da pesquisa. A partir disso, conseguimos ajustar o instrumento para uso na pesquisa.

7.2.

Perfil dos participantes

Inicialmente, fomos a reuniões de pais de crianças do 3° e 4° anos na escola para convidá-los para participarem da pesquisa. Cinco responsáveis demonstraram interesse em participar da pesquisa piloto, bem como seus respectivos filhos. Na turma do 3° ano participaram 2 crianças e um dos seus responsáveis; já na turma do 4° ano, 3 crianças e um de seus responsáveis. Informações gerais dos participantes estão expostas no quadro a seguir.

Quadro 1: Informações gerais dos responsáveis participantes

Participante	Profissão	Escolaridade	Renda familiar	Idade da criança	Número de moradores na casa	Número de aparelhos na casa (tablets e smartphone)
R1	Empreendedora	Ensino Médio completo	De 1 a 3 salários mínimos * ().	8 anos	3	3
R2	Recreadora	Ensino Superior Incompleto	De 1 a 3 salários mínimos	8 anos	3	4
R3	Autônoma	Ensino Médio completo	De 1 a 3 salários mínimos	9 anos	2	3
R4	Autônomo	Ensino Superior Incompleto	De 1 a 3 salários mínimos	8 anos	3	2
R5	Agente de Saúde	Ensino Médio completo	De 1 a 3 salários mínimos	9 anos	4	4

Fonte: elaborado pela autora

- Salário entre R\$ 1.045,00 até R\$ 3.135,00

7.3.

Procedimento do estudo piloto

Na primeira etapa, um dos responsáveis foi contatado para a marcação da entrevista individual. Realizamos um total de 5 entrevistas com adultos. Utilizamos o espaço da escola para conversar tanto com os pais, nesta etapa, quanto com seus filhos, na etapa subsequente. As entrevistas com os responsáveis foram audiogravadas com o auxílio de um gravador, e tiveram duração média de 59 minutos, sendo a mais curta com 41 minutos e a mais longa com 1 hora. No momento da entrevista, explicamos novamente os objetivos da pesquisa e convidamos os pais a lerem e assinarem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice 12.2) concernente à participação deles e a de seus filhos.

Na segunda etapa, realizamos entrevistas em grupo com os filhos dos responsáveis entrevistados anteriormente. Combinamos com as professoras o horário e dia para que não houvesse prejuízo na rotina escolar das crianças. Sendo assim, organizamos dois grupos em dias distintos: o primeiro com as 2 crianças do 3º ano e outro com as 3 crianças do 4º ano.

Iniciamos este momento com uma conversa sobre a pesquisa. Posteriormente, elas foram convidadas a lerem e assinarem o Termo de Assentimento (Apêndice 12.3.). As entrevistas em grupo foram videogravadas e audiogravadas por meio de uma câmera e um gravador. A entrevista do primeiro grupo durou 32 minutos, já o tempo do segundo foi de 55 minutos.

7.4.

Instrumento do Piloto

O roteiro das entrevistas semiestruturadas foi construído em parceria com o Grupo de Pesquisa Desenvolvimento Humano e Educação (Grudhe) a partir de

discussões com base nos objetivos do estudo em questão. Nosso instrumento foi delineado em três blocos principais: o primeiro continha questões sobre o cotidiano e a relação familiar; o segundo continha perguntas sobre a relação dos pais com os *smartphones*; e o terceiro tinha questões sobre o uso das crianças. Utilizamos também um questionário para registrar informações dos pais e dos filhos das famílias recrutadas, tais como: idade, profissão e escolaridade dos pais, renda familiar, e idade da criança.

7.5.

Análise

As entrevistas foram transcritas e analisadas em blocos temáticos de maneira que pudéssemos comparar a perspectiva das crianças e de seus responsáveis sobre a presença do *smartphone* no cotidiano da família.

Fizemos uma abordagem qualitativa com o intuito de discutir as experiências e opiniões dos pais e das crianças sobre a temática. Analisamos e comparamos os trechos das entrevistas dos pais e das crianças em torno dos seguintes eixos: uso dos *smartphones* pelos pais e uso dos *smartphones* pelas crianças.

7.6.

Resultados

Bloco 1 - Perspectivas dos pais sobre a relação familiar

No primeiro bloco, perguntamos para os participantes o que eles entendem como atributos necessários para sua relação com as crianças. No quadro a seguir, apresentamos as respostas de cada entrevistado.

Quadro 2 – Respostas dos pais sobre os elementos importantes no papel de responsável

Participantes	Respostas dos pais
R1 - mãe	Ser parceiro, amigo e companheiro, principalmente nas atividades tecnológicas que a criança gosta.
R2 - mãe	Ser dedicado, paciente e equilibrado.
R3 - pai	Sustentar financeiramente a criança, estar presente e ser parceiro.
R4 - mãe	Ser um bom exemplo, estar presente, ter dedicação à criança e dar limites.
R5 - mãe	Estar presente, ser amigo e saber disciplinar.

Fonte: elaborado pela autora

Percebemos que os participantes acreditam serem necessários diferentes atributos, como *companheirismo*, *amizade* e a *disciplina* na criação dos filhos. Durante as entrevistas, alguns mostraram que o contexto em que seus filhos estão sendo criados requer deles a construção de uma relação sólida através do diálogo, conversa e confiança.

Pode ser que a parceria e a amizade se estabeleçam na medida em que pais e filhos encontram na relação abertura para a conversa. A participante R3 mostra considerar importante o diálogo no convívio com a filha: “Eu quero falar com ela, eu quero explicar pra ela, entendeu? Se ela tiver uma curiosidade, liberdade... de vir até mim, perguntar...” (R3). Os responsáveis investem na qualidade da relação com seus filhos participando de suas vidas e manifestando interesse pelos gostos e interesses deles com a tecnologia: “[...] quero mostrar ao máximo que eu sou companheira dele, que a gente joga junto [...] que eu quero conhecer o mundo dele. Eu nem jogava, comecei a jogar por causa dele.” (R1).

Bloco 2 - Uso dos *smartphones* pelos responsáveis no cotidiano da família

Perguntamos aos responsáveis sobre o que pensam sobre a forma com que interagem com os *smartphones* e aos seus filhos sobre como enxergam o uso dos pais. No Quadro 3 estão as respostas dos responsáveis e das crianças . Na coluna

referente às entrevistas com os adultos estão dados sobre o tempo e finalidades de uso. Já na coluna das crianças, apresentamos os trechos que elas expõem o que pensam sobre a finalidade do uso dos dispositivos dos adultos.

Quadro 3 – Respostas dos pais e das crianças sobre o que pensam do uso de *smartphones* dos adultos.

Pais	Respostas dos pais	Filhos	Respostas dos filhos
R1 (mãe)	Trabalho, acesso à informação, lazer. Tempo de uso: cinco horas	C1	“pra assuntos sérios”, “usa bastante, mas usa para o bem também... para estudar, para fazer curso”
R2 (mãe)	Trabalho, redes sociais, compras. Tempo de uso: cinco horas	C2	“conversando no WhatsApp e ficando vendo as fotos no Instagram”
R3 (pai)	Trabalho, lazer, comunicação Tempo de uso: dez horas	C3	“minha mãe usa bastante”, “com o que ela trabalha requer bastante o uso do celular”, “usa também pra falar comigo”
R4 (mãe)	Comunicação, trabalho, estudo Tempo de uso: não soube informar	C4	“para fazer as coisas do trabalho”
R5 (mãe)	Trabalho, lazer, comunicação Tempo de uso: não soube informar	C5	“estuda, trabalha, conversa com as amigas da faculdade”, “fala com as pacientes pelo WhatsApp”

Fonte: elaborado pela autora

Na coluna das respostas dos adultos, fica evidente que a principal finalidade para o uso do *smartphone* apresentada por eles é o trabalho. Ao analisarmos as respostas das crianças, quase todas citam a mesma finalidade. Isto pode ser entendido de duas maneiras. A primeira delas é que os filhos talvez observem no cotidiano que seus pais usam os *smartphones* como ferramenta de trabalho. No entanto, é possível também que os pais verbalizem ou expliquem para as crianças suas atividades no dispositivo.

Destacamos a maneira pela qual o participante C1 descreve o uso de sua mãe (R1): “usa bastante, mas usa para o bem também... para estudar, para fazer curso”, “pra assuntos sérios”. A criança entende que usar “para o bem” e “pra assuntos sérios” significa usar o *smartphone* como ferramenta para determinadas tarefas (como estudo). Esta atribuição dada ao uso do aparelho também é encontrada na entrevista com a mãe da família R4. Ele descreve seu próprio uso

como necessário: “Embora ela (a filha) veja em nós assim um certo grau de uso, como eu falei, nossa necessidade” (R4). Entendemos, portanto, que o *smartphone* pode ser qualificado e reconhecido como recurso para atividades tidas como necessárias - trabalho, estudo.

Os responsáveis tiveram dificuldade de mensurar a quantidade de tempo de tela. Dentre todos, a mãe R3 é a que mais usa o *smartphone*. Fica evidente a forte presença do aparelho em seu cotidiano e influência dos sons e notificações nesse uso: “eu ouço o barulhinho já vou correndo lá ver... porque se eu ficar ouvindo, eu sou curiosa...” (R3). Em outro trecho ela diz que “não consigo ficar um dia sem telefone” (R3). Na experiência dessa participante, os sons e alertas emitidos pelo aparelho despertam curiosidade e desejo de verificar as notificações, o que contribui para o aumento do tempo de uso.

A mãe demonstrou incômodo com a maneira pela qual está interagindo com o *smartphone*: “[...] desliguei um pouco as redes sociais porque eu acho que estava tomando muito o meu tempo. Eu estava ficando muito tempo” (R2). Além disso, na entrevista, o responsável demonstra insatisfação com o tempo de uso da filha: “[...] a gente passa muito tempo no telefone, muito tempo” (R2). A insatisfação sobre a presença do aparelho é porque o uso do responsável traz influências na vida da criança: “a maioria das vezes ela está (no *smartphone*), ela está também... Se eu não estivesse (no *smartphone*), eu poderia tirar ela do celular, enquanto eu não estivesse, entendeu?” (R2).

Bloco 3 - Impactos do uso da tecnologia no contexto familiar

Neste bloco, apresentaremos os dados sobre os impactos da utilização do *smartphone* dos pais na relação parental. Portanto, analisamos trechos das entrevistas que abordam as concepções dos responsáveis sobre seu próprio uso na presença das crianças e os trechos das entrevistas delas sobre o que pensam da interferência dos dispositivos dos pais. Cada quadro exposto traz dados sobre as respostas de acordo com a relação a que pertencem. A seguir, traremos o Quadro 4 contendo trechos das entrevistas feitas com o adulto e com a criança.

Quadro 4 – Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do *smartphone* na família 1.

	R1 (mãe)	Criança C1
Respostas sobre interferências do uso do <i>smartphone</i> na família 1.	<p>R1: “[...] na maioria das vezes quando ele tá comendo e que eu tenho um tempo livre eu volto para o celular né... eu tô comendo às vezes com ele beliscando alguma coisa e aí ele tá lá no celular e eu não reclamo porque eu também estou usando. Então não posso tirar [...]”</p> <p>"Ele diz olha pai eu vim aqui na humildade... Poxa pai eu estou falando com você, mas acaba se tornando uma brincadeira porque ele fala de um jeito brincalhão com o pai né?"</p> <p>“eu tento me policiar... aí quando eu percebo eu falo então fala de novo... eu quero escutar porque eu sei que ele vai ficar chateado se eu falar a verdade que eu não estava escutando. Mas eu acho que realmente isso aí não é legal você tipo assim mesmo está escutando e ignorar.”</p> <p>“[...] quando a gente tá junto, conversando do nada ele vai para o celular dele e eu não falo nada. Eu penso graças a deus que ele me deixou um pouquinho em paz, aí eu vou para o meu. Mas eu acho que é só esses momentos mesmo”</p> <p>“[...] se ele perceber que foi uma coisa de muita urgência... ligação do trabalho... ele aceita mais, mas se for alguma coisa aleatória, se eu tiver falando, pegar o celular só porque eu quero olhar alguma coisa, aí ele se estressa.”</p>	<p>C1: “[...] quando eles estão conversando tipo no WhatsApp, uma coisa séria ...Aí não me respondem, aí depois eles respondem”</p> <p>“[...] algumas vezes eu esqueço que ela tá no celular... conversando na ligação, no WhatsApp. Algumas vezes eu acabo falando e ela faz de meio que mexendo a mãozinha”</p> <p>“[...] eu fico na minha, só que algumas vezes dá vontade de desistir de perguntar. Algumas vezes eu desisto e algumas vezes eu não desisto”.</p> <p>“[...] bate um pouco de raiva dentro de mim, um pouquinho... quando já fica muito, muito tempo (o responsável mexendo no <i>smartphone</i>)[...]”</p>
Opinião da mãe (R1) sobre uso do <i>smartphone</i> durante interação entre pais e seus filhos nos relacionamentos de outras famílias.	<p>“Eu acho que hoje em dia está se tornando normal isso, dependendo da situação né. Mas assim, eu não ia achar legal ou se eu fizesse isso ou se eu visse meu marido fazendo isso com meu filho numa atividade com ele, brincando super empolgado e o pai trocando áudio com alguém.”</p>	

Fonte: elaborado pela autora

As entrevistas de ambos os participantes (criança e responsável) nos ajudam a entender como eles percebem a interferência do *smartphone* para o convívio familiar e para a relação parental. Notamos que na interação e convívio da família 1 já houve situações em que os aparelhos causaram algum tipo de interferência na rotina familiar. A mãe relatou duas situações em que seu aparelho esteve presente, como apresentamos no quadro acima (na hora da refeição e quando estão juntos conversando).

O uso do responsável está ligado ao uso da criança; no entanto, a presença do *smartphone* do filho nos momentos em família serve como justificativa para os pais também utilizarem seus aparelhos.

O participante faz comentários sobre o comportamento do filho quando a atenção é desviada por causa do *smartphone*: “[...] eu sei que ele vai ficar chateado se eu falar a verdade que eu não estava escutando”. Os adultos podem perder o interesse em ouvir as crianças porque talvez acreditem não ter importância o que eles eventualmente falam, como observamos neste trecho “Porque às vezes é uma coisa que ele já tinha falado ou que ele já falou...” (R1). Escutamos a criança sobre estas situações e é possível observar que a presença do aparelho acaba causando, em determinadas situações, insatisfação e desgosto: “[...] eu fico na minha, só que algumas vezes dá vontade de desistir de perguntar” (C1); “bate um pouco de raiva dentro de mim, um pouquinho...” (C1).

Quadro 5 - Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do *smartphone* na família 2.

Pais	R2 (mãe)	Criança C2
Respostas sobre interferências do uso do <i>smartphone</i> na família 2.	<p>“[...] um exemplo, se Deus levasse ela hoje... eu teria na consciência, assim ai, eu poderia ter aproveitado mais.”</p> <p>“Mas eu acho que tinha que ter mais momentos assim... vou me esforçar mais... eu acho que isso que está me atrapalhando a perder muito o tempo com ela.”</p> <p>“[...] teve uma vez que uma amiga falou assim... você sai muito com sua filha, né?... eu falo assim... é, mas eu boto a foto (nas redes</p>	<p>“[...] ela fica vendo televisão e celular... e eu falo mamãe! mamãe! mamãe! mamãe!”</p> <p>“Uma vez eu desliguei o celular dela quando ela tava mexendo e ela ficou brava comigo... porque eu queria falar com ela”</p> <p>“eu fico brava aí... depois eu desisto e vejo televisão”</p> <p>“E - Como vocês acham que os pais de vocês se sentem quando isso acontece (ato de ignorar por conta do celular)?</p>

	<p>sociais) e depois pego o meu celular e deixo ela. É só a foto. É só uma coisa aparente.”</p> <p>“[...] é uma coisa... meio triste para mim. Às vezes é necessário a gente mexer no celular para a gente ver alguma coisa importante, mas na maioria das vezes não é. Uma vez ela cobrou uma coisa assim para mim... você nunca brinca comigo... mas eu acho que se eu me esforçar, eu consigo arrumar um tempo para brincar com ela... O tempo no celular é muito grande”</p> <p>“[...] eu já fiz isso. Às vezes eu estou no celular, às vezes ela está me perturbando... ah, pega lá o seu tablet [...]”</p> <p>“[...] ela reclama... aí eu digo para de ser chata... estou vendo um negócio aqui, depois você fala comigo... tadinha... olhando agora assim (risos)... Ai, meu Deus, tadinha...”</p>	<p>C2: - Eu acho que eles ficam assim, ah falo depois”</p>
--	---	--

Fonte: elaborado pela autora

A presença do *smartphone* tem gerado conflitos para a mãe da família 2. Nos exemplos é possível perceber a insatisfação dela por conta dos prejuízos e interferências do dispositivo no convívio familiar: “[...] um exemplo, se Deus levasse ela hoje, eu teria na consciência assim, eu poderia ter aproveitado mais.” (R2). O tempo de tela se torna um empecilho para a mãe participar mais da vida da criança, como observamos no seguinte trecho: “[...] eu acho que isso que está me atrapalhando a perder muito o tempo com ela” (R2).

Isso se confirmou na entrevista com a criança. No Quadro 5 estão os relatos em que a criança comenta sobre a distração e o desvio de atenção da responsável R2: “[...] ela fica vendo televisão e celular, eu falo mamãe! mamãe! mamãe! mamãe!” (C2). Já em outra ocasião, a menina conta sobre sua atitude enquanto a mãe usa o celular: “Uma vez eu desliguei o celular dela quando ela tava mexendo e ela ficou brava comigo porque eu queria falar com ela”. A participante C2 reage tentando atrair a atenção. No entanto, os adultos podem não entender a atitude da criança e serem hostis com ela. Dividir a atenção entre o

aparelho e a criança talvez gere sentimentos na pessoa ignorada: “[...] eu fico brava aí depois eu desisto e vejo televisão” (C2).

A *tecnofêrência* na rotina pode acontecer em situações de estresse no cuidado com a criança. O seguinte trecho traz esse exemplo, pois a mãe entrega o *tablet* para a filha com a intenção de não ser incomodada: “[...] eu já fiz isso. Às vezes eu estou no celular, às vezes ela está me perturbando, ah, pega lá o seu *tablet*” (R2). A liberação do uso da criança para utilizar o dispositivo móvel faz parte de uma estratégia encontrada pelo adulto para ocupá-la e assim ter mais tranquilidade nas atividades do dia.

Quadro 6 - Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do *smartphone* na família 3.

Pais	R3 (pai)	Criança C3
Respostas sobre interferências do uso do <i>smartphone</i> na família 3.	<p>“Eu tô no celular, mas sempre que ela fala comigo... já aconteceu de eu estar, mas de imediato saio... a não ser que seja alguma coisa mais séria aí eu digo... espera um pouquinho terminar aqui.”</p> <p>“[...] ela fica chateada, ela fica... você gosta mais do telefone do que de mim”</p> <p>“eu não acho bacana, mas todos fazem. Eu faço!”</p> <p>“[...] é um momento de você estar ali com eles né, mas acaba tipo assim, quando você tá dando a comida por exemplo... às vezes alguém te liga né, vai atender... é uma amiga tua... acaba acontecendo. Você tá ali dando uma continuidade que você tá fazendo com seu filho, mas tá numa atenção dividida”</p> <p>“se ela tiver brincando, ela fica de boa, mas se ela não tiver, ela fala assim mãe, larga o telefone... quando eu fico assim, eu desligo a internet, porque aí quando eu ligar eu respondo tudo[...]”</p>	<p>“[...] eu e a minha mãe a gente não come de jeito nenhum mexendo no celular”</p> <p>“E - E você acha que as pessoas se incomodam quando isso acontece (celular interromper a conversa)?</p> <p>C2 - eu me incomodo... aí eu falei com ela e a gente parou total... ”</p> <p>“[...] porque eu sei que quando eles acabarem o negócio eles vão me dar atenção. Eu me sinto normal.”</p>

Opinião do Responsável sobre uso do <i>smartphone</i> durante a interação entre pais e seus filhos nos relacionamentos de outras famílias.	“[...] Aproxima quem tá distante, mas ao mesmo tempo quem está próximo, distancia.”	“E - O que você acha que faz com que a família fique com a relação assim?” C2 - Não dar tanta atenção para o filho, dar mais atenção para o telefone do que para o filho. Eu acho que isso interfere bastante na relação a familiar.”
--	---	--

Fonte: feito pela autora.

O pai da família 3 deixa explícito não aprovar a interferência do *smartphone* quando a família está unida, porém não é impedimento para acontecer ocasiões como esta: “Eu não acho bacana, mas todos fazem. Eu faço!” (R3). A mãe traz exemplos em momentos da refeição. Porém, a criança diz que não é permitida a presença do aparelho. O incômodo devido às invasões dos aparelhos por parte da responsável e também da criança colaborou para que fosse proibida a presença do celular na hora da alimentação.

A participante C3 foi perguntada sobre os momentos em que o adulto estava distraído com o *smartphone*: “[...] porque eu sei que quando eles acabarem o negócio, eles vão me dar atenção. Eu me sinto normal”. Contudo, quando ouvimos os adultos, eles dizem perceber a insatisfação nos filhos: “Ela fica chateada [...] você gosta mais do telefone do que de mim” (R3). É possível que os comentários das crianças aconteçam em situações que elas estejam ociosas, sem estar usando seus *smartphone*. De forma geral, percebem que tanto R3, quanto C3 já vivenciaram interferências do aparelho na relação familiar.

Quadro 7 - Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do *smartphone* na família 4.

Pais	R4 (mãe)	Criança C4
Respostas sobre interferências do uso do <i>smartphone</i> na família 4.	“[...] a criança diz... eu queria (conversar sobre algo)... então automaticamente a gente desliga, põe de lado, e fala... o que é? Então vamos conversar, vamos ver... Então é uma questão de você saber conciliar. Pra mim se é um momento meu de estudo...particular,	“C4 - [...] a gente janta e quando a gente chega tem vez que... eles ficam às vezes no celular... E - Entendi. Isso te incomoda? C4 - Bastante... é pro pai e mãe tem que brincar com os filhos, cuidarem, então fazer tipo atividades e tem vez

	<p>profissão...eu preciso estudar”</p> <p>“[...]Então eu estou sempre envolvido em algum momento a criança vai precisar da minha atenção ou não em algum momento ela vai precisar parar e falar... daí eu precisar parar pra dar mais atenção.”</p>	<p>que não é do jeito que a gente pensa.</p> <p>E - Por que não é do jeito que você pensa?</p> <p>C4 - Por causa que a gente pensa que eles vão fazer alguma coisa com a gente... só que na realidade eles não fazem.”</p> <p>“Bom para mim o que atrapalha é as coisas tecnológicas por causa que... quando ela não tá fazendo nada, só tá no celular, então isso que me deixa um pouco triste... então quando a gente passeia, bom, fica meio chato porque é para a gente se divertir junto e aí o celular meio que atrapalha.”</p> <p>“Teve uma vez aí que minha mãe estava conectada... aí eu estava tentando falar com ela e ela não dava atenção... Eu fico enchendo o saco dela... para ela poder dar atenção por causa que a família em segundo lugar... por causa disso, do celular.”</p>
<p>Opinião do Responsável sobre uso do <i>smartphone</i> durante a interação entre pais e seus filhos nos relacionamentos de outras famílias.</p>	<p>“[...] prejudica relacionamento, influenciam no desenvolvimento, atrapalha no psicológico, são mensagens que vão para o subconsciente da criança que ela vai interpretar, inconscientemente isso como rejeição”</p>	

Fonte: feito pela autora

Na família 4, o participante utiliza o *smartphone* como ferramenta de trabalho e estudo. Observamos que ele demonstrou ter uma preocupação com a construção de uma rotina que o favoreça cumprir suas responsabilidades, seja pelo *smartphone* ou por outro meio. No entanto, quando as crianças estão por perto, elas estão sujeitas a enfrentar dificuldades para conversar com os adultos por

conta das atividades que estão sendo feitas pelo disposto. Para isso, a importância de saber conciliar as obrigações com os cuidados ou atenção às necessidades do filho, como observado no trecho da entrevista da mãe da família 4.

Da mesma maneira, a criança também foi questionada sobre o que pensa do uso de seus pais. Ela demonstrou insatisfação com a presença do *smartphone* dos nos momentos em família. Contudo, percebemos na entrevista R4, a preocupação do responsável em atender e, quando necessário, acolher as necessidades do filho. Mas nem sempre os filhos irão enxergar por esta perspectiva se os pais não conversarem sobre eles. Os filhos acabam entendendo como falta de consideração.

Na entrevista com a criança, o uso do celular não só atrapalhar a interação com seus pais, mas traz a sensação de que o tempo em família não está sendo priorizado: “Teve uma vez aí que minha mãe estava conectada, aí eu estava tentando falar com ela e ela não dava atenção. Eu fico enchendo o saco dela para ela poder dar atenção por causa que a família em segundo lugar” (C4).

Os pais podem ter clareza sobre os impactos no desenvolvimento infantil dos filhos quando seus cuidadores permitem que os aparelhos atrapalhem sua relação, como foi exposto pelo participante no seguinte trecho: “[...] prejudica relacionamento, influenciam no desenvolvimento, atrapalha no psicológico. São mensagens que vão para o subconsciente da criança [...]” (R4). Porém, quando perguntamos sobre o uso do participante e de que forma os dispositivos móveis impactam seus relacionamentos na família, parece existir dificuldade de uma autorreflexão sobre isso.

Porém, como observamos na família 4, a criança demonstra estar descontente: “Bom, para mim o que atrapalha é as coisas tecnológicas por causa que quando a gente passeia, bom, fica meio chato porque é para a gente se divertir junto e aí o celular meio que atrapalha.” (C4). Portanto, a presença dos *smartphones* no contexto familiar e suas consequências para os relacionamentos podem ser percebidas por perspectivas distintas.

Quadro 8 - Respostas do responsável e da criança sobre a interferência do *smartphone* na família 5.

Pais	R5 (mãe)	Criança C5
Respostas sobre interferências do uso do <i>smartphone</i> na família 5.	<p>“[...] Eu acho também que depende do pra que você está usando. Vamos supor que você está numa atividade, que você está trabalhando. Será que é um instrumento de trabalho aquele telefone naquele momento? Talvez seja necessário, não sei, né, mas às vezes não é um instrumento.”</p> <p>“[...] deveria dar mais atenção né, deixar um pouco de lado. Assim, é minha opinião, eu vejo o telefone. Não sou hipócrita pra dizer...”</p>	<p>“Eu me sinto normal porque quando eles não querem dar atenção, eles estão conversando com alguém urgente ou uma coisa urgente, mas quando eles acabarem eles dão atenção.”</p> <p>“[...] porque eu sei que quando eles acabarem, eles vão me dar atenção porque eles não são tão viciados no celular. Eu não gosto de ser viciada no celular porque a gente fica dando mais atenção para o celular do que para as pessoas.”</p>
Opinião do Responsável sobre uso do <i>smartphone</i> durante a interação nos relacionamentos	<p>“[...] você vê um monte de criança aí que sei lá é órfão de pai dentro de casa... você pode perceber que às vezes você passa na rua e tem uma mãe com o telefone. tem uma criança lá falando...mãe, olha aqui, mãe, e a mãe tá lá (no celular)?”</p>	

Fonte: feito pela autora.

Dentre os membros da família, a mãe R5 parece usar pouco seu *smartphone*, pois seus estudos são feitos pelo computador, apesar de não ter conseguido quantificar o tempo. Confirmamos esta informação com a criança: “[...] na verdade a minha mãe não é muito de usar o celular” (C5).

Quando a filha é perguntada sobre situações de falta de atenção por conta do aparelho do responsável, ela não demonstrou nenhum tipo de insatisfação. Com isso, notamos que no relacionamento 4, nas ocasiões em que a criança precisa esperar para conversar com seus pais porque estão ocupados com o uso do *smartphone*, não trouxeram conflitos. No seguinte trecho, a participante C4 diz que: “Eu me sinto normal porque quando eles não querem dar atenção, eles estão conversando com alguém urgente ou uma coisa urgente, mas quando eles acabarem, eles dão atenção.” (C5).

Portanto, as discussões sobre a interação dos pais com as telas, bem como os impactos para o relacionamento familiar requerem considerar alguns fatores: recorrência das interferências, as finalidades e tempo de uso dos responsáveis e as perspectivas dos integrantes da família sobre as invasões do *smartphone* no relacionamento. Talvez em famílias onde os adultos gastam pouco tempo com seus *smartphones*, seja pouco provável que as crianças reclamem por conta da falta de atenção nelas.

Os dados do piloto nos ajudaram a rever as perguntas de pesquisa. Alguns itens foram retirados porque não estavam claros e, posteriormente, entendemos que não dialogavam com os objetivos da pesquisa. Considerando as mudanças necessárias na metodologia por conta da pandemia, foi preciso reformular algumas questões.

O piloto foi aplicado antes da pandemia e continha perguntas para os responsáveis e para as crianças sobre a temática. No entanto, no roteiro da pesquisa de fato decidimos incluir as perguntas que seriam feitas para as crianças, inicialmente, no roteiro de entrevista dos responsáveis. A mudança de excluir os filhos na metodologia da pesquisa e buscar saber dos adultos o que eles acreditam que seus filhos pensam sobre o uso do *smartphone* se deve as dificuldades encontradas no período do confinamento para entrevista-los. Além disso, outras modificações foram feitas no roteiro, como o acréscimo de perguntas sobre o período anterior a pandemia.

Metodologia

8.1.

Pandemia e a pesquisa

Antes de apresentarmos os procedimentos metodológicos, acreditamos ser importante registrar o contexto em que nossa pesquisa se deu. O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia advinda do vírus denominado Sars-CoV-2, ou Covid-19 afetando milhões de pessoas em todos os países e causando a morte de mais de 2 milhões até o início do ano de 2021. No final de 2019 nós já tínhamos um cronograma programado com etapas ajustadas para cada mês. De início, nossa intenção era a de contar com a participação de pais e seus filhos em entrevistas no espaço escolar. No entanto, sob orientação do governo municipal e federal, instituições educacionais e outros espaços públicos e privados se alinharam às medidas de combate à transmissão do vírus, funcionando sob normas rígidas. Isso resultou no fechamento das escolas a partir de 17 de março de 2020. Com as escolas fechadas, os pais passaram a ter que dar suporte aos estudos dos seus filhos por meio do acompanhamento de aulas *online* feitas pelos professores, nos casos em que era viável seu acontecimento. Ao mesmo tempo, os cuidadores ainda precisavam trabalhar com um formato diferente: o de *home office*. Todas estas mudanças trouxeram um desafio em que os responsáveis precisavam organizar o tempo e o espaço doméstico para não afetar nem as obrigações deles, nem as atividades escolares das crianças. Formou-se, assim, uma nova rotina em que todos passaram a compartilhar o mesmo espaço da casa por longos meses.

Nesse cenário inusitado, fomos levados a ajustar tanto o cronograma, quanto tomar algumas decisões sobre alterações da metodologia – dentre elas a de ouvir somente os responsáveis e não mais as crianças. Esta decisão foi tomada por conta do contexto em que as entrevistas iriam ser feitas, pois era inviável ouvir as crianças sobre a temática sem que não existisse nenhum tipo de interferência ou

constrangimento por parte de seus cuidadores durante a entrevista. Se, por outro lado, a entrevista pudesse ter sido no ambiente escolar, as crianças provavelmente ficariam mais à vontade para falar livremente sobre suas opiniões sobre o uso de *smartphones* pelos responsáveis. Nesse sentido, o protocolo de entrevista que era para as crianças foi adaptado para os pais de modo a tentar entender a perspectiva deles sobre as interferências da tecnologia nas relações cotidianas.

O tema sobre o uso da tecnologia *touch screen* dos pais e seu desdobramento nas relações familiares não foi pensado com vistas ao contexto atual em que os membros estão confinados em suas casas. No entanto, é preciso considerar que o confinamento e a pandemia atravessaram a pesquisa deixando marcas, pois os participantes aparentemente esboçaram a necessidade de falar sobre suas angústias e anseios sobre a presença da tecnologia na vida deles e dos filhos. Portanto, como em qualquer pesquisa, é importante considerar o contexto em que as entrevistas aconteceram - família confinada e em uso intencional, frequente e diário das tecnologias “smart” da casa. Tivemos, então, que considerar os desdobramentos do confinamento, da mudança das rotinas das famílias e da preocupação sobre a saúde e vida das pessoas.

8.2.

Participantes

Recrutamos famílias com crianças de 8 e 9 anos de idade por meio de anúncios nas redes sociais - Facebook e Instagram. No post, colocamos que precisávamos de pais de crianças com a idade de 8 e 9 anos para conversar sobre a presença do *smartphone* no contexto familiar

Ao todo, 30 responsáveis aceitaram em participar, sendo 28 mães e 2 pais de família. Mantivemos a idade originalmente escolhida para entrevistar as crianças porque, ainda que elas não fossem mais participar da pesquisa, poderíamos coletar dos pais dados sobre o que elas comentam do uso de *smartphone* pelos seus responsáveis.

Ademais, entendemos que nesta faixa etária a criança já demonstra certo amadurecimento para expressar com maior facilidade opiniões e/ou críticas do uso que sua família faz das tecnologias.

8.3.

Procedimentos de pesquisa

8.3.1.

Questões éticas

A ética em pesquisa é de suma importância para o desenvolvimento de qualquer trabalho de pesquisa acadêmica. A presente pesquisa foi submetida à Câmara de Ética da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e foi protocolada sob o número 126 /2019 (ver Anexo 13.1.). Antes da nossa conversa ter início, os responsáveis foram convidados a ler e assinar o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) com todas as informações, procedimentos e riscos da pesquisa, de acordo com as exigências da Câmara de Ética.

Todos os participantes da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) e autorizaram a gravação do áudio durante as entrevistas. A pesquisa seguiu os padrões éticos estipulados pelas Resoluções 466/12 e 510/16 garantindo aos participantes o anonimato e o direito de interromper sua participação a qualquer momento.

8.3.2.

Produção de dados e instrumentos de pesquisa

Os responsáveis que responderam ao anúncio nas redes sociais foram então contatados por *WhatsApp*. Em data e hora acordada com o responsável, iniciamos a conversa por vídeo chamada pelo *WhatsApp*, quando novamente pedimos seu consentimento para gravar o áudio da entrevista.

O roteiro de entrevista foi dividido em quatro blocos (ver Apêndice 12.1). No primeiro, foram feitas perguntas sobre a rotina da família, bem como a concepção dos pais e mães sobre o tempo em família e sobre os atributos importantes na relação deles com os filhos. No segundo bloco, eles foram

questionados quanto ao seu próprio uso dos *smartphones*. Já o terceiro bloco foi sobre os desdobramentos da presença dos dispositivos móveis na relação familiar. Por fim, as perguntas do último bloco eram sobre a perspectiva dos responsáveis sobre o uso dos seus filhos. Todos os blocos tinham perguntas que buscavam diferenciar o uso da família antes e durante a pandemia.

Os 30 participantes responderam a todas as perguntas e não demonstraram nenhum desconforto durante a entrevista. As entrevistas tiveram duração média de 40 minutos, sendo a mais curta com 26 minutos e a mais longa com 1 hora e 18 minutos.

Os participantes responderam as perguntas de casa. Durante as entrevistas, houve casos em que outros membros da família interromperam a conversa. Em outras situações, os responsáveis convidaram seus filhos para responder perguntas sobre o que pensavam da interferência do *smartphone* no convívio. No entanto, poucas delas sentiram-se a vontade para expressar sua opinião.

8.4.

Questionário socioeconômico

Os pais preencheram um questionário *online* com informações socioeconômicas sobre a família. Antes de iniciar a entrevista, nós enviamos um link com o questionário e o Termo de Consentimento. Os dados coletados referem-se renda familiar, cidade onde reside, número de moradores na casa, número de aparelhos e profissão dos responsáveis. Os dados estarão no capítulo de Resultados.

8.5.

Análise dos dados

Como já dito, todas as entrevistas foram gravadas em áudio com o auxílio de um gravador. As gravações das entrevistas foram analisadas no programa Atlas.Ti¹ de análise qualitativa. O programa permite que códigos sejam criados, agrupados e hierarquizados. Foi criado um manual de códigos com definições e

¹ Software de análise de dados. Versão utilizada 8.4.24. Versão *Pro* adquirido no portal da companhia *Atlas.ti GmbH*

exemplos para uso na codificação de todas as entrevistas. Na primeira etapa de análise, todas as entrevistas foram ouvidas e foram criados 135 códigos organizados em 25 grupos de acordo com a temática de análise .

A codificação das entrevistas foi realizada com a colaboração de duas bolsistas de Iniciação Científica do grupo de pesquisa (Grudhe). Ambas foram treinadas pela mestrandia em como utilizar o manual de códigos. Elas ficaram responsáveis por analisar e codificar o material juntamente conosco, sendo que todas as codificações foram conferidas por uma outra codificadora. Após as conferências, as situações em que existiam divergências, eram discutidas em reunião junto com a orientadora. . Este processo teve o objetivo de garantir confiabilidade na análise dos dados e no manual criado. A versão final do manual contém 135 códigos e 25 grupos.

Resultados e Discussão

Contamos com a participação de pessoas de Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná e Goiás. A renda das famílias variou entre um salário mínimo até mais de 10 salários. Não perguntamos sobre a escolaridade dos entrevistados. Salientamos também que as famílias apresentaram configurações diferentes: mãe e filho; pais, avós e filhos; mãe, tios e filhos. A seguir, apresentamos um quadro com informações mais detalhadas sobre os entrevistados.

Quadro 9: Informações gerais das famílias participantes

Participante	Renda familiar ²	Região	Profissão do responsável participante	Número de moradores na casa	Número de aparelhos na casa	Idade da criança
P1	F3	Município do Rio de Janeiro	Professora	2	2	9 anos
P2	F2	Município do Rio de Janeiro	Diarista	5	3	9 anos
P3	F5	Município do Rio de Janeiro	Psicóloga	4	mais de 4	9 anos
				3 + número		

² F1 - Até 1 salário-mínimo (até R\$ 1045,00)

F2 - De 1 a 3 salários-mínimos (de R\$ 1045 até R\$ 3135,00).

F3 - De 3 a 6 salários-mínimos (de R\$ 3135,01 até R\$ 6270,00).

F4 - De 6 a 9 salários-mínimos (de R\$ 6270,01 até R\$ 9405,00).

F5 - Acima de 10 salários-mínimos

P4	F2	Município do Rio de Janeiro	Babá	não declarado de irmãos	mais de 4	8 anos
P5	F2	Município do Rio de Janeiro	Funcionária de Serviços Gerais	3	mais de 4	9 anos
P6	F2	Município do Rio de Janeiro	Assistente de Departamento De Pessoal	7	mais de 4	8 anos
P7	F2	Município de Duque de Caxias - RJ	Autônoma	6	mais de 4	8 anos
P8	F1	Município do Rio de Janeiro	Funcionária de Serviços Gerais	2 + número não declarado de irmãos	2	9 anos
P9	F5	Município do Rio de Janeiro	Administrador de empresas	4	mais de 4	9 anos
P10	F2	Curitiba	Serviços de beleza	5	2	8 anos
P11	F5	Município do Rio de Janeiro	Professora	4	1	9 anos
P12	F2	Município do Rio de Janeiro	Professora	3 + número não declarado de tias	mais de 4	8 anos
P13	F3	Município do Rio de Janeiro	Professor	-	3	8 anos

P14	F5	Minas Gerais	Funcionário Público	4	mais de 4	8 anos
P15	F3	Município do Rio de Janeiro	Professora	4	mais de 4	8 anos
P16	F4	Município do Rio de Janeiro	Engenharia de Rede	2 + número não declarado de irmãos	3	9 anos
P17	F4	Município do Rio de Janeiro	Orientador Educacional	3 + número não declarado de irmãos	mais de 4	8 anos
P18	F2	Município do Rio de Janeiro	Profissional de Educação	5	mais de 4	9 anos
P19	F3	Goiás	Profissional de vendas	3	3	8 anos
P20	F4	Município do Rio de Janeiro	Tecnólogo	4	2	8 anos
P21	F2	Município de Nova Iguaçu- RJ	Profissional da área Jurídica	4	mais de 4	9 anos
P22	F5	Município do Rio de Janeiro	Analista de Sistemas	3	mais de 4	9 anos
P23	F3	Município do Rio de Janeiro	Naturopata	3	mais de 4	8 anos
P24	F4	Minas	Técnica	5	mais de 4	8 anos

		Gerais	Administrati va			
P25	F4	Município do Rio de Janeiro	Professora	4	mais de 4	8 anos
P26	F3	Município do Rio de Janeiro	Arquiteta	4	mais de 4	8 anos
P27	F3	Minas Gerais	Funcionária Pública	3	3	9 anos
P28	F3	Minas Gerais	Serviços de Mineração	4	3	8 anos
P29	F4	Município do Rio de Janeiro	Artesã	4	3	9 anos
P30	F3	Município do Rio de Janeiro	Advogada	4	3	9 anos

Fonte: elaborado pela autora

Utilizamos o programa Atlas.Ti para tratar as respostas e gerar códigos de análise. Os códigos nos ajudaram a entender padrões de informação. Eles foram gerados a partir da escuta dos áudios das entrevistas, sendo alguns empíricos, como a opinião dos entrevistados sobre a tecnologia, e outros teóricos, como a presença da tecnoferência nas relações. Os resultados estão organizados em 7 sessões.

Nos baseamos no conceito de *Tecnoferência* (MCDANIEL & COYNE, 2016a e 2016b) para criar um grupo de códigos que tivesse relação com situações de interferência, invasão ou uso demasiado que os responsáveis acreditem que afete a relação entre os integrantes da família. Portanto, queremos dizer com isso que, ainda que os códigos dialoguem com o conceito discutido pelos autores

(tecnofêrência), eles surgem do campo de acordo com o que os entrevistados falaram.

Organizamos este capítulo em eixos temáticos para facilitar a compreensão do que se pretende abordar. Cada eixo temático compreende um conjunto de códigos, conforme pode ser visto no Manual de Códigos no Apêndice 12.4. O capítulo está organizado em 7 seções. São elas:

1. Família e parentalidade pela perspectiva dos pais.
2. Benefícios e malefícios dos *smartphones* no cotidiano.
3. *Smartphones* na vida dos responsáveis: experiências de uso.
4. Presença dos *smartphones* no contexto familiar.
5. Características da tecnofêrência na relação dos entrevistados com seus filhos.
6. Regras e compartilhamento de uso na família.
7. O que os pais pensam sobre o uso dos filhos.

9.1.

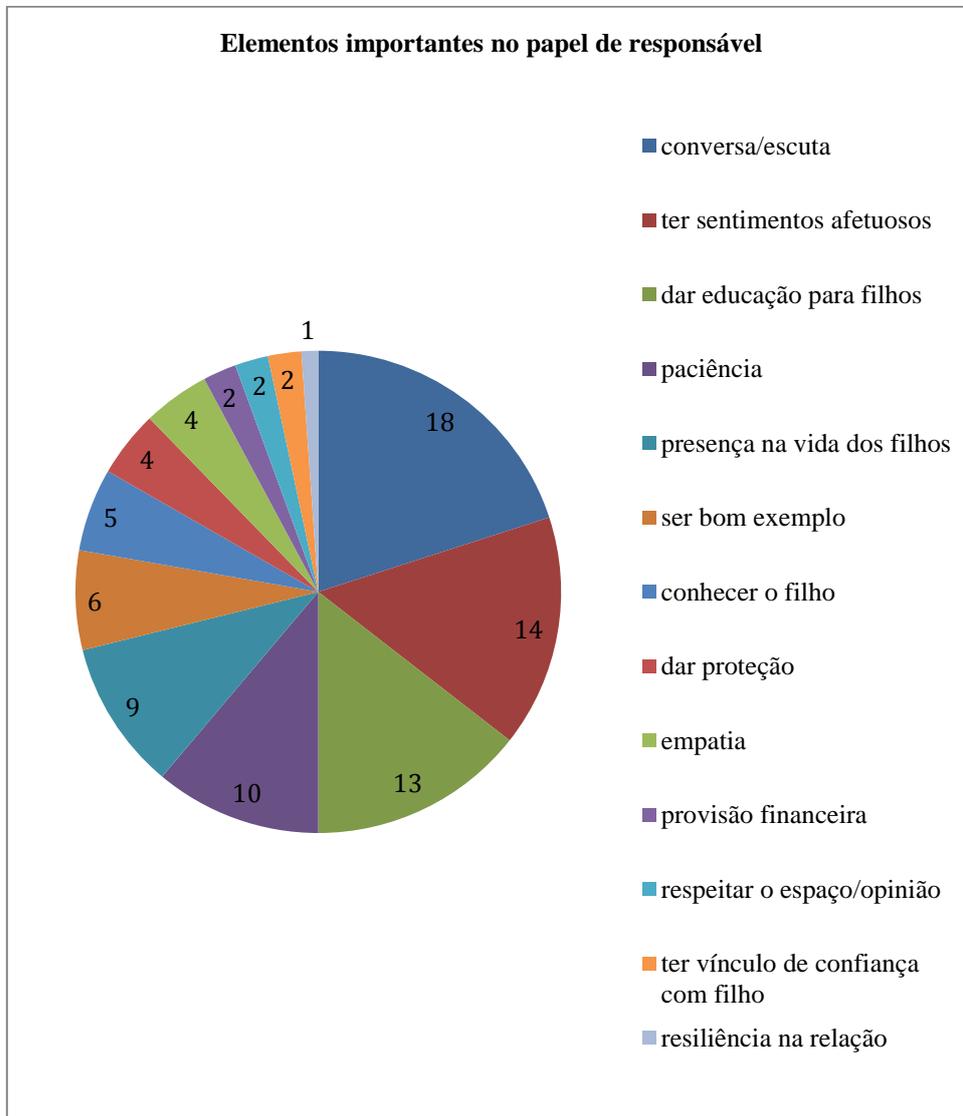
Família e parentalidade pela perspectiva dos pais

A parentalidade é um tema complexo e repleto de ideais e crenças sobre a forma de construção dos laços de afeto e de cuidado entre pais e filhos. As discussões em torno das práticas, experiências e interações no contexto da família requerem uma compreensão do que representa para as mães assumir essa função, sobretudo no contexto político, econômico e cultural de hoje. Com vistas nesse objetivo, as primeiras questões foram importantes para ajudar a construir esse cenário de características e aspectos cruciais para o desenvolvimento da relação parental no contexto familiar. Portanto, os participantes foram questionados quanto a o que consideram essencial na relação com seus filhos, quanto à sua visão sobre o significado do tempo em família e os atributos necessários para a qualidade dos momentos de interação e envolvimento entre seus membros (conforme exposto no Apêndice 12.1).

No Gráfico 1, estão os atributos necessários para as funções de cuidado e criação dos filhos. Os mesmos estão listados em códigos junto com o número de

entrevistados que os citaram nas entrevistas. Cada entrevistado podia abordar mais de um elemento.

Gráfico 1. Respostas dos entrevistados sobre os elementos importantes no papel de responsável



Fonte: elaborado pela autora.

Identificamos no total 13 códigos nas entrevistas com os 30 participantes. Essa diversidade de aspectos de certa forma reafirma a complexidade e a amplitude presentes no desempenho da função de ser mãe e pai. Podemos perceber que os entrevistados dão importância ao diálogo nas relações construídas no seio familiar. Os elementos tidos como essenciais pelos responsáveis indicam que suas funções devem ser desempenhadas, entre outros, por meio da

escuta/conversa. A escuta e a conversa estão intimamente ligadas à abertura dos pais aos seus filhos no acolhimento e busca por compreendê-los em suas necessidades.

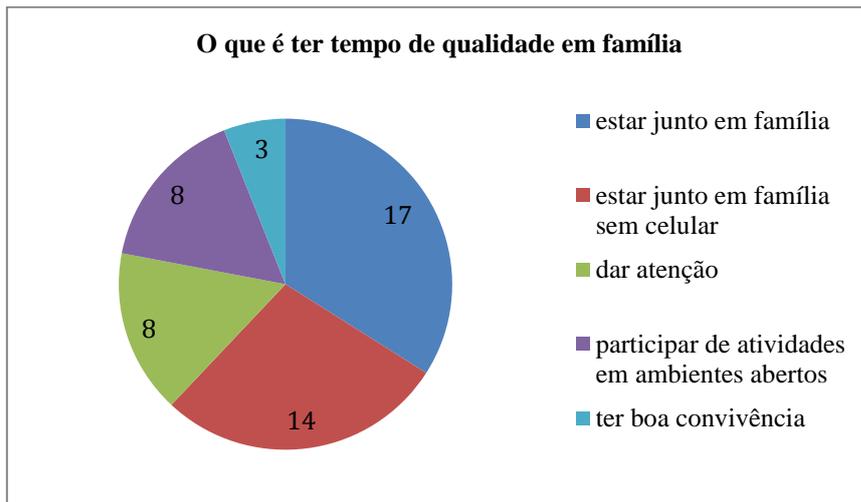
Em segundo lugar, os sentimentos de afeto são considerados como necessários na relação parental. Vale esclarecer que os entrevistados citaram diferentes expressões de afeto, como amor e carinho, no entanto, optou-se por agrupá-los na categoria denominada *sentimentos afetuosos*. É possível entender que a função de mãe e pai exige que as pessoas que desempenham esses papéis se entreguem, se abram e se envolvam com o outro. De forma geral, as relações entre os seres humanos acabam por exigir certo nível de abertura e troca, no entanto, as relações entre pais e filhos, sobretudo, passam pelo desenvolvimento de sentimento de afeto, necessários, segundo os entrevistados, para a interação e construção do vínculo familiar.

O código *dar educação para os filhos* aponta para uma concepção que inclui limites e disciplina na parentalidade. Além disso, nota-se que as mães e os pais também entendem como ato de educar a prática de orientar e ensinar seus filhos a viver em sociedade.

Alguns participantes tratam do atributo do *ser bom exemplo*. O exemplo requer dos adultos atitudes e práticas que possam ensinar para os filhos como agir e proceder no mundo. A educação pelo exemplo é interessante porque não necessariamente requer ensinamentos falados, contudo tem a ver com as ações e com a postura dos pais no contexto familiar. O exemplo nas atitudes dos adultos permite que a criança observe as normas da família. Os filhos se atentam para a coerência entre: o que é dito, não dito e o que é praticado pelos adultos. Sobretudo no contexto atual das novas gerações em que a criança e a infância assumem outro lugar de importância na vida familiar (MAURER, 2001) e na sociedade (KUHLMANN JR, 2000), existe a tendência de preocupação dos pais com sua postura nas tarefas de parentalidade, pois estão sujeitos a terem suas atitudes e autoridade questionadas pelos seus filhos.

Perguntamos então para os responsáveis que importância eles dão para o tempo em família e os atributos necessários para se ter qualidade nos momentos de interação e relacionamento entre seus integrantes. O Gráfico 2 expõe o número de entrevistados que citaram os códigos concernentes ao tempo em família.

Gráfico 2. Respostas dos entrevistados sobre o significado de tempo de qualidade em família



Fonte: elaborado pela autora

O Gráfico 2 mostra 5 códigos sobre a representação do tempo em família para nossos participantes: *estar junto em família*; *estar junto em família sem o celular*, *dar atenção*, *participar de atividades em ambientes abertos*, *ter boa convivência*. O código *estar junto em família* foi criado para as situações em que os participantes atribuíram importância para os momentos em que todos os membros estão envolvidos uns com os outros – como assistindo filmes, jogando, fazendo uma refeição ou até mesmo fazendo uma receita de bolo. *Estar junto em família* diz respeito às atividades que proporcionam prazer e criam elo entre eles naquele momento.

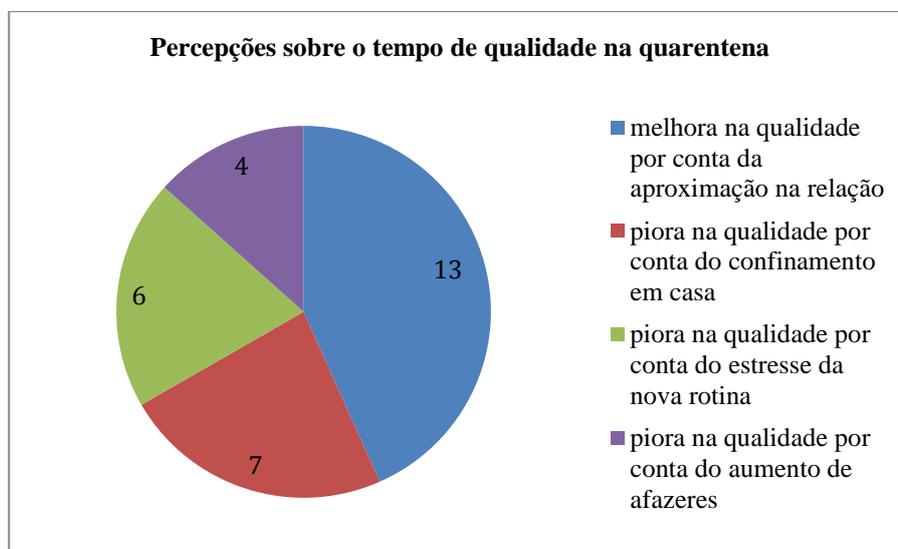
Chamou nossa atenção o código *estar junto em família sem celular*, pois alguns responsáveis incluíram na conversa, sobre a temática tempo em família, a presença dos dispositivos móveis. Isso pode ser um indício de incômodos especificamente com o uso dos *smartphones* durante as interações na rotina do lar. Mais do que isso, este código trata da ausência desses aparelhos em determinadas situações. Ou seja, a ausência dos celulares quando a família está interagindo e com sua atenção voltada para seus integrantes. O tempo de qualidade é afetado porque de alguma forma a presença do celular acaba gerando um desvio de atenção, sendo uma fonte em potencial de interferência, conflitos e desgosto entre os membros.

O significado do tempo em família está associado à *atenção*, já que exige a concentração dos membros em torno de algo, isto é, requer deles o total e

completo envolvimento naquela situação. Os responsáveis citam alguns exemplos do que pode desviar a atenção de suas crianças – o trabalho. No entanto, quando eles tratam da questão do celular como fonte de desvio da atenção, o código *estar junto sem o celular* é usado. Essa escolha foi feita por conta da temática que se pretende discutir no presente trabalho.

A quarentena trouxe mudanças profundas no cotidiano e rotina das famílias. Portanto, entender de que forma elas atingiram a qualidade dos momentos em família é essencial na discussão das concepções e crenças dos pais sobre sua função e tarefa na educação dos filhos.

Gráfico 3 – Respostas dos entrevistados de suas percepções sobre o tempo de qualidade na quarentena



Fonte: criado pela autora

O Gráfico 3 foi composto pelos motivos apresentados pelos responsáveis para a melhora ou piora da qualidade do tempo em família. Eles podiam falar sobre diferentes percepções sobre a qualidade, mesmo que fossem de melhora e de piora simultaneamente. Quando eles experimentaram uma melhora na qualidade, esta foi associada a um único motivo: a aproximação entre os membros. A quarentena, de acordo com os participantes, proporcionou a oportunidade de estar mais perto de seus filhos por conta do confinamento com eles em suas casas.

Com respeito à piora na qualidade do tempo em família são percebidos três motivos distintos: o confinamento em casa; o estresse com a nova rotina da casa

em que todos passam a dividir o mesmo espaço; e o aumento de afazeres domésticos/trabalho em *home office*.

A obrigatoriedade da quarentena é uma das repercussões da pandemia do surto do COVID-19 que pesou sobre a população mundial. O estresse do confinamento é agravado por não poder circular em outros ambientes, intrigas entre as pessoas da própria família e o aumento das tarefas domésticas aliado ao trabalho dos pais. Essa conjuntura de fatores se transformou em tensões e pressões nos relacionamentos dos pais com seus filhos já que, além de suas responsabilidades, ainda precisavam se dedicar às necessidades das crianças.

9.2.

Benefícios e malefícios dos smartphones no cotidiano

A presença dos *smartphones* no cotidiano do ser humano proporcionou mudanças na sua forma de lidar com o mundo, com os serviços e atividades do cotidiano. A matéria publicada pelo site da *Época Negócios* divulga a pesquisa desenvolvida pela Fundação Getúlio Vargas (2019) com o panorama do consumo desses dispositivos móveis pelos brasileiros. No entanto, dentre as principais tecnologias móveis, a utilização de *smartphones* supera o consumo de qualquer outro aparelho. De acordo com as informações, desde 2018, existe mais de um *smartphone* em uso para cada habitante no Brasil. Esse cenário atual fez com que este estudo desse ênfase à presença dos *smartphones* no cotidiano das famílias e no cotidiano dos pais.

A ampla utilização destes dispositivos móveis por adultos e crianças se tornou tema de debate no meio acadêmico. Diante das diferentes perspectivas sobre os desdobramentos da revolução da tecnologia *touch screen*, é fundamental compreender a visão dos participantes sobre os impactos advindos da relação entre o ser humano e seus celulares “smart”. Pode ser que haja relação entre a maneira com que os responsáveis entendem e avaliam a presença desses dispositivos na sociedade, no geral, e as suas experiências de uso. Assim, os resultados e discussões a seguir têm a pretensão de discorrer sobre a concepção dos nossos entrevistados a respeito da entrada dos dispositivos móveis na vida do

ser humano. Aqui também, os participantes podiam citar mais de um item ao longo da entrevista.

Quadro 10 - Respostas dos entrevistados sobre os benefícios e malefícios da presença do smartphone na vida do ser humano

Malefícios	Número de participantes que citaram	Benefícios	Número de participantes que citaram
dependência/vício	11	comunicação	19
tempo excessivo no aparelho	3	facilidades (pagamentos, transações bancárias, acesso à serviços remotos)	17
problemas para cognição dos usuários	2	acesso a informação	15
estresse com o aparelho	2	aproximação entre distantes	6
riscos da internet	2		
fake News	2		
incômodos no corpo	1		
relacionamentos superficiais	1		
problemas na memória	1		
prejuízo no sono	1		
sedentarismo	1		
informação excessiva	1		

Fonte: elaborado pela autora

Observamos que existe diferença entre o número de itens no grupo de malefícios e no grupo de benefícios. Os entrevistados enxergam maior variedade de malefícios – 11 itens – do que variedade de benefícios – 4 itens. Isso não significa necessariamente que a presença dos *smartphones* na vida do ser humano tenha trazido mais desvantagens do que vantagens. No entanto, é um indício de que os adultos estão considerando um maior número de formas distintas de impactos negativos, se comparado com os benefícios.

Ficou evidente a preocupação das mães sobre a forma com que os usuários no geral estão lidando com seus *smartphones*. O código *dependência/vício* se refere às situações em que os outros (sejam crianças ou até mesmo adultos) não conseguem mais ter suas vidas desvincilhadas da tecnologia, gerando um quadro crônico de dependência e vício.

O código *tempo excessivo* é sobre o exagero do tempo gasto pelo ser humano com o celular. Embora exista semelhança entre este código e o anteriormente mencionado, a distinção está no fato de que os participantes abordaram a questão do *tempo excessivo* sem mencionar ou deixar claro que os usuários se encaixam no que consideravam como quadro de *vício/dependência*.

Outras formas de malefício também apareceram nos resultados. Questões como *fake news*, *informação excessiva* e *riscos na internet* são temas de debate. As discussões acontecem na mídia e na academia dentro do contexto de alta circulação de informação viabilizada pela difusão da internet. Com o acesso ampliado, os riscos advindos de pessoas mal intencionadas se intensificaram e multiplicaram. Essas preocupações aparecem na fala dos responsáveis como circulação de notícias falsas, vazamento e roubo de dados pessoais, volume de informação e conteúdo.

Na era da inovação, a navegação com qualidade e eficiência possibilitada pelo acesso à internet nos *smartphones* também é percebido como benéfico. Entre os 4 tipos de benefícios abordados, 19 participantes citaram a questão da comunicação; 17 citaram a questão da facilidade através da utilização de serviços distintos e execução de atividades possibilitadas pelo *smartphone*; 15 abordaram a disponibilização do acesso a informação.

Os resultados apresentam percepções diferentes dos responsáveis sobre os benefícios e malefícios do uso dos *smartphones* no cotidiano do ser humano. É interessante pontuar que a relação entre o ser humano e a tecnologia é múltipla; pode proporcionar para um mesmo usuário a percepção de vantagens e desvantagens. Isso não torna a percepção dos responsáveis conflitante e ambígua, no entanto, aponta para a complexidade da onipresença dos dispositivos móveis na atualidade.

Como consequência dessa presença, Harmon e Mazmanian (2013) apontam para duas linhas de desdobramentos. Nossos resultados vão de encontro a o que os autores tratam como consequências advindas da difusão dos celulares

touch screen. Eles denominam como integração a otimização do tempo e facilidades na execução de tarefas, e como desintegração o vício e uso exagerado como empecilhos para as relações interpessoais. A intensificação do uso da tecnologia no contexto atual desperta opiniões que podem ser opostas ao passo que coexistem na vida dos adultos, das crianças e das famílias.

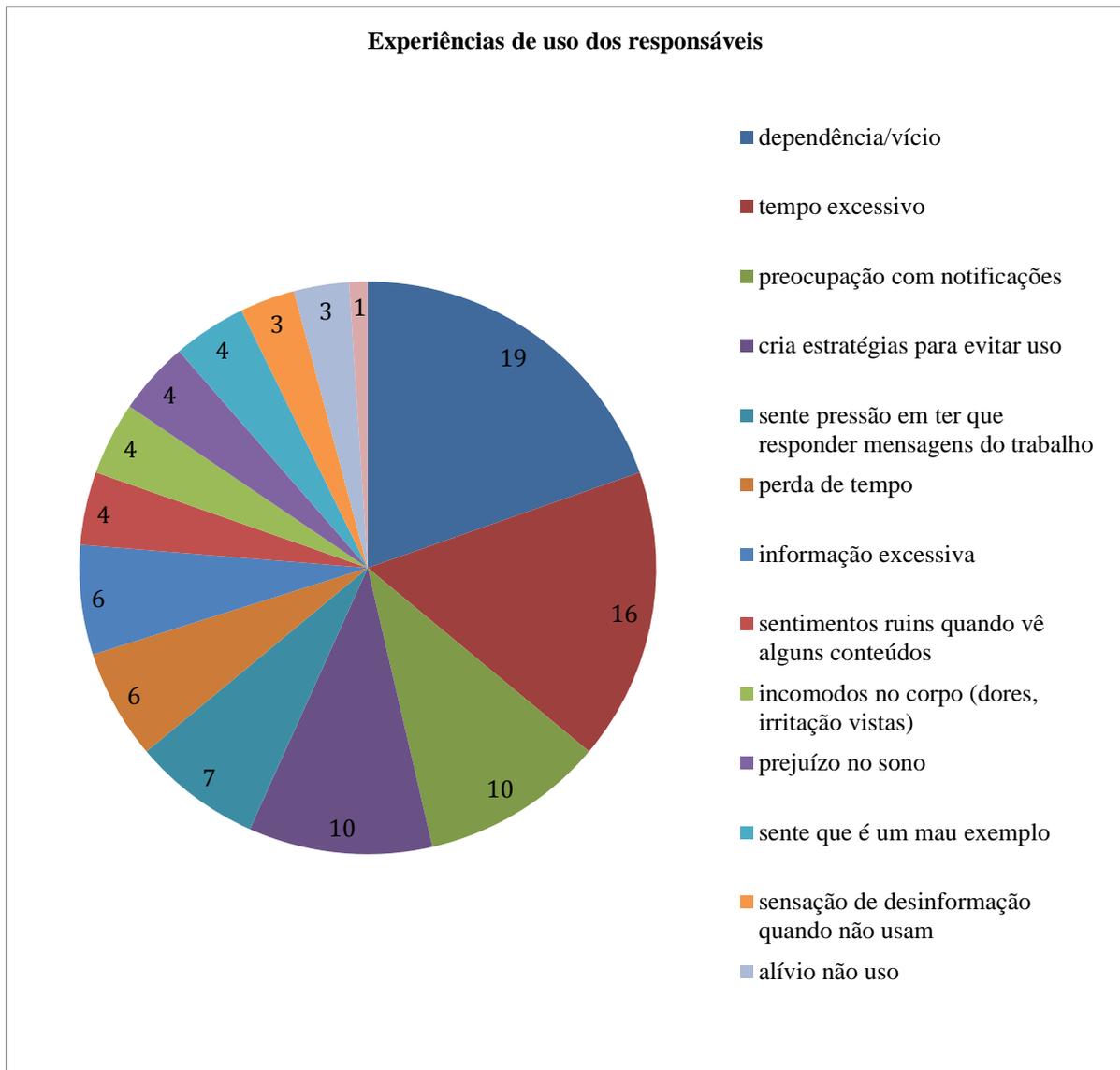
9.3.

Smartphones na vida dos responsáveis: experiências de uso.

Após analisar como os participantes entendem os benefícios e os malefícios da utilização dos celulares “smart” para o ser humano, de forma geral, agora, o intuito é apresentar a forma com que eles caracterizam e enxergam seu próprio uso. Portanto, esta seção é sobre as experiências do uso do *smartphone* especificamente na vida das mães e dos pais participantes da pesquisa.

O Gráfico 4 elucida todas as consequências que nossos próprios entrevistados disseram vivenciar em suas rotinas de utilização dos *smartphones*. Os códigos são resultados da experiência com os aparelhos e estão organizados de acordo com o número de entrevistados.

Gráfico 4 - Respostas dos entrevistados sobre suas experiências de uso



Fonte: elaborado pela autora

Este gráfico foi construído com base nas experiências dos participantes sobre os malefícios diante da presença da tecnologia *touch screen* em suas vidas especificamente. Diferentemente da coluna malefícios do Quadro 10, os códigos do Gráfico 4 se remetem às experiências dos responsáveis com seus *smartphones*. Sobre isso, faremos duas observações. A primeira delas é que o Quadro 10 foi construído a partir da pergunta sobre a concepção dos entrevistados da presença dos aparelhos móveis na vida do ser humano em geral. No entanto, no desenrolar da entrevista, eles trazem exemplos de suas experiências enquanto usuários, o que nos levou a construir outros códigos que mostrassem os desdobramentos desse uso

na realidade dos participantes. Portanto, esclarecemos que o Gráfico 4 apresenta consequências que nossos participantes estão experimentando, já o Quadro 10 trata dos tipos de malefícios acarretados para o ser humano

O Gráfico 4 permite perceber uma multiplicidade de fatores quando perguntamos sobre as experiências dos entrevistados com a tecnologia. A quantidade de elementos que apareceram nas entrevistas indica a complexidade que está posta na relação entre os usuários e a tecnologia *touch screen*. Apesar dos participantes serem usuários ativos, são notórios os questionamentos e insatisfações advindas dessa presença nas suas rotinas.

O código *sensação de desinformação quando não usam* foi criado para analisar relatos de momentos em que os responsáveis ficam afastados dos aparelhos e sentem que estão perdendo alguma notícia ou acontecimento, principalmente nas redes sociais. As redes sociais têm sido fonte de informação sobre o mundo ou até mesmo sobre a vida alheia, além de entreter muitos usuários. Quando passam algum tempo afastados, surge então a sensação de desinformação.

Alguns responsáveis contaram sobre a sensação de alívio ou de bem estar quando dão um intervalo no uso ou porque querem ou porque precisam. Em oposição a este código, encontramos relatos de preocupação quando notificações e alertas surgem na tela do aparelho. O código *preocupação com notificações* mostra que os aparelhos despertam nos usuários níveis de curiosidade. Os *smartphones* atraem a atenção todas as vezes que surgem notificações, por mais banais que pareçam ser; faz com que os usuários sintam vontade de checá-los.

São intrigantes e interessantes as diferentes sensações que podem ser geradas na relação entre o usuário e seu aparelho. Pode ser que essas sensações estejam relacionadas com a experiência que cada um constrói com seus *smartphones*, ajudando a formar suas próprias opiniões sobre os impactos da tecnologia *touch screen* na vida do ser humano.

Para McDaniel & Coyne (2016a), os celulares podem ser fontes de conflitos entre casais e familiares porque, com a emissão de sons e de alertas, atraem a curiosidade de verificar os aparelhos. Os criadores de aplicativos têm intencionalidades específicas ao construírem essas características para seus produtos. Muitos dos aplicativos são desenvolvidos para que os usuários estejam constantemente verificando as atualizações e conferindo mensagens e avisos.

Porém, como consequência, os *smartphones* acabam invadindo os momentos em família, entre amigos. As invasões e interrupções serão fontes de discussões e tensões no seio familiar (MCDANIEL & RADESKY, 2018; MCDANIEL & COYNE, 2016a e 2016b).

Os participantes abordaram formas de modificar seu uso por conta de algum tipo de insatisfação. O código *cria estratégias para evitar uso* se refere às situações de insatisfação com a maneira como os responsáveis estão lidando com seus aparelhos. Essas estratégias variam de acordo com o tipo de mudança que se pretende fazer. Por exemplo, quando o celular emite notificações, alguns entrevistados disseram que afastam os aparelhos de seu campo de visão ou até mesmo o configuram no “modo silencioso”. Para aqueles que queriam evitar qualquer interrupção durante os momentos familiares, como mensagens do trabalho, por exemplo, o wifi era desligado. Percebemos, então, que as estratégias criadas pelos entrevistados surgem por conta do desejo de modificar a utilização dos *smartphones* e diminuir as interrupções no ambiente familiar.

Os dados mostram que em 19 das 30 entrevistas, foi citado o item *dependência/vício*. Alguns responsáveis vivem a experiência de se sentirem presos e dependentes dos *smartphones*. Comparando esses resultados com aqueles apresentados no Quadro 10, é possível observar que muitos dos participantes acreditam que a dependência e o vício são consequências para a sociedade; além de alguns estarem também o experimentando em suas próprias vidas.

A seguir, dois trechos de duas participantes que abordam a dependência e o vício em suas experiências com a tecnologia *touch screen*:

Quadro 11 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código *dependência/vício*

Participante – trecho da entrevista
P5: [...] foi eu que falei né pra poder fazer esse... pra poder sair um pouco do vício né e também da internet, desse vício que é, entendeu? de você ficar o tempo todo! o tempo todo! Acaba que você pode perder alguma coisa, algum detalhe que geralmente você tá no celular, tá conversando e nem olha na cara da pessoa[...]
P27: a sensação é de que não dá pra... só mais um pouquinho, não, deixa eu ver a

próxima, não, é só mais a próxima. Entendeu? e o sentimento é assim de angústia, de querer sair dali e não conseguir
--

P12: [...] o negativo eu acho que é essa dependência. Nossa, assim, eu já me vi acordando e dormindo com o celular e assim o bom dia não era pro filho, o bom dia era pro celular.
--

Fonte: criado pela autora

A participante P5 qualifica seu próprio uso como viciante e percebe que o celular está amplamente presente na sua rotina. No trecho é possível identificar também determinada preocupação que ela expressa ter: “Acaba que você pode perder alguma coisa, algum detalhe que geralmente você tá no celular...” (P5). A partir das análises, acreditamos que a dependência e o vício estão relacionados com a forma como usuário se sente em relação ao dispositivo. Encontramos relatos em que os participantes manifestam dependência, atração, prisão ou algum nível de dificuldade para deixar de mexer no *smartphone*.

A dependência e o vício não necessariamente surgem por conta de atividades de entretenimento, como jogos ou redes sociais, estão associados aos motivos pelos quais levam o usuário usar o aparelho. No trecho da entrevista da participante P27, aparece o sentimento de angústia porque, se por um lado, existe o desejo de diminuir o uso, por outro, ocorre a vontade de continuar mexendo. Muitos usuários tentam explicar sua dependência por conta da necessidade e obrigatoriedade de estarem sempre envolvidos com determinados assuntos, como questões de trabalho. Entretanto, mesmo que a dependência aconteça por motivos irrefutáveis – como o trabalho – não deixa de prender o usuário à tecnologia, podendo gerar desconforto.

É importante salientar também que o vício e a dependência estão relacionados com a forte presença do *smartphone* na rotina dos responsáveis. Logo, por conta desse tempo em demasia, independente do motivo pelo qual o dispositivo está sendo usado, acaba atravessando diferentes momentos da rotina da família. Veja no seguinte trecho: “eu já me vi acordando e dormindo com o celular e assim o bom dia não era pro filho, o bom dia era pro celular.” (P12).

Construímos os códigos a seguir para analisar como os responsáveis usam os aparelhos e como essa utilização é percebida pelos filhos. Mesmo que as crianças não tenham participado da pesquisa, os entrevistados foram perguntados

sobre o que acreditam que seus filhos pensam do seu uso. Os quadros subsequentes apresentam os motivos pelos quais os responsáveis afirmam usar seus *smartphones*.

Quadro 12 - Utilidades dos *smartphones* dos responsáveis

Utilidades do <i>smartphone</i> das mães e pais	Citaram
Usa pra trabalho	21
Usa pra multifuncionalidade	21

Fonte: elaborado pela autora

De acordo com o Quadro 12, mais da metade (70%) dos entrevistados usam o *smartphone* como ferramenta de trabalho. A tecnologia *touch screen* permite que o usuário faça diferentes tarefas sem precisar necessariamente sair de casa – como enviar e-mails ou fazer reuniões com clientes por vídeo ligação. O código *multifuncionalidade* foi criado para ocasiões em que os responsáveis executam diferentes atividades em seus aparelhos: usam como plataforma de estudo, para comunicação, entretenimento, ou para fazer pedidos de *delivery*.

Palen e Hughes (2006) encontraram em sua pesquisa relatos de pais que consideram que a tecnologia *touch screen* proporcionou a oportunidade para eles trabalharem fora do ambiente de costume. Nossos dados confirmam que os *smartphones* permitem que os responsáveis executem tarefas de trabalho no ambiente doméstico, visto que eles afirmaram que seus aparelhos são utilizados para esta finalidade. No entanto, a mistura entre a vida privada e a profissional dos usuários pode ocasionar um ambiente de conflitos e disputas.

Olhando para as experiências dos adultos, a difusão dos *smartphones* tem como pano de fundo as possibilidades de uso desses recursos. Eles usufruem da tecnologia *touch screen* como mecanismo de otimização do tempo, dos esforços e de recursos. Os aplicativos facilitam o cotidiano das pessoas já que muitas empresas têm investido em setores, tais como aplicativos de entrega de compras de mercado, aplicativo para movimentação de finanças ou até mesmo de gasto calórico diário. A plataforma *touch screen* se transforma em um recurso de múltipla utilidade, variando entre entretenimento, trabalho, comunicação, entre outros. De acordo com Belk, (2013), os *smartphones* acabam agregando diferentes atividades do ser humano.

O esforço na criação de novos aplicativos cada vez mais apresenta maneiras de facilitar e agilizar a vida de seus usuários. Nesse sentido, atividades simples do cotidiano – como ida ao mercado ou ao banco – acabam somando-se aquelas que já eram feitas pelo aparelho – como uso de redes sociais. Portanto, esse contexto da ampla presença da tecnologia *touch screen* na rotina das famílias, seja por conta da *dependência/vício* ou pelo *tempo excessivo*, tem como uma de suas facetas à concentração das atividades em uma única plataforma: nos celulares “smart”. Para Belk (2013), a concentração das necessidades e afazeres nos dispositivos *touch screen* aumenta a importância dada pelos usuários, pois se tornam extensão do ser humano no seu cotidiano.

O Quadro 13 apresenta as respostas dos responsáveis sobre como acreditam que seus filhos enxergam as finalidades de uso. Nós não coletamos as respostas das crianças, no entanto, perguntamos para os entrevistados o que escutam delas e o que acreditam que elas pensam.

Quadro 13 – Respostas dos responsáveis sobre o que as crianças acreditam que eles fazem no *smartphone*

O que os pais disseram que seus filhos pensam sobre o que fazem no <i>smartphone</i>	Citaram
Usa pra trabalho	13
Usa pra entretenimento	21

Fonte: criado pela autora

Aqui também os responsáveis podiam citar os dois códigos. De acordo com os dados, pela perspectiva de 21 participantes, seus filhos acham que o motivo principal de uso é para entretenimento. Por conseguinte, poucos dos participantes disseram que seus filhos sabem que eles usam a tecnologia *touch screen* como ferramenta de trabalho. Nossos entrevistados apontam dois principais motivos de uso, como apresentamos no Quadro 12, em contra partida, eles acreditam que quando seus filhos os veem utilizando o *smartphone*, julgam que estão se entretendo nas mídias sociais, nas conversas em WhatsApp ou nas séries.

Como a pesquisa se desenvolveu no contexto de pandemia, era de suma importância entender outros aspectos do uso dos responsáveis. Embora esta

pesquisa não tenha a pretensão de analisar os impactos da utilização dos *smartphones* especificamente no contexto da pandemia, é impossível ignorar seus efeitos na rotina das famílias. Um desses efeitos é o possível aumento do uso por conta do confinamento e das restrições de lugares e atividades.

9.4

Presença dos *smartphones* no contexto familiar

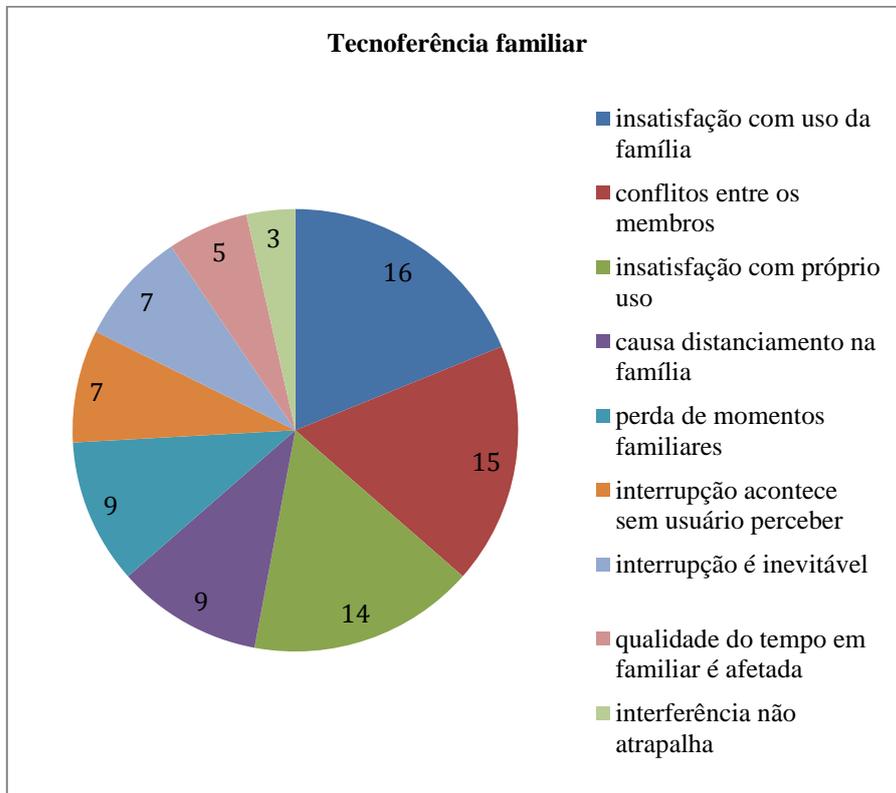
A tecnologia *touch screen* trouxe impactos para a vida do ser humano na medida em que revolucionou o acesso à informação e comunicação, bem como à execução de tarefas do dia a dia. A difusão da internet, principalmente, por meio dos dispositivos móveis – como *tablets* e *smartphones* – permite que as pessoas otimizem tempo em atividades simples do cotidiano, mas que custariam um esforço maior (por exemplo, enfrentar filas para realizar pagamentos). Cada vez mais empresas investem no desenvolvimento de aplicativos e dispositivos para expandir e agilizar os serviços. Sendo assim, obter, sobretudo, um *smartphone* se tornou questão de sobrevivência e não mais de ostentação. A tecnologia *touch screen* estará, então, presente em situações diversas como rodas de conversa entre amigos, reuniões de trabalho, mesas de restaurantes e até em ocasiões em que a família está reunida.

Nosso interesse é o de compreender os desdobramentos da presença do *smartphone* na rotina da família, mais especificamente na relação dos pais com seus filhos. Para tanto, dialogamos com os estudos de McDaniel & Coyne (2016a; 2016b), pois considerando a onipresença dos dispositivos móveis, discutem sobre o potencial de interrupções nas situações de parentalidade. Os autores apresentam o termo *tecnofêrência* (originalmente “*technoference*” ou “*technology interference*”) para ilustrar momentos em que a tecnologia interrompe ou invade o cotidiano de famílias e casais.

Nesta sessão, apresentaremos resultados e análises sobre como os entrevistados estão enxergando a interferência dos *smartphones* no ambiente familiar. Discutiremos diferentes facetas da presença dos dispositivos móveis na relação parental. Posto isto, o Gráfico 5 apresenta dados sobre as percepções e

tipos de consequências observadas pelos entrevistados no contexto da família de acordo com o número de respondentes.

Gráfico 5 – Respostas dos responsáveis sobre a presença do *smartphone* no cotidiano da família



Fonte: elaborada pela autora

Os participantes apresentaram diferentes consequências mediante as situações em que os *smartphones* acabam interferindo. Dentro do universo de 30 responsáveis, o Gráfico 5 trata de aspectos dos impactos do uso da tecnologia *touch screen* nos relacionamentos e interações parentais.

O Gráfico 5 aponta para 9 itens segundo a recorrência pela quantidade de entrevistados. Isso nos faz perceber que a interferência dos dispositivos móveis é, potencialmente, fonte de tensões, insatisfações e conflitos nas relações pessoais. No entanto, os estudos de McDaniel & Coyne (2016a, 2016b) não abordam especificamente as múltiplas facetas dos impactos advindos da tecnoferência. Nossas discussões têm a pretensão de ir ao encontro das características da

tecnofêrência e das experiências daqueles que sofrem ou são agentes das interferências dos *smartphones*.

Nem sempre o tempo que os responsáveis passam com seus filhos será proveitoso, pois é possível que haja diferentes formas de interferência externa nas experiências de parentalidade. No entanto, percebemos que os entrevistados acreditam que os *smartphones* nem sempre são aceitos nos momentos de família, sobretudo quando as interferências acontecem dos dispositivos dos responsáveis. Isso está relacionado tanto com a sensação de não aproveitamento do tempo com as crianças, quanto com a impressão de que, embora todos os membros estejam juntos, o uso dos aparelhos faz com que a qualidade daquele tempo sofra prejuízo.

Esses dados corroboram com o que as famílias apresentam como significado de tempo de qualidade. Conforme apresentado no Gráfico 2, houve respostas em que os entrevistados associaram o tempo de qualidade em família à ausência da tecnologia *touch screen*. Quando foram questionados sobre o uso deles e o que tem causado nas situações familiares, encontramos responsáveis que afirmaram sentir um prejuízo na qualidade desse tempo.

O código *interrupção acontece sem o usuário perceber* nos ajuda entender as maneiras pelas quais essas interferências são experienciadas e de que forma elas acabam acontecendo. Em muitas ocasiões em que o usuário deixa de estar envolvido com sua companhia, em determinada circunstância, e se volta para um dispositivo móvel, o desvio de sua atenção acaba dificultando a interação que acontecia; o usuário desenvolve a prática de ignorar o outro e pode não perceber. Nas entrevistas, encontramos casos em que, nas situações de interação com os filhos, os responsáveis falam sobre a dificuldade de perceber que seus celulares invadiram ou interromperam determinada ocasião. Quando percebem, o outro já foi ignorado e a tensão já está instaurada por conta da invasão da tecnologia.

Pesquisas estão procurando se debruçar sobre as consequências do desvio da atenção devido aos *smartphones*. Alguns achados sugerem que enquanto os responsáveis supervisionam as crianças, ao mesmo tempo que utilizam seus aparelhos, eles encontram dificuldades para responder a elas e para observar o ambiente ao redor (HINIKER et al., 2015). Diante disso, surgem sentimentos de culpa e insatisfação com o próprio uso por parte dos pais, porque nem sempre são capazes de se envolver com as crianças e atendê-las quando solicitam.

O sentimento de culpa está interligado com expectativas e ideais a respeito de como pais, mães e cuidadores devem exercer seus papéis. Os nossos dados sugerem que o fator *presença na vida dos filhos* está entre as características elementares para a relação de parentalidade. A presença dos responsáveis requer participação, afetividade e atenção total nos momentos com as crianças. Quando os cuidadores permitem que seus aparelhos atravessem as conversas, brincadeiras, lazer, acabam atingindo a qualidade da atenção. Muitas vezes, os responsáveis podem se sentir culpados porque a desatenção, devido aos *smartphones*, entra em conflito com o que a acreditam ser atitudes ideais de responsividade na parentalidade. Diante disso, a autoconfiança no papel de pai ou mãe na relação pode ser afetada.

Percebemos relatos de participantes com incômodos não necessariamente da interferência proveniente de seus aparelhos, mas dos outros integrantes da família. Por exemplo, o código *insatisfação com uso da família* diz respeito ao desgosto e irritabilidade, sentida por eles, todas as vezes que os aparelhos se tornam empecilho para a comunicação com os filhos ou conjugue. Além disso, nas entrevistas, 26 dos 30 participantes afirmaram experimentar algum tipo de interferência dos dispositivos na relação familiar tanto devido ao uso deles, quando dos outros membros.

Abaixo serão apresentados exemplos dos dois códigos mencionados anteriormente a fim de elucidar tais observações e analisar como as famílias estão experimentando invasões e interrupções dos aparelhos em seu cotidiano.

Quadro 14 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código *interação familiar afetada*

Participante – trecho da entrevista
P8: [...]é muito vício, a gente as vezes tem... tipo assim eles (os filhos) não têm muita conversa. A conversa deles é jogar e a gente é no <i>whatsApp</i> querendo saber da vida dos outros lá fora, querendo saber fofoca. Ah interfere muito.
P10: Agora eu tô como que mais ligada (no <i>smartphone</i>) porque eu tô com muita expectativa do que estou fazendo [...] qualquer mensagem que recebo estou atenta porque são amigos querendo saber... como que é? me explica? Então eu tô mais atenta e

disposta a deixar minha filha um momentinho e ficar no telefone.
P7: Eu sou assim, converso com o celular na mão. Tem que dar atenção pra outra pessoa, mas não consigo porque estou com o celular.
P27: [...] ele fala (a mãe repete a fala do filho) mãe, presta atenção em mim! Não meu amor, espera aí que eu vou... é rapidinho aqui porque eu tenho que responder essa pessoa.
P9: [...] a gente fica achando ruim porque põe eles (os filhos) pra esperar e ele percebe... tipo assim [...] acaba que ele se sente menos importante nessa hora. Eu falo filho, espera aí porque agora a mamãe vai conversar com uma amiga [...] ele tem que ficar esperando o tempo todo sem conversar. Eu interrompo algo dele e que eu acho que nesse momento [...] dá uma sensação que ele é menos importante.
P10: [...] eu sinto dificuldade de conversar mais com ela aqui em casa [...] ela quer sempre estar no celular ou na televisão. É uma coisa assim que eu perco muito. Então eu tenho tentado porque [...] é uma luta forte.

Fonte: elaborado pela autora

Como são interferências dos dispositivos dos entrevistados e também dos outros membros, é compreensível que o código tenha tido alta incidência, pois são apresentas diferentes circunstâncias.

Os trechos apresentados tratam de situações em que as interações em determinado momento sofreram interferência da tecnologia *touch screen*. A *tecnofêrência* faz perceber a dificuldade de o indivíduo tentar se envolver o outro e com a tecnologia. A atitude permissiva do usuário em deixar que seu *smartphone* invada pode acontecer por vários motivos: expectativas em receber uma ligação; curiosidade quando notificações chegam no aparelho; ou a simples vontade de continuar “rolando o *feed* do *Instagram*”.

Ao observamos o Quadro 14, a participante P10 deixa explícito seu entusiasmo sobre mensagens e ligações de pessoas próximas para conversar a respeito de sua vida. Ela relata que está [...] disposta a deixar minha filha um momentinho e ficar no telefone (P10).

As análises das entrevistas evidenciam a dificuldade das participantes em direcionar sua atenção no filho – ou em qualquer outro membro com quem esteja

interagindo – por conta da alta capacidade de distração dos aparelhos móveis. A participante P7 traz relatos de situações que se tornaram corriqueiras, independente do lugar ou da companhia. Percebemos a dificuldade de ela voltar sua atenção à conversa e ao aparelho. É provável que nem sempre seja possível gerir a atenção, o que ocasiona prejuízo ou na comunicação com o outro ou no que se pretende resolver através da tecnologia.

Para McDaniel (2014; 2019), a *tecnofêrência* acontece em interrupções longas ou curtas e podem fazer com que os usuários se permitam se envolver com o outro ao mesmo tempo em que estão usando seus aparelhos. Ele denomina como de multitarefa na mídia. Fica perceptível no trecho P7 a dificuldade com o envolvimento na conversa por conta desse uso.

No trecho da entrevista P9, a mãe acredita que o tempo que o filho precisa esperar enquanto está utilizado seu *smartphone*, causa inquietação nos dois. A inquietação da mãe está na sua insatisfação com os momentos que acabaram sendo invadidos. Quando as interações são afetadas, geram sentimentos de menosprezo naquele que está sendo ignorado. Isso se agrava porque as crianças entram em disputa com os *smartphones* pela atenção dos cuidadores.

Encontramos também reclamações sobre a dificuldade dos entrevistados em se conectarem com as crianças, principalmente quando elas estão jogando em seus dispositivos móveis. Isso pode ser observado na entrevista P10. Além do problema da falta de interação, aparece a disputa por atenção entre o responsável e a tecnologia da filha.

Independente do quem esteja sendo o causador da tecnofêrência - adulto ou criança – ela afeta, mesmo que momentaneamente, aquele que está sendo ignorado. Acreditamos nisso pelo número de participantes que acreditaram que as interações estão sendo afetadas. Os 9 códigos expostos no Gráfico 5 nos faz perceber que cada família sente, de maneira distinta, as consequências de quando as interações são afetadas pelo *smartphone*. Diante disso, a temática sobre os impactos do *smartphone* para a relação parental tem se mostrado relacionada à forma com que o aparelho atravessa as relações familiares pelo uso dos responsáveis, das crianças e do conjugue.

Cabe aqui reafirmamos nossa pretensão de analisar especificamente como os responsáveis enxergam os impactos do seu próprio uso para a relação parental e como as crianças experienciam a tecnofêrência pelo relato deles. Contudo, apesar

de termos dado este encaminhamento para a pesquisa, insatisfações e conflitos entorno do uso dos outros integrantes da família fizeram parte dos relatos dos entrevistados. Ficou evidente a necessidade de discutir os impactos diante da relação entre os *smartphones* e os adultos sem desconsiderar como os filhos e os conjugues se tornam também causadores da *tecnofêrência*.

A seguir apresentaremos trechos de situações analisadas em que os *smartphones* trouxeram interferência na comunicação e nos momentos em família. Vejamos alguns exemplos de casos em que acontecem *insatisfação com o uso da família e conflitos entre os membros*.

Quadro 15 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com os códigos *insatisfação com o uso da família e conflitos entre os membros*

Família – Tecnoferência familiar	Participante – trecho da entrevista
código – <i>insatisfação com o uso da família</i>	P3: [...] tava muita utilização de celular, quando chegava em casa a noite né, ao invés da gente conversar e ficar junto, cada um ficava no seu celular. Minha filha muito no celular, eu também [...].
código – <i>insatisfação com o uso da família</i>	P23: [...] porque o <i>celular</i> e o <i>tablet</i> tomam toda a atenção da criança. Eles ficam envolvidos com aquilo, hipnotizados com aquilo. Eles acabam não dando atenção pra gente se eles estiverem com algum aparelho ligado [...].
código – <i>insatisfação com o uso da família</i>	P20: Uma coisa que não é legal é quando você fica o tempo todo grudado no celular e às vezes eu brigo com meu marido por isso. Ele chega em casa e já vai no celular pra ver todos os grupos de <i>whatsApp</i> , o que mandaram, o que não mandaram. É um negócio que te prende né. Você vê uma coisa, daqui a pouco você tá vendo outra... outra... e aí passou uma hora. Você tem que controlar porque acaba virando um vício né. Você fica só no celular o tempo todo.
código – <i>insatisfação com o uso da família</i>	P9: [...] filho faz isso, filho! só mais um pouquinho (a mãe repete a fala da criança). Ele nem responde. Filho! Filho! [...] eu tiro da mão dele, dá licença! Aí eu tiro da mão dele. Mas só mais um pouquinho (a mãe repete a fala da criança).
código – <i>conflitos entre os membros</i>	P20: [...] eu vejo em casa né. Eu estou ocupada às vezes escrevendo uma mensagem, tentando resolver alguma coisa da escola, fazendo um negócio importante no celular e chegam perto de mim falando mamãe.. não sei o que. Eu falo, espera aí, espera aí! Eu acabo brigando com eles e eles acabam ficando chateados. Já ouvi também, larga o celular! [...] dá briga, discussão.
	P11: [...] eles (os filhos) não esperaram e aí a

código – <i>conflitos entre os membros</i>	gente briga porque eu digo que eles não têm respeito. Aí às vezes eu tenho que apagar a mensagem porque aparece gritaria. Eu falo vocês me matam de vergonha. Eles entram no meu negócio do trabalho.
código – <i>conflitos entre os membros</i>	P2: [...] aí eles cobram [...] igual aquele ditado, faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço. Aí eles falam sempre isso pra mim, mãe! você tem que fazer valer, como a senhora tá falando que a gente não pode fazer (a mãe repete a fala do filho) [...] aí eu começo a pensar. Ele tá me ensinando aquilo que estou ensinando pra ele.

Fonte: elaborado pela autora

Os responsáveis mostram enfrentar dificuldades para conversar com seus filhos nas situações em que eles estão entretidos com seus *tablets* e *smartphones*. Essas dificuldades se transformam em tensões, evidenciando a formação de um clima de descontentamento com o comportamento dos filhos.

Os trechos concernentes às entrevistas P23 e P9 são exemplos de insatisfação por conta do uso das crianças. No entanto, precisamos salientar que a utilização dos *tablets* e *smartphones* acontece dentro do contexto de pandemia em que houve alteração do tempo ocioso das crianças. O tempo livre delas aumentou por causa da mudança do formato das aulas presenciais para aulas *online*; em outros casos sabemos que as aulas foram suspensas por falta de recurso da instituição escolar.

Nesse contexto em que meninos e meninas estão confinados, surgem relatos de aumento do tempo de uso não só de *smartphones*, mas de *vídeo game* e *tablet*; surgindo então insatisfações por parte dos responsáveis por conta da utilização dos aparelhos pelos filhos dentro de casa. Podemos exemplificar com o trecho da entrevista P23. Observamos no trecho a completa insatisfação do entrevistado pela falta de atenção das crianças. A expressão “hipnotizados” do trecho traz o sentido de que a tecnologia móvel tem a capacidade de atrair e envolver o usuário, deixando-o completamente desligado de seu entorno.

É interessante nos determos ao trecho da entrevista P9. Percebemos que a participante expressa impaciência com o ato do filho ignorá-lo quando está envolvido com seu aparelho. Nesta circunstância, o responsável usa sua autoridade e reage retirando o aparelho das mãos da criança para que se atente ao que está sendo dito por ele. Encontramos mesmo que indiretamente, manifestações de desconforto e irritabilidade causados pela interferência da tecnologia na relação com os filhos.

Quando a *tecnofêrência* vem a partir do uso dos adultos, as crianças podem reclamar, ficar agitadas ou até mesmo expressar insatisfação – como apresentaremos mais adiante. Contudo, pode ser que as reações dos filhos não sejam suficientes para fazer com que as mães e os pais larguem seus aparelhos enquanto estão interagindo. Por outro lado, quando a *tecnofêrência* vem do uso das crianças, os adultos podem até demonstrar certo grau de tolerância, mas usam sua autoridade para interromper a *tecnofêrência* através de ordens claras. Em alguns casos, os aparelhos são confiscados das mãos das delas. Portanto, dependendo de quem esteja ignorando o outro – adultos ou crianças – a *tecnofêrência* pode ser interrompida ou não.

A presença da tecnologia *touch screen* causa também sentimento de intromissão na rotina familiar (MCDANIEL, 2019). A participante P3 exemplifica sua insatisfação por conta da falta de interação entre os membros da família principalmente durante a noite quando todos estão em casa e com tempo disponível. Percebemos que, para o entrevistado, a sensação de que os aparelhos estão sendo intrusivos é porque os usuários permitem que eles invadam e prejudiquem determinado momento - “...tava muita utilização de celular, quando chegava em casa a noite né, ao invés da gente conversar e ficar junto, cada um ficava no seu celular.” (P3).

O vínculo afetivo e a construção da afinidade na relação entre cuidador e criança estão juntos com a sensação de bem estar e conforto no seio familiar. A utilização, sobretudo dos *smartphones*, pode impulsionar conflitos na relação parental, seja pelo uso dos responsáveis ou pelo uso dos filhos – como observamos nos casos citados. Por conseguinte, dependendo da forma com que os aparelhos são explorados, trazem prejuízos sobre a forma em que os uns se sentem com relação ao outro. Para Melo et al. (2018), a presença da tecnologia no contexto atual se configura como grande desafio sobretudo para o bem-estar no convívio familiar.

O uso das crianças não foi o único motivo de insatisfação das participantes. Também foram citadas situações de incômodos por conta da interferência dos *smartphones* dos parceiros amorosos. O uso excessivo e a alta capacidade de viciante foram abordados pela participante P20: “Uma coisa que não é legal é quando você fica o tempo todo grudado no celular e às vezes eu brigo com meu marido por isso... é um negócio viciante né” (P20). Na revisão de

McDaniel (2019) é apresentado a associação entre o uso demasiado e a diminuição da satisfação dos membros com a vida familiar.

O Quadro 15 apresenta exemplos de *conflitos entre os membros* por motivos diferentes. Podem ser impulsionados: pelas disputas de quem deve portar o aparelho (trecho da entrevista P20); pela falta de paciência dos filhos em esperar os adultos terminarem de usar os *smartphones*; pela falta de exemplo dos responsáveis quando cobram dos filhos determinada atitude. Os conflitos surgem também porque, se de um lado o cuidador gasta seu tempo se envolvendo com suas atividades do cotidiano com o auxílio de um *smartphone*, por outro lado, as crianças nem sempre estarão dispostas a aguardar.

Cada usuário reage de uma maneira para superar as tensões que surgem no lar. A participante P11 chega a dizer que “... tenho que apagar a mensagem porque aparece gritaria. Eu falo vocês me matam de vergonha.” (P11).

Consideramos necessário tentar entender os motivos dos conflitos e em que situações acontecem. No Gráfico 1, foram expostos os atributos considerados pelos participantes como necessários na parentalidade, dentre eles, se está o código *ser bom exemplo*. Como observamos no trecho da entrevista P2, a questão da postura do adulto causa conflitos na família porque os filhos acabam questionando-a.

A permissividade dos pais em aceitar críticas à sua postura se desenvolve dentro de um contexto em que as crianças assumem um novo lugar de escuta na relação familiar. Sobre isso, Ariès (1985), aponta para mudanças em torno da concepção de infância, o que contribui para o surgimento de um espaço em que meninos e meninas têm a possibilidade de manifestar suas opiniões. Portanto, os novos lugares ocupados pelas crianças também vão repercutir em mudanças na relação com seus pais. É um contexto em que os responsáveis estão dispostos a ouvir seus filhos. O ambiente familiar é onde podem ocorrer negociações e discussões entre pais e filhos como princípios primordiais na construção do vínculo familiar (Maurer, 2001).

No Quadro 16, apresentamos situações em que os entrevistados reprovam o próprio uso, já que entendem que a tecnologia tira o tempo com as crianças. A *insatisfação com próprio uso* acontece quando eles se incomodam e reprovam a utilização do *smartphone* porque acreditam estar afetando, de alguma forma, o relacionamento ou interação com os filhos.

Quadro 16 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código *insatisfação com próprio uso*

Trecho da entrevista
P23: [...] eu me sinto um pouco mal, é difícil né dividir [...] porque eu sempre acho assim que a gente tem que dar prioridade naquele momento pra criança e às vezes a gente tem que dar aquela paradinha pra atender, pode ser uma coisa de trabalho. Então eu acho que tá tudo misturado nesse período.
P30: [...] no café da manhã, por exemplo, eu aproveito pra ver as coisas. Eu poderia dar um tempo sabe? Mas aquilo que eu te falei, eu aproveito o tempo que eu tenho disponível pra fazer as coisas. Eu fico em cima do muro né, eu faço ou não faço? Eu poderia estar dando mais atenção né, prestando mais atenção em outras coisas [...], nas crianças... participar mais. O problema é que realmente eu fico nessa de... o meu tempo com o tempo deles. É muito complicado e a gente se sente culpada [...].
P15: Mas acho que agora eu tô um pouco mais com o celular na mão entendeu? [...] Eu tenho que me controlar. Tenho que parar com isso também. Às vezes ele (o filho) fala mãe! dá atenção pra mim. Realmente eu tô, eu reconheço. [...] ele fala dá atenção pra mim. Mas não é que eu fico no celular, é o trabalho, é o trabalho que tá ali o tempo todo né.
P1: Eu como mãe gostaria até de nem pegar no celular sabe? As vezes o celular meio que atrai. Ele (o filho) quer atenção, a gente brinca, enfim. Às vezes ele tá no celular também, mas às vezes eu me sinto um pouco culpada de não poder ficar mais tempo com ele [...].

Fonte: elaborado pela autora

Os trechos apresentados trazem indícios de que dependendo da forma com que os responsáveis fazem uso dos *smartphones*, podem causar sensações de desgosto, culpa e frustração. Isto está relacionado com o fato deles permitirem que seus próprios dispositivos móveis intervenham no convívio familiar, desviando a atenção, que deveria ser dedicada aos filhos, para os aparelhos. Na entrevista com a mãe participante P1: “o celular meio que atrai. Ele quer atenção, a gente brinca, enfim... às vezes eu me sinto um pouco culpada de não poder ficar mais tempo com ele” (P1).

A participante P23 faz uma autorreflexão sobre a maneira pela qual tem se envolvido com seu dispositivo dentro da rotina da casa. Tanto para ela, quanto

para outros responsáveis, observamos que eles expressam a necessidade de dedicação e atenção nos momentos com os filhos: “... eu sempre acho assim que a gente tem que dar prioridade naquele momento pra criança” (P23); “Eu poderia estar dando mais atenção né, prestando mais atenção em outras coisas [...], nas crianças, participar mais...” (P30). As falas dessas mães expressam o que acreditam ser importante em suas funções nos cuidados diários.

Os ideais e opiniões sobre como devam ser as atitudes dos pais com seus filhos surgem de crenças e entendimentos sobre as responsabilidades concernentes à parentalidade (SENA, 2020; KOBARG et al., 2006). Porém, quando suas atitudes não conseguem estar alinhadas ao que acreditam sobre a responsabilidade do papel de mãe ou pai, acabam surgindo sentimentos de frustração e reprovação. Notamos nas entrevistas que os responsáveis enfrentam dificuldades em gerir as atividades diárias – no caso realizadas por meio dos *smartphones* - e as responsabilidades de cuidador: “O problema é que realmente eu fico nessa, o meu tempo com o tempo deles (dos filhos). É muito complicado e a gente se sente culpada [...]” (P30). Se por um lado, esta mãe possui uma concepção sobre as necessidades e responsabilidades exigidas na educação dos filhos, por outro, ela ainda precisa lidar com compromissos da vida adulta que podem prejudicar o tempo em família. Ajustar e equilibrar a rotina na família em um contexto em que muitas das atividades são feitas pelos *smartphones*, se transforma em um grande desafio para os responsáveis.

Mudanças no contexto histórico e cultural trouxeram desdobramentos para a mulher na sociedade, possibilitando seu ingresso no mercado. Tinoco e Féres-Carneiro (2003) entendem que o reconhecimento dos direitos das mulheres perante a sociedade e o Estado foi de suma importância para que elas galgassem novos lugares. No entanto, percebe-se um aumento de exigências destinadas principalmente às mães. Elas ainda assumem a principal responsabilidade de educar os filhos, cuidam dos afazeres do lar e ainda trabalham fora de casa. Vale ressaltar que em muitos casos se tornam a principal provedora financeira da família.

A participante P15 apresenta reclamações do filho por conta do seu uso de *smartphone*, embora ela justifique dizendo ser por motivos de trabalho. Com o contexto da pandemia, equilibrar os cuidados com os filhos, os afazeres domésticos e as responsabilidades do trabalho pode ser um agravante para as mães. Na

entrevista P15, a mãe manifesta sua dificuldade de controlar o uso do *smartphone*, por conta do trabalho.

O avanço da tecnologia, da comunicação e do acesso à internet permitiram a flexibilização dos lugares onde as atividades de trabalho podem ser realizadas. Isso foi impulsionado no contexto da pandemia por meio do modelo *home office*; o que permitiu que os responsáveis realizassem funções do trabalho em qualquer cômodo da casa. Nos relatos de cinco famílias que participaram da pesquisa de Palen e Hughes (2006), foram apresentados os benefícios do uso da tecnologia como recurso que auxilia na divisão entre o trabalho e o cuidado com os filhos. No entanto, na medida em que os dispositivos móveis facilitam a execução das tarefas em casa, a utilização dos recursos tecnológicos se transforma em motivos para conflitos entre os membros. O uso dos *smartphones*, principalmente, para auxiliar no *home office*, acaba gerando um aumento das interrupções e invasões na rotina das famílias.

O Quadro 17 apresenta exemplos de trechos analisados com o código *causa distanciamento na família*. Isso significa que alguns entrevistados observaram que já vivenciaram ou estão vivenciando a sensação de afastamento na relação familiar por conta das interrupções ou quebra dos momentos com os filhos devido aos *smartphones*.

Quadro 17 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código *causa distanciamento familiar*

Trecho da entrevista
P24: [...] essa distância né que a gente acaba criando e aí vou me colocar como sujeito da ação. Acaba que a gente cria essa distância. A qualidade do tempo em família que a gente falou lá atrás.
P11: [...] a forma com que esses aparelhos afetam a nossa forma de interagir em lócus mesmo. Então você tá na mesa ali [...], ficam na televisão às vezes, olhando o celular, é televisão, celular, tudo junto. Então é muita informação que acaba também, do mesmo jeito que pode aproximar, dependendo do contexto, pode afastar também dependendo da situação.
P12: [...] o negativo eu acho é essa dependência. Nossa assim, eu já me vi acordando e dormindo com o celular e assim o bom dia não é pro filho, o bom dia é pro celular. Isso realmente é algo assim muito ruim [...] você tá mais preocupado em

saber questões às vezes até de rede social, que propriamente saber quem tá do teu lado bem. É isso que eu tô querendo dizer. Essa dependência do celular incomoda um pouco. Ele tinha que estar em terceiro, quarto lugar e às vezes eu coloco ele em primeiro lugar e não é legal.

P19: [...] perde relacionamento uns com os outros. Vão ficando como estranhos dentro de casa. Pessoas que convivem no mesmo ambiente, mas são estranhas umas com as outras. Estão juntos, mas não estão sabendo nem o que o outro está passando. Um sentimento às vezes passa imperceptível, um sentimento que seu filho está triste. Não percebe né o termômetro de algumas coisas.

Fonte: elaborado pela autora

Nos casos apresentados acima, os responsáveis consideram que a utilização da tecnologia *touch screen* fez com que os membros da família experimentem distanciamento entre eles. O distanciamento causa prejuízo no vínculo da relação. Nas palavras de uma das mães: “Vão ficando como estranhos dentro de casa. Pessoas que convivem no mesmo ambiente, mas são estranhas umas com as outras;” (P12). Este código também engloba trechos em que as participantes verbalizam a distancia, o afastamento ou o prejuízo por conta da interferência contínua do celular na relação familiar. Os participantes trouxeram relatos em que a presença da tecnologia na rotina familiar por meio do seu próprio uso e das crianças tem impactado a maneira com que eles se sentem na relação parental e familiar.

Analisamos trechos que tratam do prejuízo na relação pessoal – “a forma com que esses aparelhos afetam a nossa forma de interagir em lócus mesmo” (P11); “Acaba que a gente cria essa distância. A qualidade do tempo em família que a gente falou lá atrás.” (P24). Acreditamos que o distanciamento seja sentido como prejuízo no vínculo entre os integrantes da família; é mais intenso do que a experiência de sentir os *smartphones* causarem interferência em determinada ocasião.

A impressão transmitida pelos trechos dos participantes é a de ruptura no elo afetivo e relacional. Na entrevista P12 é possível perceber indignação e insatisfação com a maneira em que o uso atravessa a rotina e ocupa a primazia no

tempo com a criança: “Eu já me vi acordando e dormindo com o celular e assim o bom dia não é pro filho, o bom dia é pro celular” (P12).

De acordo com a revisão feita por McDaniel (2019), a integração dos aparelhos *touch screen* no cotidiano dos adultos fez com que eles criassem um forte hábito e apego aos dispositivos móveis, podendo vir a se transformar em vício. Dependendo da interação que os cuidadores constroem com a tecnologia *touch screen*, existe a possibilidade de surgir impactos não só nas interações com os filhos, como também afetar a maneira com que os responsáveis se sentem na relação familiar. Nesse sentido, dependendo de como pais e mães se apropriam dos *smartphones*, o distanciamento na relação parental chega a impedir que eles enxerguem e percebam as necessidades do filho.

A seguir iremos discutir sobre alguns casos encontrados que retratam ocasiões em que os responsáveis sentem que estão perdendo momentos em família por conta da presença dos *smartphones*.

Quadro 18 – Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código *perda de momentos familiares*

Trecho da entrevista
P18: [...] eu falo, pow, estou perdendo um momento. Dependendo da conversa, eu falo não filha, fica aqui, escuta com a mamãe, é importante, dependendo do que seja. Ou então o que eu faço? a gente está conversando, eu vejo que é emergência. Eu digo não sai daqui do colo da mamãe, vem aqui no meu colo. Aí eu pego ela no colo [...] e eu fico resolvendo aquela questão (no celular) com ela. Pra ela entender assim, é só um momento, vai passar, eu não vou deixar você.
P20: Os nossos filhos crescem muito rápido. Então se você parar pra analisar, um momentinho que você tá ali perdendo, vai sentir falta. Vai falar, poxa, como passou rápido esses momentos que são poucos né. Acaba sendo pouco até porque todo mundo trabalha, todo mundo tem a sua vida, no momento que a gente fica em casa, a gente acaba dividindo ainda com a internet (<i>smartphone</i>) né.
P25: Eu penso nisso hoje assim, a gente tem momentos que a gente tem que aproveitar com eles (os filhos). Mas às vezes a gente tem essa dificuldade de aproveitar e passa muito rápido o tempo. Eles crescem muito rápido. Então a gente tem a consciência e ainda assim a gente acaba deixando com que o celular fale mais alto né.

Fonte: elaborado pela autora

Os exemplos citados no quadro se referem a situações em que as mães demonstram ter preocupação em acabar perdendo momentos da vida dos filhos, da família por conta do uso de *smartphone*. O código *perda de momentos familiares* retrata a preocupação de que o impacto sofrido seja no tempo e no convívio com as crianças. São ocasiões em que os responsáveis acreditam que deveriam estar envolvidos com seus filhos, mas acabam usando o tempo com os dispositivos, sendo fonte de *tecnofêrência* – intromissões e interferências de seus próprios aparelhos.

Quando os cuidadores entendem que a interação com os *smartphones* causa perda de momentos com seus filhos, significa que existe a preocupação de não ser possível recuperar a infância das crianças (não estar presente). Vejamos o seguinte trecho: “Os nossos filhos crescem muito rápido. Então se você parar pra analisar, um momentinho que você tá ali perdendo, vai sentir falta.” (P20). A mãe entende que dividir sua atenção entre a tecnologia e os filhos não só prejudica o tempo familiar, como talvez se transforme em arrependimento futuro.

Tanto na entrevista P20, quanto na P25, encontramos a preocupação de que o tempo destinado aos filhos “passa rápido” e que nem sempre é aproveitado por conta da rotina. Existe a dificuldade de desvencilhar dos aparelhos e usar o tempo com as crianças: “no momento que a gente fica em casa, a gente acaba dividindo ainda com a internet né” (P20); “Então a gente tem a consciência e ainda assim a gente acaba deixando com que o celular fale mais alto.” (P25). É notória a dificuldade em controlar e limitar a forma com que os entrevistados se apropriam dos *smartphones*.

No cenário de uso dos *smartphones*, os pais sofrem com conflitos internos. Eles usufruem dos benefícios que os aparelhos proporcionam para as tarefas do dia a dia, no entanto, são causadores da *tecnofêrência* enquanto estão com seus familiares. Dependendo da forma com que os aparelhos entram nos momentos familiares, acabam sendo enxergados pelos outros como invasores, já que os usuários deixam de estar envolvidos com a família para responder as notificações, mensagens e ligações (MCDANIEL, 2019).

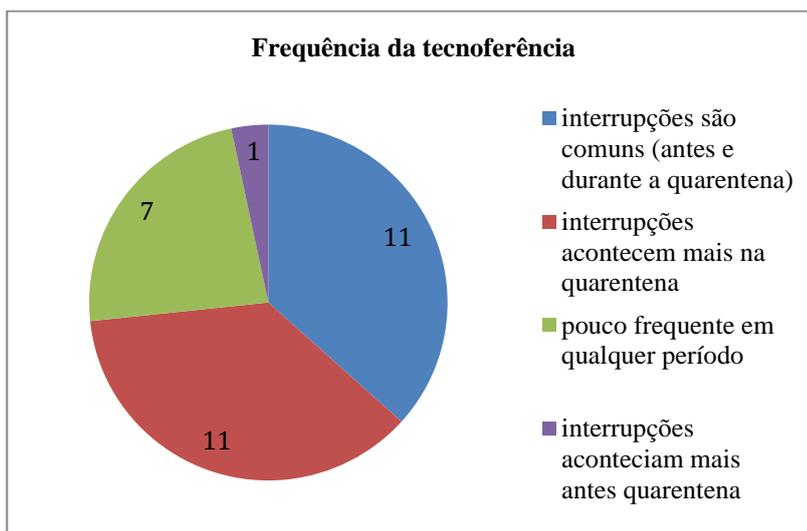
9.5.

Características da tecnoferência na relação dos entrevistados com seus filhos.

Construímos um cenário que são apresentadas informações que elucidam a forma com que a interferência por parte dos *smartphones* dos responsáveis vem acontecendo. Ainda que nossa pesquisa trate das experiências de apenas 30 participantes, os dados nos ajudam a entender como a interferência dos *smartphones* acontece na relação entre responsáveis e seus filhos.

O Gráfico 6 é sobre a frequência das interrupções e invasões dos celulares dos entrevistados enquanto estão com seus filhos. Isto é, os códigos apresentados nos permite analisar a recorrência em que a *tecnoferência*, por parte dos adultos, está acontecendo. Utilizamos como parâmetro o período da pandemia para assim saber se houve mudança com o confinamento.

Gráfico 6 – Respostas dos responsáveis sobre a frequência da tecnoferência do uso dos *smartphones* deles enquanto estão com os filhos



Fonte: produzido pela autora

A pandemia advinda pela transmissão do Covid-19 atravessou a pesquisa. A influência do confinamento para a temática se tornou inevitável. Deste modo, entendemos ser necessário nos debruçarmos sobre os dados levando em consideração o período de relato que os participantes se referiram (antes ou durante a pandemia). Nos casos em que os responsáveis contaram sobre casos em

que seus aparelhos atrapalharam a interação com as crianças, perguntamos sobre o período em que se aconteceram. Pois, seria impossível analisar os dados desconsiderando o momento que a sociedade está vivendo.

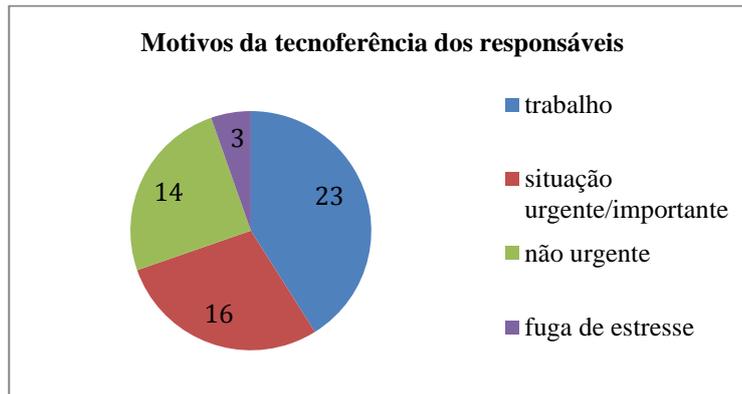
No Gráfico 6 estão aparentes 4 códigos que nos ajudam a entender a recorrência em que os entrevistados são causadores da tecnoferência. Neste gráfico, as respostas foram codificadas com apenas um dos códigos. O item *interrupções são comuns (antes e durante a quarentena)* foi usado para os participantes que contam que as interrupções acontecem o tempo todo ou que sempre aconteceram. No entanto, é importante deixar claro que houve dificuldade de alguns participantes em informar de maneira mais precisa sobre a frequência da *tecnoferência*. Por isso, o código comum também foi usado quando os participantes não deixam claro se na quarentena as interferências aumentaram, mas evidenciam que são corriqueiras e costumam acontecer no cotidiano.

O código *interrupções acontecem mais na quarentena* foi designado para as situações em que os participantes deixam claro que suas interrupções aumentaram durante o período de confinamento. Precisamos fazer uma observação sobre este código. O fato das invasões/interrupções aumentarem na quarentena indica também que já houve ocorrências antes desse período. Sobre o item *pouco frequente em qualquer período*, diz respeito a baixa frequência das interferências em qualquer período – seja antes ou durante a quarentena.

Observando os códigos *são comuns (antes e durante a quarentena)* *interrupções acontecem mais na quarentena*, mais da metade dos nossos entrevistados apresenta certa recorrência das situações em que o uso dos *smartphones* atrapalha, invade ou interrompe, de alguma forma, a interação com os filhos. Isso nos leva a considerar que a *tecnoferência* talvez não seja um fenômeno do confinamento, ainda que as condições intensifiquem o tempo de utilização e, assim, estimulem mais situações de interferência dos aparelhos.

Outra faceta que nos ajuda entender mais sobre a *tecnoferência* dos responsáveis é o motivo que eles alegam ter para permitir que os dispositivos estejam presentes nas ocasiões com as crianças. O Gráfico 7 contém 4 situações distintas. Os entrevistados citaram mais de uma delas.

Gráfico 7 - Respostas dos responsáveis sobre os motivos da *tecnofêrência* de seu uso nas ocasiões com as crianças.



Fonte: elaborado pela autora

É importante entendermos em que contexto a *tecnofêrência* tem acontecido, ou seja, quais são os motivos que fazem com que as interações entre responsáveis e crianças sejam interrompidas pelos *smartphones*. Observamos nas entrevistas 4 motivos, são eles: *trabalho*, *situação urgente/importante*, *não urgente* e *fuga de estresse*.

Quando os respondentes apresentam situações em que os dispositivos interromperam por conta do trabalho, devemos considerar que o confinamento pode estar cooperando para isto. O confinamento fez com que os responsáveis levassem as atividades de trabalho para a casa, o que inclui utilizar as ferramentas tecnológicas no mesmo ambiente em que as crianças estão. Neste contexto de mudanças no formato de trabalho pode oferecer condições para que a tecnologia invada, com frequência, situações em que os adultos estão envolvidos com seus filhos – como hora da refeição, do lazer, da conversa.

As facetas da *tecnofêrência* mediante as interações dos pais com as crianças estão dentro de um contexto em que os adultos concebem a utilização da tecnologia *touch screen* como ferramenta proporcionadora de benefícios e malefícios (MCDANIEL, 2019). Os benefícios estão em facilitar a execução das atividades. Contudo, o fato de os *smartphones* ampliarem a comunicação, torna os usuários sempre disponíveis para responder qualquer mensagem ou ligação de trabalho, mesmo quando estão com a família.

Para Melo et al. (2018), a relação estabelecida entre os usuários e a tecnologia *touch screen*, independente de serem crianças ou adultos, ocorre de

acordo com a intencionalidade, frequência, quantidade do tempo e formas de utilização. Na mesma direção, a presença dos *smartphones* na relação familiar está também cercada por estes fatores. É inegável a necessidade de cumprir com as responsabilidades de trabalho, principalmente dentro de um contexto de instabilidade e pressão econômica. No entanto, entende que o controle e o equilíbrio podem ajudar na inserção dos dispositivos móveis na vida do usuário e, conseqüentemente, no convívio familiar (MELO et al., 2018).

Os dados mostram que existem outros motivos, além do trabalho. Os responsáveis trazem exemplos em que utilizam os *smartphones* para resolver questões consideradas como de necessidade e importância. Questionamos os entrevistados sobre as situações que consideram como *urgente/importante*: ligação dos pais idosos, recebimento de *delivery*, estudo.

Como observamos no gráfico, nem sempre os motivos das interferências na rotina com os filhos são por questões de trabalho ou tenham certa urgência. Os códigos *não urgente* e *fuga de estresse* são relacionados a atividades de entretenimento - como jogos, séries e conversas. A *fuga de estresse* foi abordada em poucos casos, mas é interessante explicarmos que, nestas situações, os cuidadores utilizaram os *smartphones* como mecanismo de alívio do estresse (com as situações da casa ou dos filhos). Esses dados dialogam com os achados de McDaniel (2019), pois mostra o uso dos pais como forma de aliviar as tensões da rotina e dos cuidados de parentalidade.

É necessário que pesquisas futuras se voltem de maneira mais específica para os motivos que levam pais usarem seus aparelhos enquanto estão com as crianças. A curiosidade dos responsáveis verificarem as notificações ou o hábito de ter o aparelho disponível nas mãos talvez impulse a *tecnofêria*.

A participante P11 traz explicações que nos ajuda a aprofundar a compreensão sobre os motivos da interferência na rotina:

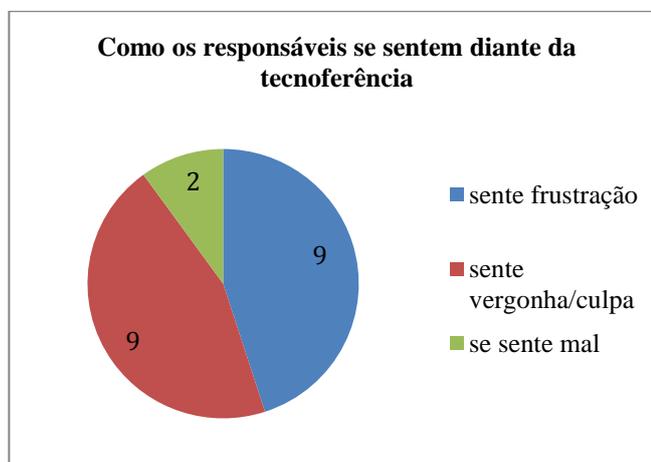
Às vezes eles falam você não liga pra mim, você só quer saber do celular, você só trabalha. Fazem chantagem o tempo todo [...] eles ficam chateados, mas o que eu posso fazer? Eu tenho que fazer as coisas do trabalho. Eu tenho vontades também. Eu não tenho vontade de fazer só as coisas do trabalho. Eu quero ler uma notícia, eu quero falar com uma amiga, eu quero falar com a minha mãe. Às vezes eu já fiquei o dia inteiro absorvida com coisas do trabalho [...] aí a noite eles estão assim enlouquecidos. Mas às vezes eu tô se saco cheio porque eu fiquei o dia inteiro trabalhando, aí eu pego no celular, aí e vou falar com uma amiga. (P11).

No trecho percebemos os conflitos internos que a mãe enfrenta. O uso do *smartphone* representa um mecanismo de escape da rotina e de distração. A interação entre o usuário e os dispositivos móveis transportam os pensamentos e a atenção para fora daquele ambiente e, assim, causam a sensação de alívio e prazer imediato.

Além disso, muitas vezes, os pais enfrentam tédio de ter que acompanhar as crianças em atividades de cuidado – como a alimentação – recorrendo aos *smartphones* para fugir do momento (MCDANIEL, 2019). Entendemos, portanto, que a *tecnofêrência* dos entrevistados não acontece ao acaso, mas são frutos de circunstâncias do contexto familiar. Ela envolve tanto fatores externos – como o trabalho – quanto fatores internos – fuga de estresse.

A interação dos adultos com os aparelhos de tecnologia *touch screen* vai se consolidando dentro da rotina da família e, por sua vez, depende das atividades e formas de uso experienciadas por eles. Questionamos, então, nossos responsáveis sobre o que sentem quando são agentes da *tecnofêrência* no tempo em família. No Gráfico 8 são apresentados dois sentimentos que foram manifestados pelos cuidadores quando permitem que os *smartphones* atrapalhem os momentos com as crianças ou quando não conseguem atendê-las. Os participantes citam mais de um código.

Gráfico 8 - Respostas dos responsáveis sobre como se sentem quando seus *smartphones* interferem na relação com as crianças



Fonte: criado pela autora

Os entrevistados expressam determinadas sensações quando acabam por ocasionar interrupções nos momentos do cotidiano familiar. Observamos 3 reações entre os participantes: frustração, vergonha/culpa, mal. Nas entrevistas, encontramos esses sentimentos somente na fala das mães, os 2 pais participantes da pesquisa não relataram nenhuma experiência sobre o uso dos *smartphones* que pudéssemos codificar. Ainda que fosse mais provável encontrar manifestação de algum tipo de sentimentos entre as mães devido ao maior número de participantes no universo do estudo (28 mulheres e 2 pais), acreditamos que estes sentimentos também estejam relacionados aos papéis que elas exercem historicamente e culturalmente na vida dos filhos.

Não é novidade a distinção dos papéis desempenhados entre pais e mães na relação parental ao longo da história da civilização. A percepção das mães de quais devem ser suas responsabilidades no relacionamento com os filhos é explicado pelas atribuições concedidas a ela no decorrer da história. Cabia ao ser humano arcar com o sustento da família e a gestão dos bens e patrimônios de seus membros; já a mulher a educação das crianças e cuidados da rotina doméstica (PESSOA & ROSA, 2018).

A coparentalidade tem sido estudada por pesquisadores para entender como a divisão de funções no contexto familiar entre pais e mães podem favorecer o relacionamento de casados e divorciados (FRIZZO et al., 2005). O conceito tem passado por mudanças. Com base em Frizzo et al. (2005), percebemos que a coparentalidade foi ampliada para núcleos de famílias que incluem a tríade mãe-pai-criança. No entanto, os autores pontuam que isso não significa uma divisão igualitária na autoridade e cuidados nas funções dos pais e mães. O contexto cultural e social influenciará a forma com que a tríade funciona.

Mesmo que o lugar assumido pela mulher tenha atravessado por importantes e necessárias rupturas diante dos padrões da sociedade, as responsabilidades pelos cuidados e educação das crianças continuam sendo atribuídas a elas (TINOCO & FÉRES-CARNEIRO, 2003). A maior parte das mulheres ainda arca com total responsabilidade no desenvolvimento, educação e cuidados com as crianças.

No entanto, é importante salientar que os pais cada vez mais estão participando mais ativamente na vida dos filhos. Sobre isso, Silva e Piccinini (2007) tratam dos sentimentos de paternidade e o envolvimento deles na relação

parental. Com a entrada da mulher do mercado de trabalho e o número de divórcios, os homens passam a estar mais integrados aos cuidados das crianças. Este cenário de divisão clara das funções na criação dos filhos foi constituído no modelo de família burguesa (*apud* RAMIRES, 1997; REZENDE & ALONSO, 1995).

Silva e Piccinini (2007) apontam para mudanças no ambiente familiar em que as funções designadas às mães e aos pais são ressignificadas. Surgem novas crenças, práticas e valores que anteriormente não cabiam no modelo de família nuclear historicamente e culturalmente constituído. Contudo, mesmo que em algumas famílias os pais estejam mais presentes na relação com os filhos, de forma geral os homens ainda mostram resistência e dificuldade para assumir o lugar de cuidador e responsável paterno.

Além da constituição histórica e cultural dos papéis na família, muitos pais sabem pouco sobre seus filhos, por isso de maneira geral são as mães que acompanham as crianças em médicos, escolas, apresentações. Chamou nossa atenção o número de mães que se propuseram participar da pesquisa em comparação com os pais. O que revela um cenário rígido de divisão de funções nos cuidados e da educação.

As entrevistas, em maior parte, feita por mães foram acometidas por situações em que expõem insatisfação e descontentamento sobre a forma com que seus *smartphones* intervém na relação familiar. Precisamos considerar que as consequências percebidas por elas se desenvolvem com base nos ideais, crenças e valores sobre a função da mãe na parentalidade. Por exemplo, se determina mãe acredita que a conversa e a escuta são atributos necessários na interação com os filhos e elas têm dificuldade de ter esse momento por conta de seus *smartphones*, poderão acreditar que suas atitudes irão acarretar prejuízos de natureza distintos.

O quadro a seguir traz exemplos de mães que abordam os sentimentos de frustração, culpa e vergonha por conta da presença dos *smartphones* na sua rotina.

Quadro 19 - Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com os códigos *sente frustração* e *sente vergonha/culpa*

Família Tecnoferência familiar	Trecho da entrevista
--------------------------------	----------------------

Código – <i>sente frustração</i>	P26: Eu acho que é frustração porque ao mesmo tempo que eu tenho a consciência da mãe que eu me torno todos os dias, tenho também a consciência de uma pessoa que está guardada dentro de mim.
Código – <i>vergonha/culpa</i>	Entrevistador: o que você acha que eles me diriam do teu uso de celular? P24: péssimo, que ela é viciada, que ela nunca brinca com a gente, ela não presta atenção no que a gente tá falando. Eles vão falar isso tudo, com certeza. Entrevistador: você concorda com eles ou acha que eles dão uma exagerada? P24: eu concordo [...] eu me sinto culpada né porque eu fico entre a cruz e a espada. Se eu não pego o celular, fico preocupada com o que tá ficando pra trás e tá acumulando, enquanto estou com eles. Mas se eu pego também tem hora que eles falam alguma coisa e eu não captei e eles ficam putos com razão. O problema aqui em casa sou eu, entendeu?

Fonte: elaborado pela autora

A frustração apresentada na entrevista surge dentro de um contexto em que a participante diz ter a “[...] consciência da mãe que eu me torno todos os dias [...]” (P26). A frustração surge porque nem sempre as atitudes da entrevista são consideradas por ela como ideais na sua função de mãe. As visões das mulheres sobre seus papéis na parentalidade trazem a tona e reforçam séculos de divisão de tarefas desigual na criação dos filhos.

A relação das mães e pais se constroem com os filhos, nos cuidados diários, está alinhada às concepções sobre os elementos essenciais criação e educação deles (SENA, 2020). As práticas de cuidado e envolvimento parental na verdade podem ser explicadas em certa medida pelos valores e crenças assumidos e reconhecidos pelos adultos, sendo mediadas pelo ambiente em que as famílias estão inseridas.

Muitas mães optam por não trabalhar fora do contexto familiar e dedicarem seu tempo exclusivamente aos afazeres domésticos e cuidados com os filhos. Essa escolha pode ser completamente satisfatória para quem decide, no entanto, talvez traga conflitos internos pela maneira com que o tempo está sendo usado. A frustração exposta pela participante P26 parece surgir por sua dedicação aos filhos nas tarefas no papel de mãe, dando indícios de que seus desejos pessoais acabam sendo ofuscados: “[...] tenho também a consciência de uma pessoa que está guardada dentro de mim.” (P26). No decorrer da entrevista a mãe diz ter desejo de um tempo para se envolver com atividades que gosta, como usar a

tecnologia *touch screen*. Porém, suas vontades acabam entrando em conflito com o que acredita ser responsabilidade de mãe.

Destacamos o relato das experiências da participante P24. Ela acredita que seus filhos a enxergam como uma mãe que não tem interesse por eles. Nas palavras da entrevistada, as crianças diriam que “[...] ela é viciada, que ela nunca brinca com a gente, ela não presta atenção no que a gente tá falando. Eles vão falar isso tudo, com certeza.” (P24). O conflito está entre a utilização do *smartphone*, como recurso que auxilia diversas atividades, e a quantidade de tempo gasto nos dispositivos; tempo que poderia ser usado em família.

O campo de estudo de crenças parentais está repleto por divergências entre os que estudam a temática. Contudo, pode-se dizer que as práticas e comportamentos destinados à parentalidade estão inseridos dentro do sistema de crenças e valores dos pais (SENA, 2020; KOBARG ET AL, 2006).

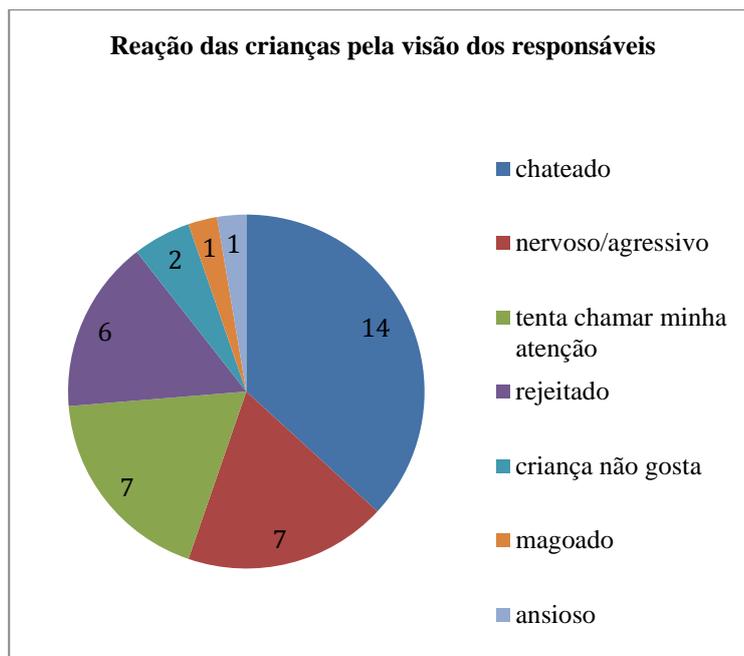
A família passou por transformações importantes no cenário brasileiro e mundial. A entrada da mulher no mercado de trabalho cooperou para novas rotinas. As mulheres alcançaram o direito de poder ter um ofício e ser remunerada ao passo que continuaram, de acordo com Tinoco e Féres-Carneiro (2003), sendo responsáveis pelo funcionamento do lar, cuidados com os filhos e marido.

A culpa e vergonha devido à *tecnofêrência* surgem pelo fato da participante P24 ter que gerir seu tempo entre a dedicação em ser mãe e suas responsabilidades externas. Sobre isso, Sena (2020) discute sobre o acúmulo de funções designadas à mulher, visto que passam a ter que sustentar sua carreira profissional, além de continuar sendo a principal responsável pela educação das crianças. No contexto atual, muitas dessas mulheres ainda se tornam responsáveis financeiras da família (OLIVEIRA, 2009).

Portanto, presença dos *smartphones* principalmente através dos responsáveis reverberam tensões na relação coparental. Os conflitos surgem por conta das mães entrevistadas terem que exercer seu papel na família e continuar desempenhando suas tarefas e responsabilidades de trabalho ou pessoais por meio dos *smartphones*. Os entrevistados citam exemplos em que usam os *smartphones*, deixando em algumas ocasiões de atender a necessidades dos filhos: responder mensagens do trabalho; fazer pedido de *delivery* da farmácia; se distrair depois de um dia cheio de trabalho; conversar com amigos.

As situações em que os entrevistados permitem que seus aparelhos móveis desviem sua atenção enquanto estão com os filhos ou perto deles foram associadas a diferentes tipos de reação e sentimentos. Perguntamos sobre como percebem as crianças mediante a *tecnofêrência*, ou seja, como elas reagem quando eles não dão atenção para elas por conta da utilização dos *smartphones*. No gráfico a seguir apresentamos as respostas dos entrevistados. Ressaltamos que eles perceberam mais de uma reação nos filhos.

Gráfico 9 - Respostas dos responsáveis sobre como percebem seus filhos quando não dão atenção por conta dos *smartphones*



Fonte: produzido pela autora

Encontramos 7 reações distintas, são elas: *chateado*, *nervoso/agressivo*, *rejeitado*, *criança não gosta*, *magoado*, *ansioso* e *tenta chamar minha*. Entre os casos, alguns responsáveis dizem que percebem que seus filhos passam por chateação quando acabam não dando atenção quando solicitam. A distração com a tecnologia, mesmo que precisem resolver alguma questão, é passível de causar insatisfação ou aborrecimento. A percepção dos entrevistados dialoga com Melo et al. (2018), pois a inserção da tecnologia *touch screen* no contexto familiar tem representado um desafio para o bem estar do convívio familiar e das relações entre seus membros.

Acreditamos que o possível descontentamento das crianças acontece porque entendem que seus cuidadores estão mexendo na tecnologia ao invés de dar atenção para elas, o que talvez seja interpretado como falta de prioridade na relação. McDaniel (2019) faz um levantamento de consequência da presença da tecnologia nos momentos de interação com as crianças. Ele aponta que a frequência e a forma com que os pais lidam com seus *smartphones* pode ocasionar perda da sensação de conexão e envolvimento no tempo compartilhado com os filhos. A sensação de desconexão se deve também, entre outros fatores, a diminuição da interação e das conversas quando os adultos estão usando a tecnologia enquanto estão perto da família (KILDARE et al., 2017; RADESKY & MILLER et al., 2015).

Os dados trazem relatos de que as crianças aparentavam estar nervosas ou até mesmo ter comportamentos mais agressivos. O código *chateado/agressivo* reforça os achados de outras pesquisas sobre a mudança do comportamento das crianças quando enfrentam a interferência dos aparelhos dos adultos nas interações. Foi encontrada associação entre a *tecnofêrência* na parentalidade e os problemas comportamentais das crianças (MCDANIEL & RADESKY, 2018).

O item *rejeitado* foi usado para ocasiões em que os responsáveis disseram que as crianças acabam tendo a sensação de estar sendo priorizadas frente ao uso dos *smartphones*. A problemática está na tentativa dos adultos de interagir com as crianças ao mesmo tempo em que utilizam seus *smartphones*. A dificuldade nesta tarefa é recebida como descaso e rejeição por aqueles que estão sendo ignorados. Stockdale et al. (2018) – nas entrevistas com filhos sobre o uso dos pais – mostra que as crianças percebem seus responsáveis menos envolvidos na relação.

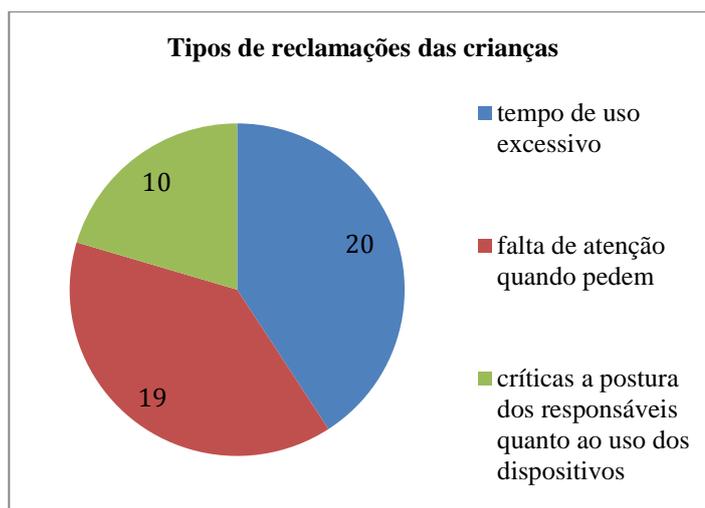
Nós achados são limitados porque ouvimos os adultos sobre a reação das crianças (o ideal seria dialogar com elas). No entanto, nossos entrevistados indicam insatisfação e descontentamento delas no convívio familiar. Os conflitos, a insegurança e a sensação de desprezo podem atingir a confiança da relação. Não é possível construir qualquer relacionamento sem uma base sólida de segurança.

Sobretudo na relação parental e coparental, a qualidade do vínculo entre pais e filhos pode ser afetada. Uma vez que os responsáveis enxergam seus filhos chateados, agitados e até mesmo rejeitados, talvez indique que as crianças podem estar enfrentando insegurança com respeito ao seu lugar de prioridade na relação.

De acordo com Henriques et al. (2011), situações de impasse e conflito dão lugar a desconfiança e prejuízo principalmente na comunicação entre pais e filhos.

O Gráfico 10 foi construído com base nos códigos que definem o tipo de comentários das crianças quando os cuidadores estão interagindo com os *smartphones*. Ou seja, estes dados são sobre o teor das reclamações que os responsáveis alegaram que seus filhos fazem. Eles citaram mais de um tipo.

Gráfico 10 - Respostas dos responsáveis sobre os tipos de comentários feitos pelas crianças.



Fonte: feito pela autora

Os participantes falam sobre 3 tipos de reclamações dos filhos sobre à presença da tecnologia no convívio familiar. O estudo dos dados indica que os responsáveis podem ser confortados quando a sua interação com os *smartphones*. Quando as crianças se sentem incomodadas, suas reclamações são sobre o tempo de utilização (*tempo de uso excessivo*), a não prioridade delas relação (*falta de atenção quando pedem*) e a falta de exemplo dos adultos (*críticas à postura dos responsáveis quanto ao uso dos dispositivos*).

O item *tempo de uso excessivo* foi criado para a análise dos relatos em que os participantes falam sobre as insatisfações das crianças por conta do tempo de utilização da tecnologia. Outro fator agrava as situações de reclamações no ambiente familiar. Alguns participantes trazem situações em que elas percebem que não estão recebendo atenção porque o tempo de tela acaba sendo priorizado.

Dos 30 participantes, cerca de 20 perceberam incômodos dos filhos sobre o uso demasiado e 19 sobre falta de atenção.

A tecnologia *touch screen* se difunde nas rotinas das famílias e apresenta repercussões diferentes em cada contexto familiar. Os membros expressam comportamentos e percepções sobre os *smartphones* conforme constroem suas experiências. Considerando as sensações apresentadas pelos responsáveis mediante ao uso dos dispositivos na relação parental (Gráfico 8) e os tipos de reclamações feitas pelos filhos a respeito da tecnologia (Gráfico 10), acreditar que a insatisfação das crianças se traduz em efeitos negativos para o clima em família.

As famílias de hoje, diferentemente de décadas atrás, experimentam relacionamentos com novos contornos hierárquicos. Para Henriques, Féres-Carneiro & Ramos (2011), as interações entre os membros da família tendem a acontecer de maneira mais igualitária. As mudanças nos papéis do homem, da mulher e dos filhos trouxeram rupturas para a organização familiar, cooperando para novas maneiras de convívio e de relacionamento conjugal e coparental.

Em um contexto histórico e cultural anterior, possivelmente os cuidadores não aceitariam comentários dos filhos sobre as atitudes no lar. Pessôa & Rosa (2018) tratam da definição rígida na divisão de tarefas entre homem e mulher na família. A criança estava sujeita à autoridade dos pais e ocupava um lugar de subordinação. Nos dias atuais, existe uma tendência de abertura dos pais aos questionamentos e opiniões das crianças.

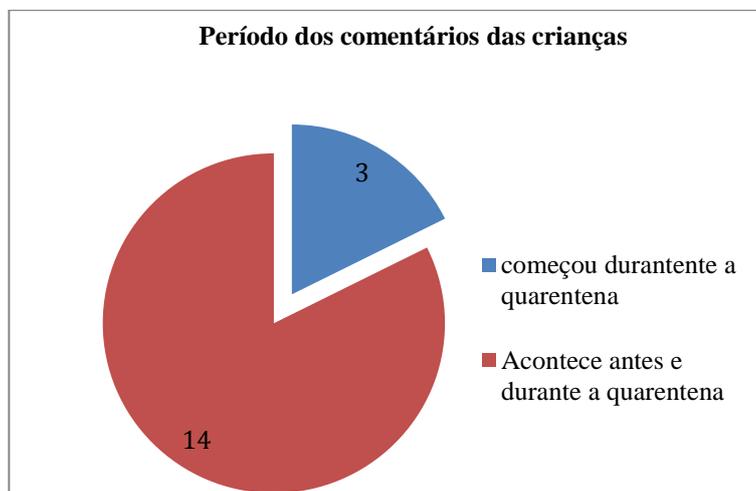
Observamos nas entrevistas, através dos relatos, que não só as crianças constroem suas opiniões sobre o uso de seus responsáveis, como também criticam a postura deles. Levantamos a hipótese de que a culpa, a frustração e a vergonha se desenvolvem nas mães porque percebem o descontentamento das crianças e acolhem os comentários sobre a presença das mídias na vida dos adultos. O novo lugar assumido pelas crianças na sociedade também nos ajuda a estudar sobre o papel delas no contexto familiar. As transformações da infância ao longo da história (ARIÈS, 1985) cooperam para a formação de um novo olhar sobre a criança (PINTO & SARMENTO, 1997; KUHLMANN JR, 2000), cooperando também para o surgimento de determinados valores na relação entre pais, mães e filhos.

Percebemos nas entrevistas que, entre os atributos apresentados pelos responsáveis como essenciais no envolvimento com as crianças (Gráfico 1), a

conversa e escuta dentro desse conjunto. É um indício de que os filhos podem ter mais espaço se abrir sobre seus questionamentos e incômodos no contexto familiar. No entanto, dar a abertura para as crianças exporem suas opiniões não significa, necessariamente, mudança nas atitudes dos adultos. As práticas, comportamentos e experiências de cada família trarão realidades diferentes quanto à presença da tecnologia no contexto doméstico.

Considerando o contexto pandêmico, nos interessou saber também em que momentos os comentários das crianças aconteceram. Dependendo do período dos comentários – antes ou durante a quarentena – poderia ser um indício de que os incômodos dos filhos sobre o uso dos responsáveis surgiram na quarentena ou se já vinham de antes. Posto isto, o gráfico seguinte aborda o período dos comentários relatados pelos entrevistados.

Gráfico 11 - Respostas dos responsáveis sobre o período dos comentários feitos pelas crianças.

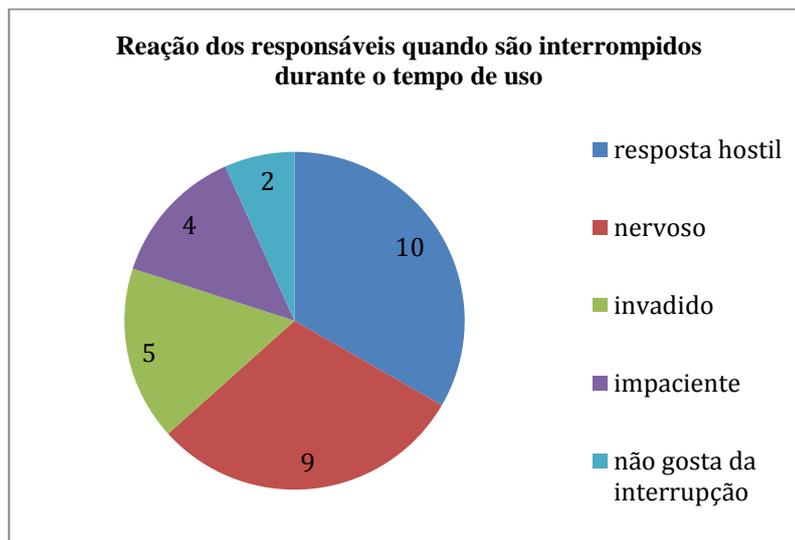


Fonte: feito pela autora

Percebemos que os comentários das crianças, nos casos apresentados pelos entrevistados principalmente, acontecem antes e durante a quarentena. Acreditamos que este período possivelmente tenha contribuído para o agravamento dos conflitos e interrupções pelo uso das telas, mas não significa que sejam situações do confinamento. É importante frisar que nem todos os participantes foram claros quanto ao tipo de reclamações ou quanto ao período em que ocorreram.

Buscamos investigar também como os entrevistados se sentem ou reagem com as crianças em situações que elas os interrompem quando estão utilizando os *smartphones*.

Gráfico 12 - Respostas dos entrevistados sobre como se sentem ou reagem diante das interrupções dos filhos quando usam os *smartphones*.



Fonte: elaborado pela autora

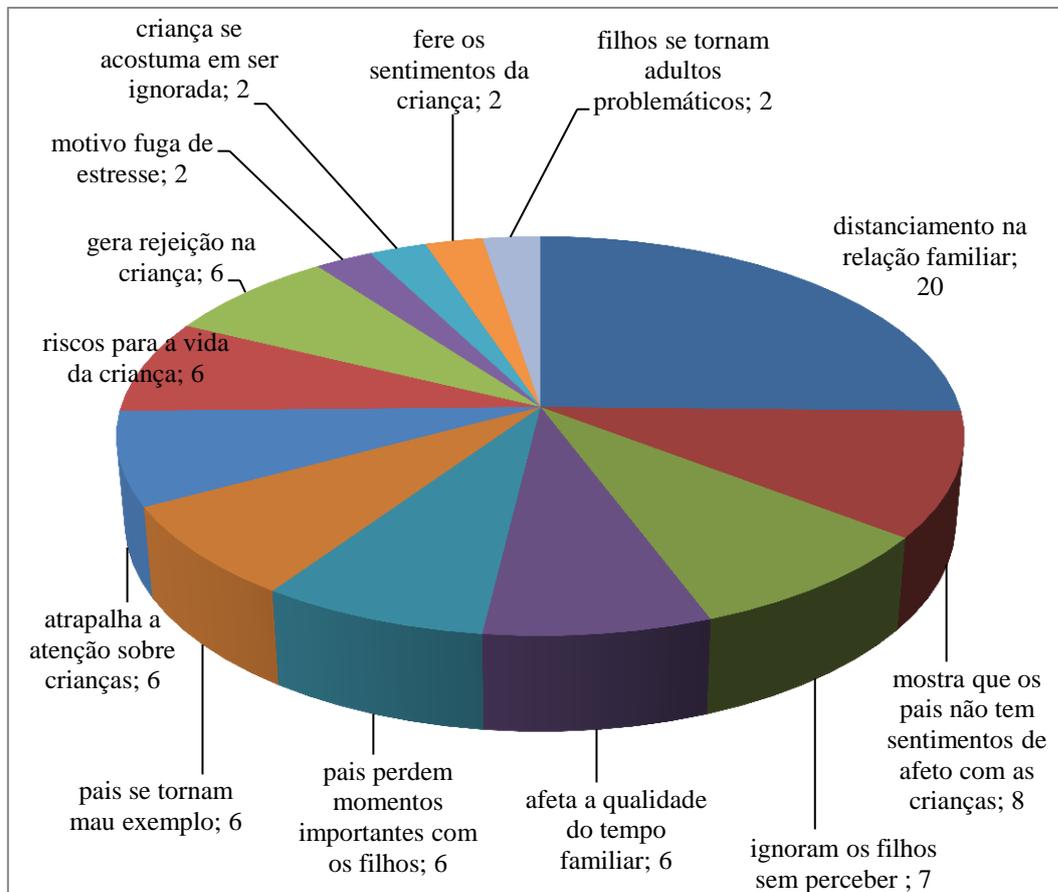
Os entrevistados experimentam mais de uma reação em ocasiões que as crianças tentam interagir, pedir algo ou conversar com eles. Em alguns casos a interrupção gera estresse nos usuários, o que faz com que os filhos recebam respostas grosseiras ou agressivas. Nos estudos de Radesky et al. (2016), são encontrados relatos de pais sobre dificuldade de entender as necessidades dos filhos, além de acabar dando respostas mais severas quando as crianças atrapalham o uso da tecnologia.

Contudo, ainda que os participantes percebam os conflitos por conta dos *smartphones* e surjam sentimentos de culpa e frustração, alguns se incomodam quando os filhos os interrompem. Eles reagem de maneiras distintas: *resposta hostil*, *nervoso*, *invadido*, *impaciente* e *não gosta da interrupção*.

Nós investigamos a visão dos responsáveis sobre o que pensam quando os outros pais se distraem com a tecnologia *touch screen* na presença dos filhos. Eles

apresentaram consequências que acreditam afetar a relação familiar. Agora, discutiremos no Gráfico 13 sobre a concepção dos responsáveis diante de situações de tecnoferência da vida dos outros.

Gráfico 13 – Respostas dos responsáveis sobre as distrações dos outros na presença dos filhos.



Fonte: elaborado pela autora

Antes de discutirmos estes dados, precisamos fazer uma observação. No Gráfico 5 apresentamos resultados sobre as experiências das consequências da presença dos *smartphones* na família dos entrevistados. Já o Gráfico 13 foi construído com base no que os entrevistados pensam da *tecnoferência* dos pais de outras famílias.

Dos 30 participantes, 20 acreditam que a interferência dos *smartphones* pode causar distanciamento entre os pais e filhos. É interessantes observarmos que o Gráfico 5 também mostra um item que é sobre o distanciamento entre os membros, mas ocorreu em apenas 9 entrevistas. Porém, notamos que quando os

entrevistados são questionados sobre os outros pais, 20 deles acreditam que as outras famílias estão tendo seus relacionamentos distanciados por conta do uso dos *smartphones*. Com isso, é provável que os responsáveis estão enxergando um distanciamento nos relacionamentos intrafamiliar no geral. Contudo, quando a reflexão é sobre os impactos do uso deles na família, talvez resistam falar com completa sinceridade o que sentem e como enxergam o uso deles. Pensar e criticar a forma com que eles se relacionam com seus *smartphones* (e os prejuízos para a relação com os filhos) talvez entre em conflito com as verdades que confrontam suas crenças e concepções do significado de ser pai ou mãe.

Por fim, gostaríamos de nos ater ao item *riscos para a via da criança*, este trata das distrações dos cuidadores como fator de risco para as crianças. Os riscos surgem na medida em que os adultos se distraem de tal forma que não conseguem observar nenhum acontecimento ao seu redor, deixando assim elas expostas à diferentes situações. A literatura aponta para a falta de segurança devido a distrações dos pais, sobretudo em casos de crianças pequenas (GARCÍA et al., 2018; MCDANIEL, 2019). Segundo García et al. (2018), os primeiros estudos sobre a temática se voltam para a distração dos adultos no trânsito e os acidentes envolvendo crianças por conta do uso das telas.

9.6.

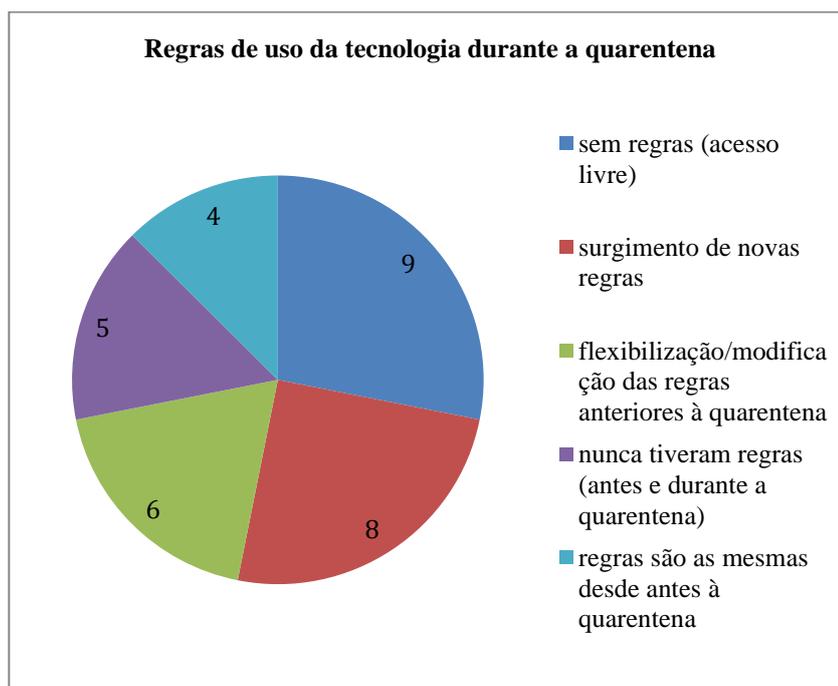
Regras e compartilhamento do uso na família

A experiência das crianças com a tecnologia *touch screen* tem se apresentado como um campo de múltiplas facetas de discussão, dentre elas estão as regras e a mediação do uso dos aparelhos. Além de pesquisadores se debruçarem sobre a temática, Instituições internacionais, educadores e profissionais da área da saúde defendem a importância de viabilizar a inserção dos *smartphones* e *tablets* com cautela e acompanhamento. A Academia Americana de Pediatria (AAP, 2016) se reforça a necessidade do acesso ser acompanhado por regras e monitoramento principalmente para as crianças pequenas.

O contexto da pandemia causou importantes mudanças no uso da tecnologia *touch screen* das crianças, devido ao confinamento e a modificação na rotina das famílias. Por isso, os responsáveis foram questionados quanto às formas

de acompanhamento. Esclarecemos que, diferentemente do uso dos adultos na pesquisa, algumas crianças mexem tanto nos *smartphones*, quanto nos *tablets* também. Portanto, esta sessão diz respeito aos dois tipos de dispositivos móveis. A seguir apresentamos dados sobre as regras do acesso aos *tablets* e *smartphones* na rotina durante a quarentena.

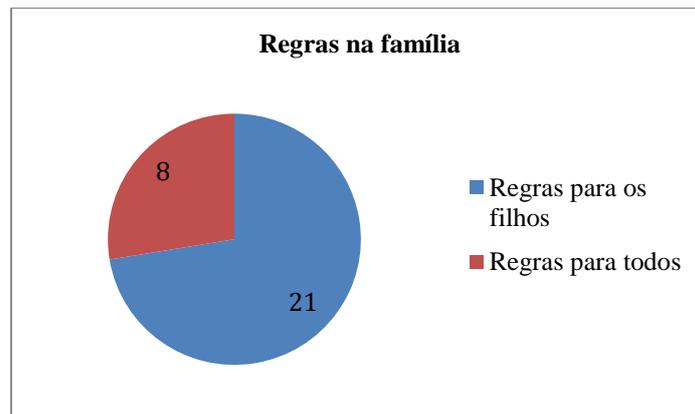
Gráfico 14 - Respostas dos responsáveis sobre as regras durante o período da quarentena



Fonte: elaborado pela autora

Os responsáveis foram perguntados sobre a abrangência das regras. Pretendíamos saber se elas valiam para toda a família ou somente para as crianças. A seguir, apresentamos os resultados segundo o número de respondentes.

Gráfico 15 - Respostas dos responsáveis sobre quais membros da casa estão sujeitos às regras



Fonte: elaborado pela autora

Houve casos em que os responsáveis não deixaram explícito como as regras têm sido usadas durante a quarentena. Eles apresentaram mais de uma situação no Gráfico 14. Nestes casos, consideramos as respostas dos entrevistados na íntegra e codificamos de acordo com o que foi exposto, mesmo parecendo estar em contradição.

As famílias possuem experiências distintas em suas dinâmicas de rotina concernentes à presença das mídias. De acordo com a distribuição do número de entrevistados no Gráfico 14, não houve concentração em nenhum dos itens. O que indica a diferença de contextos, entre as famílias, de utilização da tecnologia *touch screen*. Os entrevistados apresentaram situações em que seus filhos não tinham nenhum tipo de regulamentação de uso durante o período de isolamento. Analisamos também casos em que as crianças não tinham regras antes da quarentena, pois a própria rotina cooperava com o controle. No entanto, os adultos perceberam a necessidade de restringir a utilização dos aparelhos.

O confinamento e o acúmulo de funções, sobretudo das mães, cooperaram para o aumento do tempo de tela entre os membros da família. As restrições das opções de lazer, a transferência do trabalho para o ambiente doméstico e o aumento do tempo ocioso das crianças contribuíram para essa mudança durante a pandemia. Percebemos que as entrevistas apontam para três principais cenários na quarentena.

O primeiro é sobre o tempo de tela *sem regras (acesso livre)*. Os entrevistados culpabilizam a dificuldade em criar atividades para ocupar as crianças, o que os levou a permitir o livre acesso no tempo de uso da tecnologia. No segundo cenário, da mesma forma, nas situações em que as regras foram

flexibilizadas quando comparadas ao período anterior, os responsáveis também abordaram o aumento do tempo ocioso na rotina. Por fim, no último cenário encontramos relatos de que a quarentena e a nova rotina das crianças levaram à criação de normas e regulamentação para o acesso à *tablets* e *smartphones*. A literatura trata de alguns fatores que influenciam a criação de regras de monitoramento de uso, dentre elas estão a carga de trabalho dos pais e a concepção deles sobre a presença da tecnologia no cotidiano (MAIDEL & VIEIRA, 2015).

Como esperávamos, notamos diferenças na interação dos adultos e das crianças com a tecnologia. Quando os entrevistados foram questionados sobre as regras de uso das telas na família, de forma geral, eles faziam referência ao uso dos filhos e não se incluíam nas respostas. Isso pode ser observado no Gráfico 15 em que somente 8 disseram que as regras têm validade para todos. Percebemos que os participantes entendem que as restrições e as limitações devem ser destinadas às crianças e não aos adultos.

As crianças têm a primeira experiência com a tecnologia no ambiente doméstico. Dependendo da forma com que os responsáveis interagem com os dispositivos móveis, é neste ambiente que as oportunidades de interação surgem. No entanto, eles devem ser os que ensinam sobre normas e restrições (MAIDEL & VIEIRA, 2015).

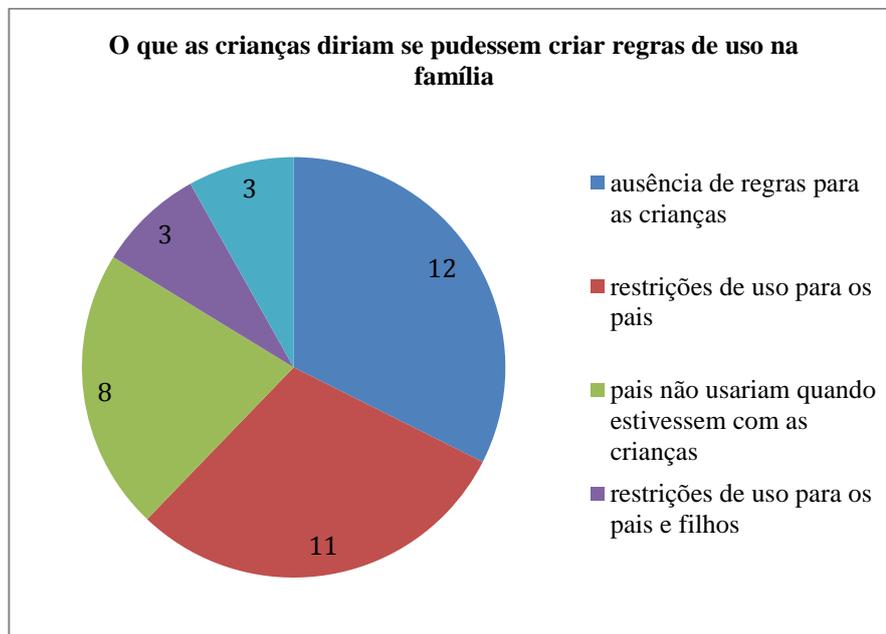
Todavia, precisamos pontuar que o fato de existirem normas somente para as crianças, talvez se transforme em conflitos e questionamentos. Como apresentamos no Gráfico 10, algumas das crianças criticam a postura dos adultos. Em um cenário em que meninos e meninas se relacionam com os adultos com maior igualdade e abertura às suas opiniões, os responsáveis acabam sendo alvos de críticas quando tentam implementar regras que não cumprem.

Uma das discussões sobre a presença da tecnologia *touch screen* no contexto familiar é o monitoramento e normatização do acesso. Nos estudos de Hiniker et al. (2016) sobre a inserção dos dispositivos móveis na rotina, eles discutem sobre a insatisfação dos filhos quando os pais não cumprem as próprias normas. Isso colabora com tensões entorno do que os pais cobram de seus filhos e a suas atitudes.

Como já foi dito anteriormente, não foi possível englobar a participação direta das crianças nas entrevistas. No entanto, perguntamos aos responsáveis

sobre o que acreditavam que seus filhos diriam caso pudessem criar normas para a presença dos *smartphones* na rotina da família. Analisamos as respostas e construímos o gráfico abaixo de acordo com o número de entrevistados.

Gráfico 16 - Respostas dos entrevistados sobre possíveis regras que as crianças criariam.



Fonte: criado pela autora

Nossos participantes foram levados a pensar sobre uma situação hipotética: caso os filhos tivessem o direito de construir regras sobre o uso dos *smartphones* e *tablets*, quais os tipos de regras surgiriam? Neste caso, eles citaram mais de um item.

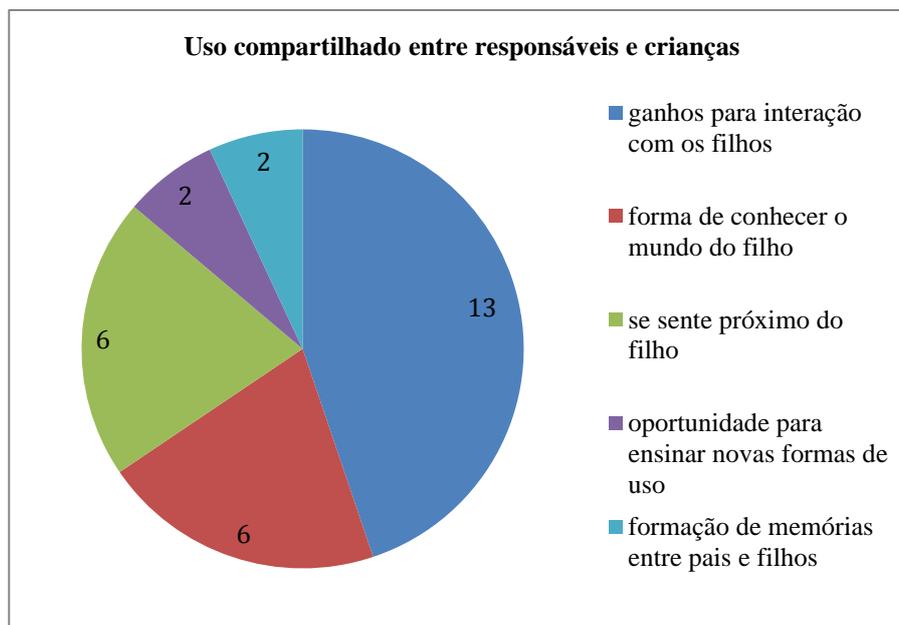
Como observado no gráfico, em alguns casos, os participantes acreditaram que as crianças restringiriam e até proibiriam o uso dos *smartphones* e *tablets* deles. Por outro lado, em alguns contextos, os filhos não estipulariam regras para seu próprio uso, de acordo com a visão dos responsáveis.

A restrição para os pais e não para as crianças talvez seja um indicativo de que a forma de interação dos adultos com os dispositivos móveis está em oposição ao que os filhos considerariam como ideal. Nós não perguntamos aos participantes sobre os motivos da criação das regras, já que não era o foco da discussão da pesquisa. Porém, acreditamos que elas estejam relacionadas com forma com que

os aparelhos atravessam a rotina da família e, mais especificamente, com a diferença entre o uso das crianças e o dos adultos.

Encontramos na literatura poucas pesquisas que abordam como a tecnologia *touch screen* seria aliada na interação entre os membros da família (COYNE et al., 2014, CHANG, 2015). Portanto, nos preocupamos também em entender a visão dos pais sobre experiências de uso compartilhado entre pais e filhos. Investigamos os responsáveis enxergam os efeitos do uso compartilhado para a relação com seus filhos. No Gráfico 17 estão os códigos construídos com base nas respostas. Foram encontrados mais de um código nas entrevistas.

Gráfico 17 - Respostas dos entrevistados sobre experiência de uso compartilhado com os filhos.



Fonte: criado pela autora

No Gráfico 17 estão os códigos sobre as experiências dos entrevistados com os filhos em situações que ambos estão envolvidos juntos com a tecnologia *touch screen* (uso compartilhado). Nos casos analisados nas entrevistas, o uso compartilhado esteve associado a benefícios para o relacionamento. Experiências de utilização em conjunto se transformam em oportunidades de conversa, de aprendizado e de troca das crianças com seus pais. Por isso, tem grande potencial de agregar positivamente na relação familiar.

Analisamos o código *ganhos para a interação com os filhos* e encontramos que o uso compartilhado é percebido pelos entrevistados como benéfico porque tanto eles, quanto seus filhos estão envolvidos em torno de um único foco: a tela de um *smartphone*. Brito (2016) aponta para a utilização compartilhada das tecnologias como forma de estímulo para o desenvolvimento de uma relação positiva entre pais e filhos.

Sharaievska (2017) encontrou em sua revisão trabalhos que indicaram impactos positivos para a relação familiar mediante a presença de tecnologia de comunicação (*apud* BARGH & MCKENNA, 2004; CANARY & DANTON, 2003; TAYLOR & VINCENT, 2005). Os impactos sentidos pelos membros da família são sobre o aumento da sensação de satisfação com o relacionamento, estreitamento dos laços entre eles e a oportunidade de aprender em juntos. Knitter e Zemp (2020) também traz, em sua revisão, artigos, teses e dissertações que discutem sobre a presença da tecnologia *touch screen* como aliada no desenvolvimento do relacionamento familiar.

As experiências de uso compartilhado são percebidas de maneira positiva, nestes casos, porque tratam de momentos em que os filhos conseguem a atenção dos cuidadores e que eles, por sua vez, mostram interesse em estar junto com as crianças. Além disso, a presença da tecnologia *touch screen* pode proporcionar diferentes desdobramentos para a relação parental: forma de conhecer mais o “mundo” da criança e seus gostos e preferências; cria a sensação de estar mais próximo à criança; estimula o desenvolvimento de memórias afetivas entre cuidadores e crianças.

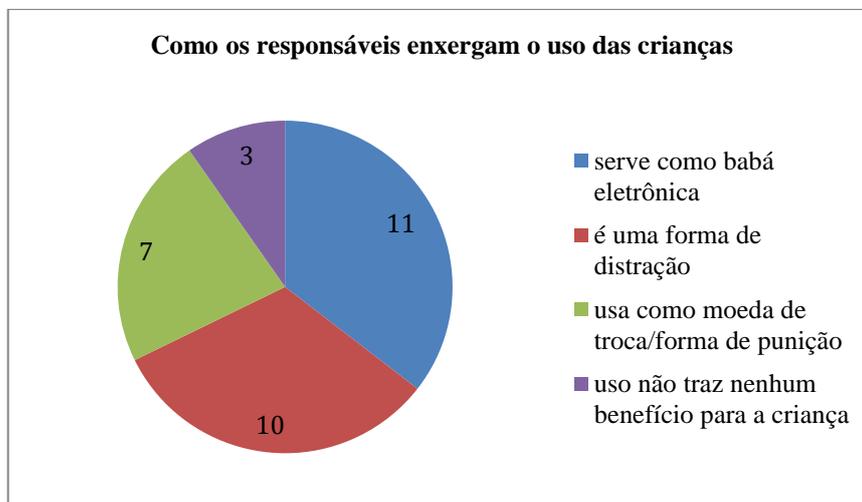
No entanto, os mesmos dispositivos móveis podem gerar experiências de natureza distinta, já que causam conflitos, insatisfação e sensação de prejuízo e distanciamento para a relação – conforme apresentamos no Gráfico 5. A *tecnofêrência* se tornou exemplo destes tipos de experiência na medida em que o uso da tecnologia pelos cuidadores interfere e atravessa a interação com as crianças (STOCKDALE et al., 2018; HINIKER et al., 2015; MCDANIEL, 2016a; 2016b).

9.7.

O que os pais pensam sobre o uso dos filhos.

Olhar para a inserção da tecnologia *touch screen* no cotidiano das famílias atravessa não só o uso dos adultos, mas também as experiências dos filhos. Nesta última sessão, discutiremos a respeito da concepção dos responsáveis sobre a forma com que crianças interagem com a tecnologia *touch screen*. Percebemos nas entrevistas que os *tablets* fazem parte das experiências de uso das crianças, por isso, os incluímos na discussão. Os responsáveis trouxeram diferentes perspectivas quando perguntamos sobre o que pensam da utilização dos *tablets* e *smartphones* pelos seus filhos. No gráfico abaixo estão as análises de acordo com o número de participantes.

Gráfico 18 - Respostas dos entrevistados sobre experiência de uso compartilhado com os filhos.



Fonte: criado pela autora

Podemos observar que quando se trata das experiências das crianças com os *tablets* e *smartphones*, os participantes trazem diferentes impressões. Encontramos 4 códigos, são eles: *serve como babá eletrônica*, *é uma forma de distração*, *usa como moeda de troca/forma de punição* e *uso não traz nenhum benefício para a criança*.

Os entrevistados relataram situações em que o *tablet* e *smartphone* foram usados como babá eletrônica, ou seja, eles permitem o uso das crianças para

ocupa-las. Nas entrevistas, percebemos que alguns não hesitaram em mostrar alívio quando os filhos estavam envolvidos com *smartphones* e *tablets*.

A pandemia não só forçou o confinamento de adultos e crianças, como mudou drasticamente a rotina deles. Se antes, os pais tinham a possibilidade de trabalhar e realizar tarefas do dia a dia enquanto os filhos estavam nas escolas, nas aulas extras – como natação e inglês – ou até mesmo com outros cuidadores, o confinamento limitou estas opções. No entanto, as responsabilidades dos adultos continuaram e, com a nova rotina, eles agora precisavam administrar o tempo necessário à criação dos filhos e aos afazeres domésticos/trabalho. Pode ser, portanto, que este contexto tenha contribuído para que alguns dos pais e mães acabem enxergando os *tablets* e *smartphone* como recurso adequado para entretê-los.

No entanto, os resultados de Sobral (2018) mostram que os dispositivos móveis em muitas situações serviam como *babás eletrônicas*, já que poderiam entreter, ocupar e manter os filhos seguros e quietos. Isso nos faz perceber que talvez a utilização da tecnologia *touch screen* como babá eletrônica não seja um fenômeno da pandemia, mas pode ter sido agravado por ela.

A seguir, apresentaremos alguns trechos das entrevistas sobre o que os entrevistados relatam do uso das crianças como *babá eletrônica*.

Quadro 20 - Exemplos de trechos das entrevistas analisadas com o código *babá eletrônica*

Trecho da entrevista
P11: “Eu considero assim, quando eles estão na internet, é como se tivesse deixado com uma outra pessoa, sabe? pra dar uma olhada, pra gente dar uma descansada, pra gente trabalhar [...] o momento que eles ficam sossegados aqui é quando eles estão no eletrônico.”
P18: “Na hora que eu estou limpando a casa e o pai fazendo alguma coisa, ela tá no celular. É alguém que no momento que a gente não pode estar por perto né, porque tem horas que a gente tem outras coisas pra fazer, e o celular acaba funcionando como babá nesse momento [...] substitui a gente. Eu vou ser muito sincera, dependendo da atividade que tem pra fazer, às vezes eu falo, poxa, que bom que ele tá lá, que o celular existe. A gente tá na confusão e ela fica quieta e tal.

P2: “[...] é que às vezes eu não quero que eles me perturbem, então eu largo lá no telefone, não quero nem saber o que estão fazendo [...] contanto que eles me deixem em paz.”

P24: “Muitas vezes eu me senti mal por estar naquela coisa de ter entregado o celular pra ter sossego e o menino que não tem ciência do quão viciante pode ser (o *smartphone*), começa a embrenhar no vício. Aí eu falo, tá vendo, você criou essa situação. Eu falo comigo né, você criou essa situação, você tá fomentando esse vício.”

Fonte: elaborado pela autora

Os trechos das entrevistas P11 e P18 retratam como os eles enxergam as crianças nos momentos em que elas estão ocupadas com os dispositivos móveis. Notamos que os responsáveis passaram por dificuldades em conciliar as responsabilidades dos adultos com os cuidados exigidos na criação das crianças. Para um dos participantes fica evidente o quanto a presença destes aparelhos se tornou parte da rotina da família no contexto de confinamento: “[...] é como se tivesse deixado com uma outra pessoa, sabe? pra dar uma olhada, pra gente dar uma descansada, pra gente trabalhar...” (P11). É possível que o uso de *tablets* e *smartphones*, no período do confinamento, chegue a ser incentivado pelos responsáveis, pois estariam “auxiliando” na rotina da família.

Sobral (2018) percebe a discrepância entre o que os pais apresentam como preocupação sobre a presença da tecnologia no viver das crianças – tempo excessivo por exemplo – e a forma com que se apropriam, utilizando-a como babás eletrônicas delas. No quadro acima, os trechos expostos indicam que os entrevistados consideram os *tablets* e *smartphones* como forma de acalmar os filhos. Por exemplo: “[...] não quero que eles me perturbem, então eu largo lá no telefone...” (P2). As *babás eletrônicas* são estratégias que vão além de uma forma de ocupar as crianças em determinado momento, significa terceirizar as obrigações e responsabilidades (atenção, a presença, conversa) da parentalidade.

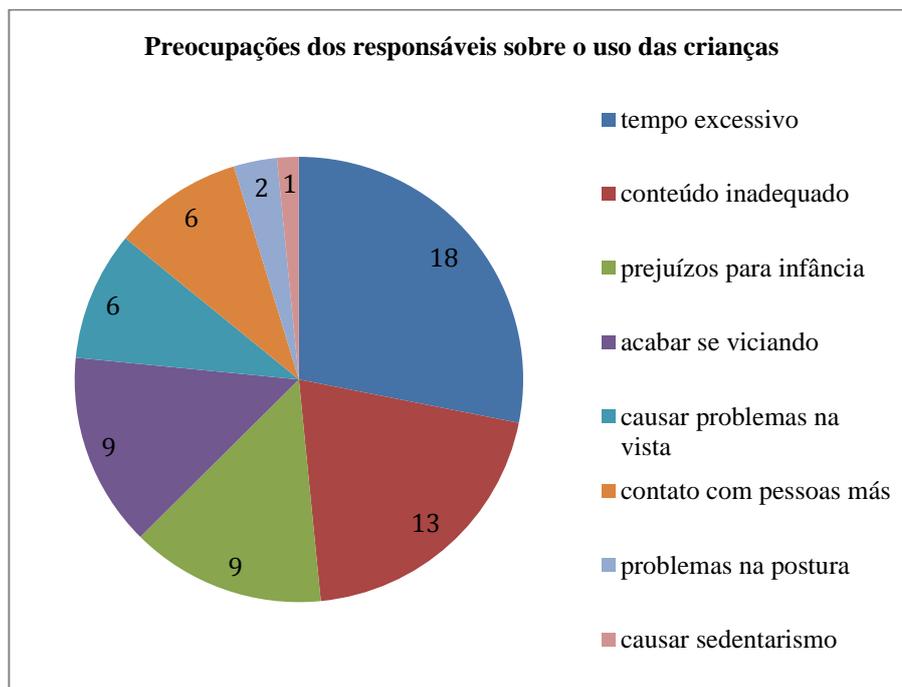
Ao voltarmos para o Gráfico 1, um dos atributos considerados essenciais na função de responsável é a *presença na vida dos filhos*. No entanto, utilizar os *smartphones* e *tablets* como *babás eletrônicas* torna os adultos ausentes e omissos na criação e educação das crianças. Porém, o uso como *babá eletrônica* pode vir

associado a sentimentos de culpa ou frustração: “[...] Eu falo comigo né, você criou essa situação, você tá fomentando esse vício.”.

A tecnologia *touch screen* se torna ferramenta nas mãos dos usuários e os impactos para a interação familiar talvez dependam de como as famílias permitem e usufruem dela em seu cotidiano, tornando assim um fenômeno complexo. Na mesma medida, as maneiras pelas quais as crianças exploram os *smartphones* e *tablets* vão despertar nos adultos certas inquietações, já que acreditam que podem causar consequências para suas vidas ao longo do tempo.

Nesse sentido, apresentaremos no Gráfico 18 as preocupações das mães e pais do estudo sobre a presença da tecnologia *touch screen* na vida dos seus filhos.

Gráfico 19 - Respostas dos entrevistados sobre as preocupações dos responsáveis mediante o uso das crianças.



Fonte: elaborado pela autora

Os entrevistados manifestaram diferentes preocupações com relação ao uso que as crianças estão tendo com a tecnologia *touch screen*. Eles citaram mais de um código. As preocupações estão alinhadas às experiências que das crianças, no entanto dialogam com visão e conhecimento deles sobre a presença da tecnologia no mundo. Isso significa que as concepções dos responsáveis talvez sejam influenciadas, entre outros fatores, pelo que circula nas mídias e nos canais de comunicação e informação.

O *tempo excessivo* trata da mudança na rotina das crianças, o que contribuiu para o aumento do tempo de tela. Os entrevistados mostraram preocupação com a quantidade de horas que os filhos estão dedicando aos aparelhos na pandemia.

A presença dos dispositivos móveis parece causar não só insatisfação dos filhos sobre o uso de seus responsáveis – como vimos nos relatos apresentados – mas também são motivos de preocupação sobre a vida das crianças. Além disso, o Gráfico 19 aponta para outros tipos de inquietações de natureza diferente como a exposição das crianças a *conteúdos inadequados*, surgimento de *vício* e até o contato *com pessoas mal intencionadas*.

A difusão dos *smartphones* trouxe novas discussões sobre os riscos e perigos que surgem na internet quando as crianças ampliam suas habilidades na plataforma. A discussão sobre a infância e os impactos mediante ao uso dos aparelhos móveis se revela complexa. Buckingham (2007) vai além e retrata uma polarização dos estudos sobre a relação entre as crianças e as mídias. Em sua perspectiva, existem os pesquisadores que reúnem seus esforços para provar os malefícios, e diversos prejuízos para esta etapa da vida, e os que enxergam as mídias como aliadas no processo de desenvolvimento infantil.

A inserção dos aparelhos na infância pode causar preocupações sobre impactos futuros, mas também são colocadas como aliadas na rotina dos adultos com os cuidadores das crianças. Os primeiros contatos dos filhos com os *smartphones* ou *tablets* tendem a acontecer no convívio com a família. Entender então as experiências das crianças significa também se voltar para experiências de seus pais, ambos estão articulados.

Conclusão

Vimos que a presença da tecnologia no dia a dia se deu por conta da multifuncionalidade, principalmente dos *smartphones* (MCDANIEL, 2019). Os adultos passaram a utilizar os dispositivos como meio de realizar tarefas comuns da rotina. As tecnologias digitais, sobretudo aquelas de telas sensíveis ao toque, entraram no contexto das famílias de forma definitiva e fazem, cada vez mais, parte da rotina delas. Com isso, surge o interesse na discussão sobre os impactos dos *smartphones* para os relacionamentos familiares e como estes são fontes de conflitos e interferência.

Os celulares “smart” estão presentes na rotina dos adultos como ferramenta que agiliza e facilita a rotina do dia a dia. O desenvolvimento de novos softwares atuam no sentido de garantir otimização de tempo e segurança dos dados. No contexto de proliferação de aplicativos e funções que agora podem ser feitas pelos *smartphones*, faz com que haja a concentração de tarefas na plataforma. Segundo Berlk (2013), os dispositivos móveis passam a ocupar maior lugar de importância para os usuários, tornando os *smartphones* uma extensão do ser humano.

O confinamento fez com que muitas famílias vivenciassem mudanças na dinâmica da rotina e do tempo. A pandemia que se instaurou no mundo abriu margem para a inovação e avanço tecnológico. Com isso, muitos setores do mercado de trabalho foram realocados para o ambiente doméstico, fazendo com que os adultos pudessem executar suas tarefas em *home office*. Os entrevistados apontam para a utilização dos *smartphones* como ferramenta de trabalho, entre outros motivos. Porém, a gestão do tempo que os responsáveis se dedicam aos dispositivos móveis, pode cooperar para o fim dos conflitos e desentendimentos na convivência entre os integrantes da família.

Partindo da concepção de que as famílias possuem vivências e estilos de rotinas de vida próprios, entendemos que os membros de cada contexto têm uma

forma específica de lidar com o uso dos *smartphones* e enxergar os impactos para a relação. Percebemos que quando se trata do uso dos adultos no contexto da família e como este é percebido, a forma com que as crianças enxergam está relacionada também com a experiência deles com as tecnologias.

A vida familiar, bem como as práticas que ali se constroem e se desenvolvem são complexas e devem ser olhadas com cautela. Embora os dados apresentados tragam algumas direções, notamos que a interferência da tecnologia *touch screen* nas relações de parentalidade possui dimensões múltiplas (como concepções dos responsáveis sobre a criação dos filhos e sobre os usos das tecnologias). Portanto, a temática não deve ser vista de maneira reducionista ou taxativa.

Os entrevistados abordaram diferentes experiências que estão experimentando com o acesso aos *smartphones*. Com os códigos *dependência/vício* e *tempo excessivo*, entendemos que entre nossos entrevistados os dispositivos móveis estão amplamente inseridos em suas rotinas. Consequentemente, considerando o contexto em que todos estão confinados por conta da quarentena, é provável que as intromissões e invasões dos celulares dos responsáveis aconteçam com maior frequência do que imaginam. Porém, como não foi possível escutar diretamente as crianças, reconhecemos a necessidade de abordar em pesquisas futuras as opiniões e concepções delas sobre o uso de seus pais.

Nossa pesquisa não teve a pretensão de olhar para a presença dos *smartphones* entre os integrantes da família especificamente no contexto da pandemia de Covid-19. No entanto, os dados foram produzidos nessa circunstância e, obviamente, afetou a relação dos adultos e crianças com os dispositivos móveis. Porém, houve relatos de que a tecnoferência dos participantes era comum ou que ocorreu um aumento no período da pandemia - o que significa que já acontecia antes. Além disso, quando alguns dos participantes foram questionados sobre o período das reclamações dos filhos, disseram que sempre aconteceram. É possível que a pandemia tenha exacerbado a tecnoferência na família, mas não significa que os conflitos e insatisfações entre os pais e os filhos tenham surgido neste período.

O contexto de difusão dos aparelhos “smart” e ampla utilização dos adultos contribuem para o aumento das situações em que podem ocorrer invasões, interrupções ou interferências nos relacionamentos na família. Embora McDaniel & Coyne (2016a; 2016b) tenham dedicado seus esforços à pesquisas sobre a tecnoferência do uso dos adultos nos relacionamentos, nosso estudo apontou conflitos na família por conta do uso das crianças. Em suma, concluímos que independente de quem seja o agente da tecnoferência (crianças ou adultos), podem gerar insatisfações daqueles que estão sendo ignorados na relação.

A presença dos *smartphones* no ambiente familiar deve ser analisada dentro do contexto de utilização dos dispositivos. Com base nos resultados, percebemos que as experiências dos responsáveis com as invasões e interferências da tecnologia nas interações com as crianças possuem diferentes dimensões. Considerar os fatores influentes na discussão significa perceber os sentimentos e impressões que surgem nos usuários diante de situações de tecnoferência.

Mostramos que os responsáveis, principalmente as mães, enfrentam conflitos internos quando priorizam o tempo com os aparelhos ao invés dos momentos em família. No entanto, ouvi-las fez com que pudéssemos perceber que a tecnoferência está relacionada com o que elas acreditam sobre as atitudes e atributos necessários no seu papel de mãe. Os sentimentos de culpa e frustração, relatados pelas participantes, surgem quando elas dedicam tempo à tecnologia, para realizar tarefas de trabalho ou atividades da rotina, e acreditam que estão deixando de cumprir as responsabilidades da função de mãe. Porém, ainda que os dados tenham contribuído para a compreensão dos fatores que cercam a temática, reconhecemos a necessidade de investigar especificamente os motivos que levam os pais usarem seus celulares na presença dos filhos. Pois, a *tecnoferência* nos relacionamentos de parentalidade não acontece isoladamente, mas são frutos de circunstâncias tanto do contexto familiar, quanto do contexto externo àquele ambiente.

Percebemos na revisão de literatura um grupo significativo de trabalhos apontando para os malefícios da distração dos pais enquanto cuidam das crianças (PALSSON, 2017; CIZMECI, 2018; RADESKY, 2018; MCDANIEL & COYNE,

2016a, 2016b) e os riscos que podem acarretar para elas (HINIKER et al., 2015). Poucos são os estudos que trazem experiências positivas do uso dos *smartphones*. Alguns tratam do uso dos dispositivos móveis como estimulador de experiências de troca e compartilhamento dos momentos em família (FERDOUS et al., 2016), outros apresentam as mídias como forma de entretenimento em família (COYNE et al., 2014) e aliadas na relação entre pais e filhos (CHANG, 2015).

Nossos dados apontam para indícios de que a presença dos *smartphones* pode oferecer ganhos para a interação entre pais e filhos. Percebemos que as experiências com os *smartphones* no ambiente familiar são transformadas pela forma com que estão sendo utilizados. Os responsáveis relataram situações de compartilhamento dos dispositivos com os filhos como caminho para conhecer mais sobre eles e estreitar o vínculo no relacionamento. Porém, quando as crianças estão excluídas dos momentos de uso dos responsáveis, isso faz com que elas se sintam rejeitadas ou entrem em disputa por atenção. Por isso, talvez a fonte de conflitos e experiências negativas não esteja no *smartphone*, mas na forma com que os adultos e crianças usufruem dela no contexto familiar.

Quando os adultos se dispõem à compartilhar as telas com as crianças, acaba beneficiando a interação entre eles pois são situações em que os filhos conseguem a atenção total dos responsáveis. A presença das telas nesta circunstância pode ser uma maneira de desenvolver e estreitar a relação entre pais e filhos. Por isso, diante da escassez de trabalhos na área, indicamos a produção de pesquisas que busquem analisar como a presença dos *smartphones* pode ser aliada na relação dos pais com as crianças.

Os resultados e as discussões aqui propostas enfrentam algumas limitações. Ao tratarmos das consequências do uso dos responsáveis na relação com os filhos, trabalhamos com as perspectivas dos participantes dos pais sobre a temática. Portanto, reconhecemos a necessidade de ouvir as crianças e realizar observações no ambiente de convívio da família quando os *smartphones* estão presentes. Destacamos também a dificuldade de encontrar trabalho da área no Brasil. A maior parte das pesquisas foi produzida em outros países, principalmente com a metodologia de entrevistas com adultos sem a participação das crianças.

Referências bibliográficas:

ADTANI, Nadiya. **Social media usage and parent-child bonding: a case of pre-primary children in Kampala city central division**. 2019. Tese de Doutorado. Kyambogo.

ALI, Reem A.; ALNUAIMI, Karimeh M.; AL-JARRAH, Imteyaz A. Examining the associations between smartphone use and mother–infant bonding and family functioning: A survey design. **Nursing & Health Sciences**, 2020.

ANTE-CONTRERAS, Denise. **Distracted parenting: How social media affects parent-child attachment**. 2016.

ÁRIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1985.

BAR-LEV, Yehuda; ELIAS, Nelly. **Learning from Screen Media in Early Childhood: A Double-Edged Sword**. Disponível em <<https://repositorio.ipl.pt/handle/10400.21/11652>>. Acesso em 20 de Julho de 2019

BARROSO, R. G., & MACHADO, C. (2010). **Definições, dimensões e determinantes da parentalidade**. *Psychologica*, (52-I), 211-229.

BEBÊ se afoga enquanto mãe se distrai com o celular. **Revista Isto É**, 2018. Disponível em <<https://istoe.com.br/bebe-se-afoga-enquanto-mae-se-distrai-com-celular/>>. Acesso em 20 de Julho de 2019.

BELK, Russell W. Auto-ampliado em um mundo digital. **Revista de pesquisa do consumidor** , v. 40, n. 3, p. 477-500, 2013.

BENETTI, Silvia Pereira da Cruz et al. A parentalidade no desenvolvimento da criança e do adolescente: contribuições psicanalíticas. In PESSÔA, Luciana Fontes; MENDES, Deise Maria Leal Fernandes; SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia. **Parentalidade: Diferentes Perspectivas, Evidências e Experiências**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018. cap.5.

BLACKMAN, Alixandra. **Screen time for parents and caregivers: Parental screen distraction and parenting perceptions and beliefs**. Pace University, 2015.

BLACKWELL, Lindsay; GARDINER, Emma; SCHOENEBECK, Sarita. Managing expectations: Technology tensions among parents and teens. In: **Proceedings of the 19th ACM Conference on Computer-Supported Cooperative Work & Social Computing**. 2016. p. 1390-1401.

BOLES, Richard E.; ROBERTS, Michael C. Supervising children during parental distractions. **Journal of Pediatric Psychology**, v. 33, n. 8, p. 833-841, 2008.

BRASIL tem 230 milhões de smartphones em uso. **Revista ÉPOCA**, 2019. Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/04/brasil-tem-230-milhoes-de-smartphones-em-uso.html>>. Acesso em 29 de Julho de 2016.

BRITO, Rita. Who taught you how to play?, i did!: digital practices and skills of children under 6. **Media Education**, v. 7, n. 2, p. 262-283, 2016.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BUCKINGHAM, David. Repensando a criança-consumidora: novas práticas, novos paradigmas. **Comunicação Mídia e Consumo**, v. 9, n. 25, p. 43-72, 2012.

CARRASCO RIVAS, Fernanda et al. El uso de dispositivos móviles por niños: entre el consumo y el cuidado familiar. **Cultura-hombre-sociedad**, v. 27, n. 1, p. 108-137, 2017.

CHANG, Po-Chien. The examination of parent-adolescent communication motives, relational maintenance and intimacy in the uses of communication technologies. **Journal of Media and Communication Studies**, v. 7, n. 10, p. 171, 2015.

CHIONG, Cynthia; SHULER, Carly. **Learning: Is There an App for That? Investigations of Young Children's Usage and Learning with Mobile Devices and Apps**", The Joan Ganz Cooney Center at Sesame Workshop, New York. 2010.

CIZMECI, Esra. **Looking for the Guilty in the Family Disconnect: The Case of Istanbul**, 2016. Disponível em http://www.21caf.org/uploads/1/3/5/2/13527682/13hrd-4100_cizmecici.pdf. Acesso em 20 de Dezembro de 2019

CORREA, Aline Medianeira Gomes et al. Impacto das tecnologias: o olhar dos pais acerca do viver saudável da criança. **Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**, 2016.

CRIANÇAS protestam contra uso excessivo do celular pelos pais. **Revista Crescer**, 2018 Disponível em <<https://revistacrescer.globo.com/Curiosidades/noticia/2018/09/criancas-protestam-contr-a-uso-excessivo-do-celular-pelos-pais.html>>. Acesso em 20 de Julho de 2019.

COYNE, Sarah M. et al. “**Media time= family time**” **positive media use in families with adolescents**. *Journal of Adolescent Research*, v. 29, n. 5, p. 663-688, 2014.

DA SILVA MELO, Diego Gomes et al. **Dependência tecnológica: a doença da contemporaneidade no contexto familiar**. 2018.

DA SILVA, Patrícia F.; DA CRUZ FAGUNDES, Léa; DE MENEZES, Crediné Silva. Como as crianças estão se apropriando das Tecnologias Digitais na Primeira Infância?. **RENOTE**, v. 16, n. 1, 2018.

DE SOUSA SCHMITZ, Mariana Eftting et al. Envolvimento Paterno e Temperamento Infantil: Revisão Sistemática de Literatura. **Interação em Psicologia**, v. 24, n. 1, 2020.

DEVITT, Kerry; ROKER, Debi. The role of mobile phones in family communication. **Children & society**, v. 23, n. 3, p. 189-202, 2009.

DOURADO, Ana; DABAT, Christine; ARAÚJO, Teresa Corrêa de. Crianças e adolescentes nos canaviais de Pernambuco. In DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. Editora Contexto, 2001.

FERDOUS, Hasan Shahid et al. TableTalk: integrating personal devices and content for commensal experiences at the family dinner table. In: **Proceedings of the 2016 ACM international joint conference on pervasive and ubiquitous computing**. 2016. p. 132-143.

FIGUEIREDO, Bárbara; LAMELA, Diogo. Parentalidade e coparentalidade: Conceitos básicos e programas de intervenção. **Contributo para a prática psicológica**, p. 151-172, 2014.

FRIZZO, Giana Bitencourt et al. O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica: implication for research and clinical practice. **Journal of Human Growth and Development**, v. 15, n. 3, p. 84-93, 2005.

GALERA, Nieves; MATSUMOTO, Mitsuko; POVEDA, David. The place of digital devices in the home and family routines of young children (3-7) in Madrid. **Media Education**, v. 7, n. 2, p. 284-300, 2016.

GOÉS, Jose Roberto de; FLORENTINO, Manolo. Crianças esquecidas das Minas Gerais. In DEL PRIORE, Mary. **História das crianças no Brasil**. Editora Contexto, 2001.

HARMON, Ellie; MAZMANIAN, Melissa. Stories of the Smartphone in everyday discourse: conflict, tension & instability. In: **Proceedings of the SIGCHI conference on human factors in computing systems**. 2013. p. 1051-1060.

HENN, Camila Guedes; PICCININI, Cesar Augusto. A experiência da paternidade e o envolvimento paterno no contexto da Síndrome de Down. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 4, p. 623-631, 2010.

HENRIQUES, Celia Regina; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; RAMOS, Elsa. Ajustes entre pais e filhos adultos coabitantes: limite e transgressão. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 4, p. 531-539, 2011.

HINIKER, Alexis; SCHOENEBECK, Sarita Y.; KIENTZ, Julie A. Not at the dinner table: Parents' and children's perspectives on family technology rules. In: **Proceedings of the 19th ACM conference on computer-supported cooperative work & social computing**. ACM, 2016. p. 1376-1389.

HINIKER, Alexis et al. Texting while parenting: How adults use mobile phones while caring for children at the playground. In: **Proceedings of the 33rd annual ACM conference on human factors in computing systems**. 2015. p. 727-736.

HOGHUGH, M. S., LONG, N. **Handbook of parenting: theory and research for practice**. Sage. 2004.

SOBRAL, Jacqueline. **Adultos, smartphones e crianças pequenas: um estudo sobre famílias midiaticizadas**. 2018. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

KILDARE, Cory A.; MIDDLEMISS, Wendy. Impact of parents mobile device use on parent-child interaction: A literature review. **Computers in Human Behavior**, v. 75, p. 579-593, 2017.

KNITTER, Barbara et al. Digital family life: A systematic review of the impact of parental smartphone use on parent-child interactions. **Digital Psychology**, v. 1, n. 1, p. 29-43, 2020.

KOHAN, Walter Omar. Infância e educação em Platão. **Educação e Pesquisa**, v.29, n. 1, p.1126, jun. 2003. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a02v29n1>>. Acesso em 20 de Outubro de 2019.

KOBARG, Ana PR; SACHETTI, Virginia AR; VIEIRA, Mauro L. Valores e crenças parentais: reflexões teóricas. **Journal of Human Growth and Development**, v. 16, n. 2, p. 96-102, 2006.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro: DP&A, p. 51-68, 2004.

KUHLMANN JR, Moysés. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista brasileira de educação**, n. 14, p. 5-18, 2000.

KUHLMANN JR, Moysés. **Ideias sobre a educação da infância no 1º congresso brasileiro de proteção à infância, rio de janeiro, 1922**. Disponível em <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema7/0749.pdf>; Acesso em 29 de Setembro de 2020.

KUSHLEV, Kostadin; DUNN, Elizabeth W. Smartphones distract parents from cultivating feelings of connection when spending time with their children. **Journal of Social and Personal Relationships**, v. 36, n. 6, p. 1619-1639, 2019.

LAMB, Michael E. et al. Paternal behavior in humans. **American zoologist**, p. 883-894, 1985.

LAMB, Michael E. O papel do pai em mudança. **Análise psicológica**, v. 10, p. 19-34, 1992.

LEMISH, Dafna; ELIAS, Nelly; FLOEGEL, Diana. “Look at me!” Parental use of mobile phones at the playground. **Mobile Media & Communication**, v. 8, n. 2, p. 170-187, 2020.

MAIDEL, Simone; VIEIRA, Mauro Luis. Mediação parental do uso da internet pelas crianças. **Psicologia em revista**, v. 21, n. 2, p. 293-313, 2015.

MANGAN, Elsa; LEAVY, Justine E.; JANCEY, Jonine. Mobile device use when caring for children 0-5 years: A naturalistic playground study. **Health Promotion Journal of Australia**, v. 29, n. 3, p. 337-343, 2018.

MARSH, Jackie et al. Play and creativity in young children's use of apps. **British Journal of Educational Technology**, v. 49, n. 5, p. 870-882, 2018.

MCDANIEL, Brandon T. Parent distraction with phones, reasons for use, and impacts on parenting and child outcomes: A review of the emerging research. **Human Behavior and Emerging Technologies**, v. 1, n. 2, p. 72-80, 2019.

MCDANIEL, Brandon T.; COYNE, Sarah M. “Technoference”: The interference of technology in couple relationships and implications for women’s personal and relational well-being. **Psychology of Popular Media Culture**, v. 5, n. 1, p. 85, 2016a.

MCDANIEL, Brandon T.; COYNE, Sarah M. Technology interference in the parenting of young children: Implications for mothers' perceptions of coparenting. **The Social Science Journal**, v. 53, n. 4, p. 435-443, 2016b.

MCDANIEL, Brandon T.; RADESKY, Jenny S. Technoference: Parent distraction with technology and associations with child behavior problems. **Child development**, v. 89, n. 1, p. 100-109, 2018.

MCDANIEL, Brandon T.; RADESKY, Jenny S. Technoference: Longitudinal associations between parent technology use, parenting stress, and child behavior problems. **Pediatric Research**, v. 84, n. 2, p. 210-218, 2018.

MCDANIEL, B. T. "Technoference": Everyday intrusions and interruptions of technology in couple and family relationships. **Family communication in the age of digital and social media**. New York: Peter Lang Publishing. Submitted: September, 2013.

MENDES, Manoel Everardo P. A Criança brasileira como um fenômeno de consumo: perspectivas no mercado de iogurtes a partir da análise de grupos motivacionais. **Encontro anual da Anpad**, v. 22, p. 1-17, 1998.

MEURER, Flávio Roberto. A individualização da criança no confronto entre a autoridade e a técnica. In: **Anais do XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 2001.

MORAN, Kevin. Watching parents, watching kids: Water safety supervision of young children at the beach. **International Journal of Aquatic Research and Education**, v. 4, n. 3, p. 6, 2010.

MOSER, Carol; SCHOENEBECK, Sarita Y.; REINECKE, Katharina. Tecnologia na mesa: atitudes sobre o uso de telefones celulares nas refeições. In: **Anais da Conferência CHI de 2016 sobre fatores humanos em sistemas de computação**. 2016. p. 1881-1892.

MOURA, Adelina. **Geração móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a "Geração Polegar"**. 2009.

NIKKEN, Peter. Implications of low or high media use among parents for young children's media use. **Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace**, v. 11, n. 3, 2017.

ODUOR, Erick et al. The frustrations and benefits of mobile device usage in the home when co-present with family members. In: **Proceedings of the 2016 ACM conference on designing interactive systems**. ACM, 2016. p. 1315-1327.

OS executivos do Vale do Silício criam seus filhos sem telas. Por quê?. **Virtual na Rede**, 2019. Disponível em <http://virtualnareal.com.br/pq_os_executivos_do_vale_do_silicio_criam_s

eus_filhos_sem_telas/?fbclid=IwAR3NyTw2MQ7YQK9APhi9dxW2Cy4YLqrg5m3kGbc8G5I1LDN5LTIUEJ_Cgbk>. Acesso em 20 de julho de 2019.

PALEN, Leysia; HUGHES, Amanda. When home base is not a place: parents' use of mobile telephones. **Personal and Ubiquitous Computing**, v. 11, n. 5, p. 339-348, 2007.

PALERMO, Fernanda Ribeiro et al. Ambiente conjugal: repercussões na parentalidade. **Cadernos de psicanálise (Rio de Janeiro)**, v. 38, n. 34, p. 129-148, 2016.

PALSSON, Craig. Smartphones e ferimentos em crianças. **Journal of Public Economics**, v. 156, p. 200-213, 2017.

PARENTS of Young Children: Put Down Your Smartphones. **American Academy of Pediatrics**, 2016. Disponível em : <<https://www.healthychildren.org/English/family-life/Media/Pages/Parents-of-Young-Children-Put-Down-Your-Smartphones.aspx>. >. Acesso em: 15 de Agosto de 2019.

PESSÔA, Luciana Fontes; ROSA, Jéssica Moraes. **Reflexões sobre a parentalidade e as transformações nas configurações familiares**. In PESSÔA, Luciana Fontes; MENDES, Deise Maria Leal Fernandes; SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia. Parentalidade: Diferentes Perspectivas, Evidências e Experiências. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018. cap.5.

PESSÔA, Luciana Fontes; MENDES, Deise Maria Leal Fernandes; SEIDL-DE-MOURA, Maria Lucia. **Parentalidade: Diferentes Perspectivas, Evidências e Experiências**. Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2018.

PICCININI, Cesar Augusto; ALVARENGA, Patrícia. **Maternidade e Paternidade: A parentalidade em diferentes contextos**. 1 ed. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda, 2012

PINTO, Manuel & SARMENTO, Manuel J. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In. PINTO, M. e SARMENTO, Manuel (org.). **As crianças; contextos e identidades**. Centro de Estudos da Criança, Universidade do Minho, Braga, Portugal, Portugal, p. 9-30, 1997.

RADESKY, Jenny S. et al. Patterns of mobile device use by caregivers and children during meals in fast food restaurants. **Pediatrics**, v. 133, n. 4, p. e843-e849, 2014.

RADESKY, Jenny et al. Maternal mobile device use during a structured parent-child interaction task. **Academic pediatrics**, v. 15, n. 2, p. 238-244, 2015.

RADESKY, Jenny S. et al. Parent perspectives on their mobile technology use: The excitement and exhaustion of parenting while connected. **Journal of Developmental & Behavioral Pediatrics**, v. 37, n. 9, p. 694-701, 2016.

RAMÍREZ GARCÍA, Antonia et al. **Vulnerabilidade infantil ante los smartphones: en busca de la competencia parental positiva**. 2018.

ROBB, M. B. The new normal: Parents, teens, screens, and sleep in the United States. **San Francisco: Common Sense Media**, 2019.

ROTHSTEIN, Theresa M. **The presence of smartphones and their impact on the quality of parent-child interactions**. 2018. Tese de Doutorado.

SAGIOGLOU, Christina; GREITEMEYER, Tobias. Consequências emocionais do Facebook: Por que o Facebook causa uma diminuição no humor e por que as pessoas ainda o usam. **Computers in Human Behavior**, v. 35, p. 359-363, 2014.

SCHMIDT, Beatriz et al. Envolvimento parental e temperamento de crianças: uma revisão sistemática da literatura. **Contextos Clínicos**, v. 12, n. 1, p. 75-103, 2019.

SENA, Isabela Cristina Martins. **Sistemas de cuidados de mães e babás na família contemporânea**. 2020. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

SHARAIEVSKA, Iryna. Updating the family operating system: A literature review of information communication technology and family leisure. **Leisure Sciences**, v. 39, n. 5, p. 400-414, 2017.

SILVA, Milena da Rosa; PICCININI, Cesar Augusto. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, v. 24, n. 4, p. 561-573, 2007.

STOCKDALE, Laura A.; COYNE, Sarah M.; PADILLA-WALKER, Laura M. Parent and Child Technoference and socioemotional behavioral outcomes: A nationally representative study of 10-to 20-year-Old adolescents. **Computers in Human Behavior**, v. 88, p. 219-226, 2018.

TEPERMAN, Daniela Waldman. **Família, parentalidade e época: um “nós” que não existe**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

TEYKAL, Carolina Macedo; ROCHA-COHUTINO, María Lúcia. O homem atual e a inserção da mulher no mercado de trabalho. **Psico**, v. 38, n. 3, p. 8, 2007.

TINOCO, Edna Lúcia Ponciano; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Modelos de família e intervenção terapêutica. **Interações**, v. 8, n. 16, p. 57-80, 2003.

VENTURA, Alison K.; TEITELBAUM, Simone. Maternal distraction during breast-and bottle feeding among WIC and non-WIC mothers. **Journal of nutrition education and behavior**, v. 49, n. 7, p. S169-S176. e1, 2017.

Apêndice

12.1. –Roteiro de Entrevista Semiestruturada

Bloco 1 (cotidiano):

- 1) Me conte um pouco sobre a rotina da sua família.
(antes e depois da quarentena)
- 2) Como são as refeições (casa/fora) na rotina da família?
- 3) O que significa pra você ter tempo de qualidade com sua família?
- 4) O que acha sobre a quantidade de tempo destinada aos momentos com seu filho?
- 5) Quais elementos você considera importantes no seu papel de mãe (ou pai)?

Bloco 2 (Perspectiva dos pais sobre seu próprio uso de celular ou tablet):

- 1) O que você acha da presença do celular no nosso cotidiano? Fale de pontos positivos e negativos (contribuições e desafios).
- 2) Para que funções você usa celular e/ou tablet?
- 3) Quanto tempo em média por dia você acha que você usa esses aparelhos?
(antes e depois da quarentena)
- 4) Como você acha que seu filho descreveria o seu uso do celular?
- 5) O que ele acha que você faz no celular (trabalha/ fala com os amigos/ entra nas redes sociais)?

Bloco 3 (Uso em família)

- 1) Quais diferenças você vê entre o seu uso dos aparelhos e o do seu filho? (antes e depois da quarentena)
- 2) Você acha que existem momentos na rotina da família em que essas tecnologias não devem ser usadas? Quais? Por quê?
- 3) Na sua casa existem regras para o uso desses aparelhos? Se sim, quais são?
 - a) Por que e por quem elas foram criadas?
 - b) As regras são para todos? Explique.
 - c) Você acha que todos seguem? Por quê?
 - d) As regras mudaram na quarentena? Como?
- 4) Em quais situações você usa o celular quando está com o seu filho? Por quê?
 - a) Com qual frequência isso acontece?
 - b) Você percebe alguma alteração no comportamento do seu filho quando você

está no celular? Ele (ou ela) fala alguma coisa?

c) Como você acha que ele se sente? E você, como se sente?

5) O que seu filho costuma fazer enquanto você está mexendo no celular?

(antes e depois da quarentena)

6) Seu filho costuma reclamar ou já reclamou alguma vez do seu uso do celular?

(antes e depois da quarentena)

7) Você já passou por alguma situação do seu filho interromper o seu uso de celular? Como você reagiu? O que sentiu na hora?

8) Você acha que o uso do celular pode interferir na relação entre pai e filho? Por quê, ou como?

9) O que você acha dos pais que mexem no celular enquanto estão cuidando/fazendo alguma atividade com o filho?

10) Você usa o celular ou tablet junto com seu filho? Quais atividades vocês fazem juntos? O que acha desses momentos de uso compartilhado?

(antes e depois da quarentena)

11) Se fosse da responsabilidade do seu filho colocar regras de uso de celular em casa, quais você acha que ele proporia? Por quê?

Bloco 4: (Perspectiva dos pais sobre o uso dos filhos)

1) O que você pensa do uso que seu filho faz do celular/tablet? (antes e depois da quarentena)

2) E do tempo que ele usa? (antes e depois da quarentena)

3) O uso do celular do seu filho interfere na relação com você?

12.2.

Apêndice 2– Termo de Consentimento livre e esclarecido– Responsáveis.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | RESPONSÁVEIS**

Prezado/a Responsável:

Vimos, por meio deste, te convidar participar desta pesquisa e assim pedir a autorização para que você e seu filho/sua filha participem do tema apresentado a seguir.

Pesquisa: Tecnoferência: impactos do uso de smartphones na relação entre pais e filhos.

Pesquisador Responsável:

Grazielle Frota | grazi.d.f@hotmail.com | Tel. (21) 983171928

Justificativas: O celular e o tablet estão sendo usados por adultos e crianças cada vez mais no Brasil e no mundo; esses aparelhos estão presentes em diferentes contextos, como casa, trabalho, shopping. Considerando a falta de estudos sobre o uso dessas tecnologias no cotidiano das famílias, nessa pesquisa buscamos compreender como estas tecnologias estão sendo usadas por adultos e crianças e o lugar que vêm ocupando nas suas relações.

Objetivos:

- 1) Entender de que forma celulares e tablets estão presentes nas relações entre pais e filhos;
- 2) Conversar sobre o uso do celular e tablet pelos pais enquanto estão com seus filhos;
- 3) Ouvir as crianças sobre a forma com que percebem o uso dos pais;
- 4) Ouvir e discutir com os pais sobre seu próprio uso.

Metodologia:

A metodologia está dividida em 2 etapas:

- 1) Entrevista com o responsável sobre o que pensa do uso do celular e *tablet* no contexto da família. Nesta etapa, a pesquisadora irá conduzir a discussão a partir de perguntas semi-estruturadas durante cerca de 30 a 40 minutos.

- 2) Entrevista com grupos de 3 a 4 crianças sobre a mesma temática. A conversa com as crianças também será realizada a partir de perguntas semiestruturadas.

O seu consentimento está sendo solicitado para a participação na 1ª etapa da pesquisa, que será realizada com você na escola, na sua casa ou em outro lugar que preferir. Caso não tenha disponibilidade de horários, essa entrevista também poderá ser feita por *WhatsApp*. Essa entrevista será realizada nos dias e horários que achar melhor e também será áudio-gravada para posterior análise. Apenas a autora e a orientadora da pesquisa terão acesso às gravações. Elas não serão divulgadas em hipótese alguma fora desse contexto.

Peço também seu consentimento para a participação de seu filho/ sua filha na entrevista em grupo, que será realizada na escola no horário do intervalo e que será vídeo-gravada para posterior análise. Apenas a autora e a orientadora da pesquisa terão acesso às gravações. Elas não serão divulgadas em hipótese alguma fora desse contexto.

Os resultados serão encaminhados para as escolas, que por sua vez poderão enviar para os pais participantes da pesquisa.

Riscos e Benefícios: Há possibilidade de ocorrer algum constrangimento ao abordar temas relacionados ao uso de celular e *tablet* no contexto da família. No entanto, todos os procedimentos levarão este risco em conta, respeitando os sujeitos envolvidos. Caso você se sinta constrangido ou com vergonha, poderemos interromper esta conversa, e se for do seu desejo, poderá parar de participar da pesquisa imediatamente. A pesquisa tem como benefício trazer uma melhor compreensão sobre a presença dessas tecnologias no seu cotidiano e no de seus filhos.

Em caso de qualquer dúvida sobre a pesquisa, você poderá, a qualquer momento, entrar em contato com a professora Dr.^a Zena Winona Eisenberg - seus contatos são: (21) 3527-2714 (PUC-Rio), (21) 99640-4038 (celular) ou ainda pelo e-mail zwe@puc-rio.br. E, com a pesquisadora Grazielle Dias Frota, pelos telefones 21.983171928, pelo e-mail grazi.d.f@hotmail.com ou no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio, localizado Rua Marquês de São Vicente, 225, Gávea - Rio de Janeiro, RJ – Brasil, Cep: 22451-900 - Cx. Postal: 38097 | Telefone: (55 21) 3527-1001 Caso você tenha dificuldade para entrar em contato com os pesquisadores responsáveis, comunique o fato à Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, que funciona na Rua Marquês de São Vicente, 225_ Gávea_CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ - TEL (21) 3527-1618.

Eu,

_____, de maneira voluntária, livre e esclarecida, concordo em participar da pesquisa acima identificada. Estou ciente dos objetivos do estudo, dos procedimentos metodológicos, dos possíveis desconfortos com o tema, das garantias de confidencialidade e da possibilidade de esclarecimentos permanentes sobre os mesmos. Fui informado(a) de que se trata de pesquisa em andamento no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Está claro que minha participação é isenta de despesas e que minha imagem e meu nome não serão publicados sem minha prévia autorização por escrito. Estou de acordo com a áudio-gravação da entrevista a ser cedida para fins de registros acadêmicos. Estou ciente de que, em qualquer fase da

pesquisa, tenho a liberdade de recusar a minha participação ou retirar meu consentimento, sem nenhuma penalização ou prejuízo que me possam ser imputados.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Pesquisa de Mestrado intitulada "Tecnoferência: impactos do uso de smartphones na relação entre pais e filhos".

Grazielle Frota, pesquisadora **[assinatura do responsável]**

Nome _____ completo:

E-mail: _____

Tel: (21) _____

Identificação (RG): _____ | Rio de Janeiro, ____ de
_____ de 20____.

Eu, _____, autorizo também a
participação do meu filho / da minha filha,
_____, Turma _____ da Escola
_____, a participar da pesquisa descrita
acima.

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do/a voluntário/a e outra para os arquivos do pesquisador.

12.3.**Apêndice 3– Termo de Assentimento.**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

**TERMO DE ASSENTIMENTO**

Você está sendo convidado para participar da minha pesquisa chamada “Tecnoferência: impactos do uso de smartphones na relação entre pais e filhos”.

Neste estudo, pretendo:

- 1) Entender de que forma celulares e tablets estão presentes nas relações entre pais e filhos;
- 2) Conversar sobre o uso do celular e tablet pelos pais enquanto estão com seus filhos;
- 3) Ouvir as crianças sobre a forma com que percebem o uso dos pais;
- 4) Ouvir e discutir com os pais sobre seu próprio uso.

Gostaria de contar com a sua participação nessa pesquisa. Se concordar, farei uma entrevista com você e mais 3 ou 4 alunos da sua escola. Você responderá junto com as outras crianças algumas perguntas sobre a rotina da sua família, os momentos de conversa entre você e seus pais e também sobre o seu uso de celular e tablet. Seus pais também participarão desta pesquisa e conversaremos sobre esses mesmos assuntos em entrevistas individuais.

A qualquer momento, você poderá tirar dúvidas ou encerrar sua participação na pesquisa. Caso você se sinta incomodado ou envergonhado durante a entrevista, peço que fale comigo para que eu possa te ajudar. No entanto, acho que essa será uma experiência divertida, já que você poderá discutir com outras crianças o que tem percebido sobre o uso do celular de seus pais.

A sua participação é voluntária e se você não quiser participar, não sofrerá nenhuma consequência, em casa ou na escola.

A entrevista será vídeo-gravada para que eu possa ver quem está falando em cada momento. Garanto que sua identidade não será revelada a ninguém e que somente eu e minha professora teremos acesso aos vídeos.

Esperamos poder contar com a sua participação nessa pesquisa.

Se você tiver qualquer dúvida sobre a pesquisa, você poderá, a qualquer momento, entrar em contato com a pesquisadora Grazielle Dias Frota, pelo telefone 21.983171928. E, também, com a Dr. Zena Winona Eisenberg - seus contatos são: (21) 3527-2714 (PUC-Rio), (21) 99640-4038 (celular).

Eu, _____, da turma _____ da Escola _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei pedir novas informações, e que o meu responsável poderá mudar de ideia sobre minha participação nessa pesquisa. Declaro que concordo em participar da pesquisa e que recebi uma cópia desta carta.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Pesquisa de Mestrado intitulada “Tecnoferência: impactos do uso de smartphones na relação entre pais e filhos”.

Rio de Janeiro, ____ de _____ de 20____ .

Assinatura do(a) menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

OBS.: Este termo é assinado em 2 vias, uma do/a voluntário/a e outra para os arquivos do pesquisador.

12.4.

Apêndice 4 – Manual de Códigos por família

GRUPO: Atributos na função de Responsável:

Conhecer o filho

Saber mais sobre o filho, como ele pensa, o que ele sente, do que ele gosta.

Conversa/escuta

Ter momentos de diálogo e de escuta com o filho.

Dar educação para os filhos

Dar limites e orientações para a criança.

Empatia

Tentar entender o filho, e compreendê-lo.

Paciência

Ter paciência, calma e tranquilidade para lidar com a criança.

Presença na vida dos filhos

Estar nos momentos da vida do filho, estar atento às suas necessidades.

Proteção

Proteger a criança diante dos perigos. Dar a ela a sensação de segurança.

Provisão financeira

Garantir o sustento financeiro da criança.

Resiliência na relação

Capacidade do cuidador de superar os problemas na relação, mantendo o equilíbrio.

Respeitar o espaço/opinião

Quando se aborda a questão do respeito ao espaço ou as opiniões da criança.

Ser bom exemplo

Quando se expressa a preocupação em ser um bom exemplo para o filho.

Ter sentimentos afetuosos

Quando se refere a sentimentos de carinho e de afeto pelo filho.

Ter vínculo de confiança

Estabelecer uma relação em que a criança sabe que pode confiar om os pais. Inclui parceria com os filhos.

GRUPO: Tempo de qualidade em família:

Dar atenção

Quando se fala da importância da atenção nos momentos de família, sem distrações.

Estar junto em família

Quando os membros estão envolvidos com atividades que gostam. Ex: ver filme, jogar, brincar.

Estar junto em família sem o celular

Quando os membros estão envolvidos com atividades que gostam sem a presença do *smartphone*.

Participar de atividades em ambientes abertos

Participar de atividades em lugares externos com os filhos. Ex: parques, praia.

GRUPO: Tempo de qualidade na quarentena:

Melhora na qualidade por conta da aproximação na relação

Quando se percebe que a qualidade do tempo é porque os membros da família estão mais próximos.

Piora na qualidade por conta do aumento de afazeres

Quando se percebe que a piora na qualidade do tempo é porque a carga de trabalho e afazeres aumentou.

Piora na qualidade por conta do confinamento em casa

Quando se percebe que a piora na qualidade do tempo é porque todos estão confinados.

Piora na qualidade por conta do estresse da nova rotina

Quando se percebe que a piora na qualidade do tempo é porque estão tendo estresses e conflitos entre a família.

GRUPO: Benefícios da presença do *smartphone* na vida do homem:

Acesso informação

Realizar buscas sobre qualquer assunto e ter acesso a qualquer tipo de informação.

Aproximação entre distantes

Quando o entrevistado fala da sensação de estar próximo daqueles que estão longe pelo fato de poder ligar ou fazer chamada de vídeo com a outra pessoa.

Comunicação

Facilidades na comunicação com as pessoas.

GRUPO: Malefícios da presença do *smartphone* na vida do homem:

Dependência/Vício

Quando se percebe que as pessoas estão viciadas ou dependentes da tecnologia.

Estresse com o aparelho

Diferentes estresses gerados entre o usuário e o aparelho. Ex: queda de internet, paralisação do funcionamento.

Fake News

Circulação de informações falsas.

Incômodos no corpo

Quando o uso causa dores no corpo, irritação nas vistas.

Informação excessiva

Acesso à grandes volumes de informações.

Prejuízo no sono

Quando causa insônia.

Problemas para cognição do usuário

Prejuízos para a capacidade de raciocinar.

Relacionamentos superficiais

Quando os usuários deixam de ter uma vida real para ter uma vida virtual.

Perdem a capacidade de enfrentar situações ou problemas no cotidiano.

Riscos da internet

Ter vazamento de informações do usuário, contato com pessoas más intencionadas. Riscos no geral que a internet pode trazer.

Sedentarismo

Quando os usuários deixam de praticar atividades físicas por conta do uso.

Tempo excessivo no aparelho

Quando se fala que as pessoas estão passando muito tempo na tela do *smartphone*. Exclui: Dependência ou vício.

GRUPO: experiência de uso dos responsáveis

Alívio não uso

Quando se fala sobre alívio quando o celular não está sendo usado.

Cria estratégias para evitar uso

Quando se comenta sobre a criação de estratégias para modificar seu próprio uso. Ex: desligar o wifi pra não usar final de semana.

Dependência/vício

Quando surgem relatos em que o entrevistado se sente viciado, atraído, preso ou dependente da tecnologia.

Incômodos no corpo (dores, irritação vistas)

Quando o participante diz sentir dores no próprio corpo por conta do *smartphone*.

Informação excessiva

Quando o participante fala sobre o grande volume de informações recebidas em seu *smartphone*.

Perda de atenção

Quando o usuário sente que está disperso por conta do uso do aparelho.

Perda de tempo

Quando o entrevistado fala sobre ter a sensação de estar perdendo tempo ao invés de fazendo outras coisas.

Prejuízo no sono

Quando o participante sente seu sono prejudicado por conta do uso.

Preocupação com notificações

Quando existe a preocupação, apreensão ou curiosidade em verificar o celular quando aparecem notificações.

Sensação de desinformação quando não usam

Usuário se sentir desinformado ou desatualizado quando não usa o *smartphone*

Sente pressão em ter que responder mensagens do trabalho

Quando o usuário se sente pressionado em ter que responder mensagens de trabalho.

Sente que é um mau exemplo

Quando o usuário diz que se sente como mau exemplo para os outros por conta de seu uso ou mostra ter preocupação sobre como os filhos vão os enxergar.

Sentimentos ruins quando vê alguns conteúdos

Quando o usuário fala sobre sentimentos ruins pelo contato com determinados conteúdos ou postagens.

Tempo excessivo

Quando o usuário fala sobre a presença do celular na maior parte do dia. Exclui: quando o usuário cita as palavras dependência ou vício.

Usa pra multifuncionalidade

Quando se usa para muitas funcionalidades.

Usa pra trabalho

Quando se usa para atividades do trabalho.

GRUPO: o que as crianças acreditam que eles fazem no *smartphone*

Usa pra entretenimento

Quando os pais dizem que acreditam que as crianças pensam que eles estão usando o *smartphone* para se entreterem.

Usa pra trabalho

Quando os pais dizem que acreditam que as crianças pensam que eles estão usando o *smartphone* para trabalhar.

GRUPO: tecnoferência familiar (presença do *smartphone* no cotidiano dos responsáveis)

Interrupção acontece sem usuário perceber

Quando as interrupções se tornaram tão corriqueiras que acontecem sem o usuário perceber que está ignorando o outro membro da família.

Causa distanciamento na família

Quando existem relatos sobre a sensação de afastamento ou distanciamento na relação familiar.

Conflitos entre os membros

Quando surgem relatos de conflitos na rotina familiar por conta do uso.

Insatisfação com próprio uso

Quando o responsável diz sentir-se incomodado com o próprio uso. Quando ele reprova ser próprio uso porque acredita estar afetando de alguma forma o seu relacionamento com seus filhos.

Insatisfação com uso da família

Quando surgem relatos sobre incômodos e insatisfações com o uso dos outros membros da família. Exclui incômodo com próprio uso.

Interação familiar afetada

Quando são citadas situações em que o *smartphone* atrapalha e interrompe determinado momento e assim a interação é afetada.

Interferência não atrapalha

Quando se diz que o uso do *smartphone* não atrapalha a interação entre os membros.

Interrupção é inevitável

Quando se diz que as interrupções são inevitáveis por conta da importância das atividades realizadas no *smartphone*.

Perda de momentos familiares

Quando existe a preocupação de que o uso do responsável faz com que o tempo com os filhos esteja sendo perdido.

Qualidade do tempo em família é afetada

Quando se diz que a qualidade do tempo em família está sendo afetada pelo uso do *smartphone*.

Se sente mal

Quando tem relatos de que os responsáveis se sentem mal/pra baixo por conta do uso.

Sente frustração

Quando se percebe a frustração por conta do uso do responsável.

Sente vergonha/culpa

Quando se percebe vergonha ou culpa por conta do uso do responsável.

GRUPO: Motivos da tecnofêrência familiar

Fuga de estresse

Quando os motivos das interrupções são para aliviar o estresse de situações da rotina.

Trabalho

Quando os motivos das interrupções são por conta do trabalho.

Não urgente

Quando os motivos das interrupções são não são urgentes.

Situação urgente/importante

Quando os motivos das interrupções são por conta de situações urgentes ou importantes para os usuários.

GRUPO: frequência da tecnofêrência familiar

Interrupções aconteciam mais antes da quarentena

Quando as interrupções do uso dos responsáveis começaram na quarentena e que antes não acontecia.

Interrupções acontecem mais na quarentena

Quando as interrupções do uso dos responsáveis aumentaram na quarentena.

Interrupções são comuns (antes durante a quarentena)

Quando as interrupções do uso dos responsáveis acontecem o tempo todo ou

que sempre aconteceram. Quando dizem também que são corriqueiras e costumam acontecer.

Pouco frequente em qualquer período

Quando as interrupções do uso dos responsáveis acontecem só às vezes, raramente.

GRUPO: reação das crianças pela visão dos responsáveis diante da tecnofêrência

Ansioso

Quando o responsável diz que a criança fica ansiosa.

Chateado

Quando o responsável diz que a criança se sente chateada quando o *smartphone* interrompe o momento.

Criança não gosta

Quando o responsável diz que a criança a não gosta.

Magoado

Quando o responsável diz que a criança se sente magoada.

Nervoso/agressivo

Quando o responsável diz que a criança fica nervosa e agitada.

Rejeitado

Quando o responsável diz que a criança se sente rejeitada ou menos importante.

Tenta chamar minha atenção

Quando o responsável justifica determinada atitude da criança porque está carente ou porque quer chamar sua atenção.

GRUPO: comentário das crianças sobre o uso dos responsáveis

Críticas à postura dos responsáveis quanto ao uso dos dispositivos

Quando as crianças fazem comentários sobre as orientações que eles dão sem conseguir cumpri-las na experiência com o *smartphone*.

Falta de atenção quando pedem

Quando as crianças reclamam sobre falta de atenção ou falta de tempo por conta do uso dos responsáveis.

Tempo de uso excessivo

Quando as crianças comentam/reclamam sobre o tempo de uso excessivo dos pais.

GRUPO: período dos comentários das crianças**Acontece antes e durante a quarentena**

Quando as reclamações das crianças sobre o uso dos responsáveis aumentaram durante a quarentena ou sempre aconteceram.

Começou durante a quarentena

Quando as reclamações das crianças sobre o uso dos responsáveis começaram na quarentena.

GRUPO: reação dos responsáveis quando são interrompidos**Impaciente**

Quando se diz que se sente impaciente.

Invadido

Quando se diz que se sente invadido.

Não gosta da interrupção

Quando diz não gostar da interrupção.

Nervoso

Quando se diz que se sente nervoso ou estressado.

Resposta hostil

Quando reage com respostas agressivas ou de maneira hostil.

GRUPO: tecnoferência geral (das interrupções dos outros pais)**Distanciamento na relação familiar**

Quando se diz que as outras famílias estão se distanciando por conta da presença do *smartphone* na vida dos pais.

Afeta a qualidade do tempo familiar

Quando se diz que a qualidade do tempo das famílias está sendo afetada por conta da presença do *smartphone*.

Atrapalha a atenção sobre crianças

Quando se diz que os pais acabam não conseguindo mais observar as necessidades dos filhos por conta da distração.

Criança se acostuma em ser ignorada

Quando se diz que a criança acaba se acostumando com a distração de seus pais.

Fere os sentimentos da criança

Quando se diz que a criança tem seus sentimentos feridos por conta da distração dos pais enquanto estão com eles.

Filhos se tornam adultos problemáticos

Quando se diz que as crianças com pais distraídos no *smartphone* se tornam adultos com algum tipo de problema.

Gera sentimento de rejeição na criança

Quando se diz que o outro se sente ignorado ou rejeitado por conta da distração no *smartphone*

Ignoram os filhos sem perceber

Quando se diz que as interrupções dos outros pais acabam não sendo percebidas pro eles.

Mostra que os pais não têm sentimentos de afeto pelas crianças

Quando se diz que os outros pais mostram falta de sentimentos, consideração, carinho por conta das interrupções do *smartphone*.

Motivo fuga de estresse

Quando se diz que os outros pais usam o *smartphone* na presença dos outros/crianças para fugir do estresse.

Pais perdem momentos importantes com os filhos

Quando se diz que os pais estão perdendo a oportunidade de acompanhar o crescimento dos filhos ou perdendo momentos importantes da vida familiar.

Pais se tornam mau exemplo

Quando se diz que os pais se tornam mau exemplo pros filhos ou que as crianças acabam imitando o comportamento deles.

Riscos para a vida da criança

Quando se diz que a distração dos pais representa riscos para segurança da criança.

GRUPO: durante o período da quarentena.

Regras todos

Nas entrevistas se entende que as regras são para todos.

Regras para os filhos

Nas entrevistas se entende que as regras são somente para os filhos.

Flexibilização/modificação das regras anteriores à quarentena

Quando se diz que as regras anteriores à quarentena foram flexibilizadas ou que as regras foram modificadas/ajustadas na nova rotina.

Nunca tiveram regras (antes e durante a quarentena)

Quando nunca houve regras.

Regras são as mesmas desde antes à quarentena

As regras se mantiveram, sem nenhuma mudança.

Sem regras (acesso livre)

Uso livre na quarentena, sem restrições somente neste período.

Surgimento de novas regras

Uso não tinham regras antes porque a rotina ajudava no controle. Mas na quarentena, os pais sentiram necessidade de construí-las.

GRUPO: regras criadas pela criança.

Ausência de regras para as crianças

As crianças diriam que não teriam regras para elas.

Pais não usariam quando estivessem com as crianças

As crianças não permitiriam o uso dos pais quando estivessem com seus filhos.

Proibição total do uso dos pais

Crianças proibiriam o uso dos pais.

Restrições de uso para os pais

As crianças pensariam em regras para restringir o uso dos pais.

Restrições de uso para os pais e filhos

As crianças colocariam limitações para todos na casa.

GRUPO: uso compartilhado entre pais e crianças

Forma de conhecer o mundo do filho

O uso compartilhado permite que o responsável conheçam mais sobre os filhos, suas preferências e gostos.

Formação de memórias entre pais e filhos

O uso compartilhado cria boas memórias para a criança.

Ganhos para interação com os filhos

O uso compartilhado com os filhos beneficia a interação o responsável.

Oportunidade para ensinar novas formas de uso

O uso compartilhado permite que a criança aprenda mais sobre o *smartphone*.

Se sente próximo do filho

O uso compartilhado faz com que os pais se sintam mais próximos de seus filhos.

GRUPO: uso das crianças pela perspectiva dos pais

É uma forma de distração

Quando se diz que o uso é uma forma de entretê-las na quarentena.

Serve como babá eletrônica

Quando se diz que o uso das crianças serve para acalmá-las ou para distraí-las enquanto os adultos estão ocupados.

Usa como moeda de troca/forma de punição

Uso da criança serve como moeda de troca ou como incentivo/castigo para elas obedecerem.

Uso não traz nenhum benefício para a criança

Quando se acredita que as atividades do filho no *smartphone* não contribuem para a criança. Quando se fala que o uso é inútil.

GRUPO: preocupação dos responsáveis sobre o uso das crianças**Acabar se viciando**

Preocupação dos filhos ficarem viciados.

Causar problemas na vista

Preocupações sobre danos nas vistas.

Causar sedentarismo

Preocupação com a falta de atividade física por conta do uso.

Contato com pessoas más

Crianças terem acesso à pessoas má intencionadas.

Conteúdo inadequado

Crianças terem acesso a conteúdos inapropriados. Ex: sexualidade, pornografia, violência.

Prejuízo na infância

Quando uso pode representar prejuízos para a infância. Ex: não brincar mais com outros objetos.

Problemas postura

Quando se comenta sobre problemas na postura das crianças quando usam o celular.

Tempo excessivo

Preocupação sobre o tempo excessivo de tela.

Anexos

13.1. Parecer da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



CÂMARA DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-Rio

Parecer da Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-Rio 117/2020 – Protocolo 126/2019

A Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio foi constituída como uma Câmara específica do Conselho de Ensino e Pesquisa conforme decisão deste órgão colegiado com atribuição de avaliar projetos de pesquisa do ponto de vista de suas implicações éticas.

Identificação:

Título: "Tecnofêrência: interferências do uso de smartphones na relação entre pais e filhos" (Departamento de Educação da PUC-Rio).

Autora: Grazielle Dias Froia (Mestranda do Departamento de Educação da PUC-Rio).

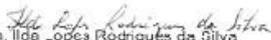
Orientadora: Zena Eisenberg (Professora do Departamento de Educação da PUC-Rio).

Apresentação: A pesquisa tem como objetivo investigar a influência do uso dos smartphones e tablets nas relações entre pais e filhos, buscando entender de que forma esses aparelhos tem estado presentes e interferindo nas relações familiares. Será desenvolvida junto a famílias de crianças com idade entre 8 e 10 anos matriculadas em duas escolas particulares e duas escolas públicas (de maior e de menor nível socioeconômico) respectivamente em turmas de 3º, 4º e 5º anos do ensino fundamental. Prevê o uso de entrevista semiestruturada individual com os pais e entrevista semiestruturada coletiva com as crianças.

Aspectos éticos: O projeto e os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido e de Assentimento Livre e Esclarecido apresentados estão de acordo com os princípios e valores do Marco Referencial, Estatuto e Regimento da Universidade no que se refere às responsabilidades de seu corpo docente e discente. Os Termos expõem com clareza os objetivos da pesquisa e os procedimentos a serem seguidos. Garantem o sigilo e a confidencialidade dos dados coletados. Informam sobre a possibilidade de interrupção na pesquisa sem aplicação de qualquer penalidade ou constrangimento.

Parecer: Aprovado


Prof. José Ricardo Bergmann
Presidente do Conselho de Ensino e Pesquisa da PUC-Rio


Profa. Tilda Lopes Rodrigues da Silva
Comissão de Ética em Pesquisa da PUC-Rio

Rio de Janeiro, 05 de dezembro de 2019

Vice-Reitoria para Assuntos Acadêmicos
Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio – CEPq/PUC-Rio
Rua Marquês de São Vicente, 225 – Gávea – 22453-900
Rio de Janeiro – RJ – Tel. (021) 3527-1612 / 3527-1618
e-mail: etica@puc-rio.br